



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

VANESSA RAINI DE SANTANA

**O PAPEL DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA DEMARCAÇÃO DE  
CRENÇAS E ATITUDES EM FOZ DO IGUAÇU**

CASCAVEL – PR

2016

VANESSA RAINI DE SANTANA

**O PAPEL DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA DEMARCAÇÃO DE  
CRENÇAS E ATITUDES EM FOZ DO IGUAÇU**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella.

CASCADEL – PR

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S223p

Santana, Vanessa Raini de

O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu. /Vanessa Raini de Santana.— Cascavel (PR), 2016.

121 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aparecida Feola Sella

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2016

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

1.Crenças – Atitudes linguísticas. 2. Operadores argumentativos. 3. Foz do Iguaçu. I. Sella, Aparecida Feola. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 401.43

CIP-NBR 12899

**VANESSA RAINI DE SANTANA**

**O PAPEL DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA DEMARCAÇÃO DE  
CRENÇAS E ATITUDES EM FOZ DO IGUAÇU**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

---

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Profa. Dra. Leticia Fraga  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

---

Profa. Dra. Sanimar Busse  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Cascavel, 03 de outubro de 2016.

Se há alguém a quem a escrita desta tese deve ser dedicada, essa pessoa sem dúvidas é a tão persistente e parceira orientadora, Aparecida Feola Sella.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço à professora Aparecida Feola Sella, pela dedicação e empenho na leitura e orientação do trabalho.

Agradeço à professora Letícia Fraga, por participar da banca de defesa desta tese e às professoras Clarice Cristina Corbari, Sanimar Busse, Vanderci de Andrade Aguilera e Fabiane Cristina Altino, por participarem da banca de qualificação e também de defesa da tese.

Agradeço à equipe que coordenou e participou da coleta e organização do “Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, o qual forneceu o material utilizado nesta tese.

Agradeço especialmente às Marianas da minha vida. Uma por permanecer insistentemente ao meu lado, mesmo nos momentos de maior aflição e desânimo. E outra por me mostrar alternativas para os desafios que a escrita da tese foi lançando diariamente.

Agradeço aos professores e colegas, que, direta ou indiretamente, colaboraram para a construção desta tese.

Agradeço à CAPES, por ter financiado a produção desta tese.

SANTANA, Vanessa Raini de. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu**. 2016. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel.

## RESUMO

Esta tese pauta-se nas orientações de Aguilera (2008) e, em parte, nos desdobramentos do NURC (Projeto Norma Urbana Culta). Em termos de crenças e atitudes linguísticas, o enfoque deu-se nos inquiridos de Foz do Iguaçu, colhidos por meio do Projeto de Pesquisa “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, em que se verificou como os falantes analisados avaliam aqueles que falam diferente. Ao longo da avaliação dos inquiridos, percebeu-se recorrência ao uso de operadores argumentativos, apresentando indícios de crenças e atitudes. Manobras argumentativas realizadas pelos informantes na busca de justificar suas escolhas ou de apresentar dados considerados relevantes para a constituição da sua resposta foram considerados como explicação para usos ainda não verificados no *corpus* em questão. Para verificação dessa hipótese, foram selecionados enunciados em que os operadores “já”, “até” e “então” foram utilizados. Para isso, optou-se por trabalhar com estudos referentes à semântica argumentativa, a partir de autores como Ducrot (1981, 1987, 2009) e Koch (2002); e crenças e atitudes linguísticas, cujos principais nomes são López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004). Buscou-se, com esses estudos, trabalhar com elementos que operassem argumentativamente no *corpus* e, ao mesmo tempo, introduzissem crenças e atitudes dos informantes. O objetivo da análise foi buscar uma relação entre os usos de operadores e as formas de acionar crenças pelos informantes. Inicialmente, levantou-se a hipótese de que certos operadores seriam utilizados para acionar um ou outro tipo de crença e, ao longo da tese, a busca pela validação dessa hipótese levantada foi possibilitando a identificação de dados importantes com relação à maneira como os informantes utilizam operadores argumentativos para expressar suas opiniões com relação à língua e à cultura do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crenças e atitudes linguísticas. Operadores argumentativos. Já. Até. Então. Foz do Iguaçu.

SANTANA. Vanessa Raini de. **The role of argumentative operators in the demarcation of beliefs and attitudes in Foz do Iguaçu.** 2016. 121 f. Doctoral thesis (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel.

### ABSTRACT

This research is based on Aguilera (2008) guidelines and, in part, on NURC research. In terms of language beliefs and attitudes, the focus is on surveys carried out in Foz do Iguaçu, collected via CAL Project, where we verified how the speakers evaluate those who speak different from them. During the analysis, we noticed recurrence to the use of argumentative operators, indicating evidence of language beliefs and attitudes. The argumentative maneuvers made by the informants to justify their choices or to present data considered relevant for the constitution of their answers were considered as explanation for uses not checked yet in the *corpus*. To verify this hypothesis, we selected statements with the operators "já", "até" and "então". For this, we chose to work with studies on the argumentative semantics, from authors like Ducrot (1981, 1987, 2009) and Koch (2002); and language beliefs and attitudes, with studies of López Morales (1993), Moreno Fernandez (1998) and Blanco Canales (2004). With these studies, we tried to work with elements that operate argumentatively and, at the same time, introduce the informants' beliefs and attitudes. The objective of this analysis was to find a relationship between the use of operators and the ways to set beliefs by informants. Initially, we raised the hypothesis that some operators would be used to set one or another kind of belief and, during the research, the search for validation of this hypothesis enabled the identification of important data regarding the way informants use argumentative operators to express their opinions about the language and culture of others.

**KEYWORDS:** Language beliefs and attitudes. Argumentative Operators. Já. Até. Então.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 FOZ DO IGUAÇU: UM PERCURSO HISTÓRICO</b> .....	<b>14</b>
1.1 EXTRAÇÃO DE ERVA-MATE E ISOLAMENTO .....	15
1.2 DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E INÍCIO DO POVOAMENTO.....	20
1.3 CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU E O IMPACTO NA REGIÃO.....	25
1.4 RELAÇÃO COM OS PAÍSES VIZINHOS E INSTALAÇÃO DE GRUPOS ÉTNICOS.....	27
1.5 FOZ DO IGUAÇU NA ATUALIDADE.....	29
<b>2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS E A RELAÇÃO COM A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO</b> .....	<b>31</b>
2.1 CRENÇAS E ATITUDES: UM PERCURSO TEÓRICO.....	31
<b>2.1.1 A noção de identidade presente na constituição de crenças e atitudes linguísticas</b> .....	<b>37</b>
<b>2.1.2 Crenças e atitudes linguísticas em pesquisas brasileiras</b> .....	<b>39</b>
2.2 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E OS MARCADORES CONVERSACIONAIS.....	44
<b>2.2.1 A manutenção da face</b> .....	<b>50</b>
<b>3 OPERADORES ARGUMENTATIVOS</b> .....	<b>52</b>
3.1 OPERADORES ARGUMENTATIVOS E A GRAMATICALIZAÇÃO.....	59
<b>3.1.1 O operador argumentativo “já”</b> .....	<b>60</b>
<b>3.1.2 O operador argumentativo “até”</b> .....	<b>61</b>
<b>3.1.3 O operador argumentativo “então”</b> .....	<b>63</b>
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>65</b>
4.1 HISTÓRICO DO PROJETO CAL.....	65
<b>4.1.1 Seleção dos informantes</b> .....	<b>66</b>
<b>4.1.2 Instrumento de coleta de dados</b> .....	<b>67</b>
<b>4.1.3 Tratamento dos dados</b> .....	<b>67</b>
<b>4.1.4 Pesquisas realizadas a partir do <i>corpus</i> do Projeto CAL</b> .....	<b>68</b>
4.2 METODOLOGIA DESTA TESE.....	71
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>73</b>
5.1 CRENÇAS E ATITUDES IDENTIFICADAS NO <i>CORPUS</i> .....	73

<b>5.1.1</b>	<b>Já: demarcador de comparação</b> .....	<b>74</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Até: demarcador de escala</b> .....	<b>85</b>
5.1.2.1	Até mesmo .....	85
5.1.2.2	Até que .....	89
5.1.2.3	Até porque .....	91
<b>5.1.3</b>	<b>Então: demarcador de conclusão</b> .....	<b>95</b>
5.2	CRENÇAS E ATITUDES GERADAS A PARTIR DO USO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO <i>CORPUS</i> .....	99
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu, na região Oeste do Paraná, é uma localidade que apresenta características singulares, seja de constituição, seja de contato com outros países, línguas e culturas. Considerando a presença de grupos étnicos distintos e o contato diário com argentinos e paraguaios, a região demonstra particularidades interessantes, que validam aspectos relevantes com relação à visão e aceite do outro.

A partir dessa convivência com a fronteira e com imigrantes que estão inseridos no contexto da cidade, a realização desta tese está baseada na análise de elementos que demarcam posicionamentos, crenças e atitudes linguísticas dos falantes em inquéritos produzidos pelo Projeto de Pesquisa “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” (doravante Projeto CAL).

Para o desenvolvimento do Projeto CAL, os inquéritos foram direcionados para a visualização de como os informantes se comportam com relação a línguas e culturas diferentes, com o objetivo de identificar avaliações de como os falantes veem a si e ao outro. Isso fez emergir posicionamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, os quais foram avaliados ao longo das análises empreendidas nesta tese, perfazendo o recorte de *corpus* selecionado.

Este trabalho foi instigado por meio de desenvolvimento de pesquisa anterior, realizada durante o mestrado, com informantes brasileiros, residentes na cidade de Foz do Iguaçu, a respeito de falantes de línguas em contato na região. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da seleção de uma parcela de dados decorrentes do Projeto CAL. Diante dos resultados, mostrou-se possível empreender investigação com enfoque teórico que demarcasse a utilização de operadores argumentativos como indicadores de crenças.

Parte-se, portanto, da hipótese de que o uso de operadores, como “já”, “até” e “então”, influencia no tipo de crença acionada. Por se tratar de uma cidade multiculturalmente constituída, considera-se também a hipótese de que os falantes de Foz do Iguaçu utilizam encadeamentos atenuados para a indicação de crenças e atitudes linguísticas, o que ressalta certo cuidado ao construir declarações que podem indicar preconceito ou aversão ao que se diferencia social ou culturalmente.

Considerando os dados históricos da localidade, buscou-se avaliar nos inquéritos como são expressos os relacionamentos entre os falantes de línguas diferentes da que o informante utiliza. Depois de realizada esta atividade, e se comprovada a hipótese, serão cotejados os resultados obtidos, a fim de verificar se esses operadores atuam de maneira semelhante nos recortes selecionados. Ressalta-se, dessa relação entre os informantes e falantes de outras línguas, que as questões relativas à história, cultura, comércio, turismo e economia da cidade são bastante diversas.

Diante do material selecionado, verificou-se, a princípio, que o processo de operação argumentativa é desviado, pois parte dos informantes não quer lançar uma conclusão a respeito do outro, buscando, por vezes, a preservação da sua opinião. No entanto, como se trata de uma tese que foi direcionada para o desvendamento de como se constituem essas opiniões, transpostas em crenças e atitudes, há que se questionar: os informantes utilizam alguma manobra argumentativa para justificar suas crenças e atitudes ou mesmo para “camuflá-las” durante a realização do inquérito?

A partir desse cenário de pesquisa constituído, o objetivo principal é verificar se os operadores argumentativos conectam argumentos que levam a determinada conclusão, encadeiam os argumentos ou são utilizados na constituição de crenças e atitudes linguísticas. Para isso, foram tomados três objetivos específicos que norteiam o desenvolvimento da tese e principalmente a análise dos dados. São eles: i. verificar quais operadores argumentativos promovem encadeamento linguístico que leva a determinada conclusão e que acena para crenças e atitudes linguísticas; ii. avaliar qual movimento argumentativo ocorre com mais frequência pelos operadores selecionados; e iii. refletir sobre os dados obtidos.

Parte-se de estudos da Semântica Argumentativa, que são responsáveis pelas discussões a respeito de como se constitui a argumentação na língua e que tipo de orientação argumentativa pode ser realizada por meio do uso de um ou outro elemento linguístico. O foco da tese é verificar como se comportam os operadores argumentativos selecionados em uma situação real de uso, levando em consideração como eles influenciam nas atitudes linguísticas dos informantes.

Assim, realiza-se uma discussão teórica que engloba estudos relativos a operadores argumentativos e a crenças e atitudes linguísticas. O conceito de crenças e atitudes linguísticas é abordado, nesta tese, a partir de estudos realizados

por López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Blanco Canales (2004), que conceituam o tema com propriedade, além de outros autores que também o abordam e que realizaram pesquisas a partir desse tópico, como Aguilera (2008).

Como se trata de um material coletado a partir da fala, trabalha-se também com o conceito de marcador conversacional, que, por vezes, aproxima-se e até se confunde com os operadores argumentativos. Para isso, utilizam-se autores como Schiffrin (1987), Marcuschi (1991) e Penhavel (2005, 2013). Em relação aos operadores argumentativos, parte-se dos estudos de Ducrot (1987) e Koch (2002), na Semântica Argumentativa.

A tese está dividida em cinco capítulos, dos quais, resumidamente, destacam-se as seguintes características: i. no primeiro capítulo, apresenta-se um panorama geral sobre a cidade de Foz do Iguaçu, abarcando sua constituição desde o final do século XIX até a sua situação atual; ii. no capítulo dois, desenvolvem-se discussões teóricas que embasam a tese proposta, partindo de estudos mais abrangentes e clássicos sobre as crenças e atitudes linguísticas, passando por pesquisas realizadas em âmbito nacional, com o objetivo de avaliar e inserir nesta tese encaminhamentos metodológicos e analíticos que apresentaram êxito nessas pesquisas, e também apresentam-se dados relativos à conversação, mais especificamente no que se refere a marcadores conversacionais; iii. o capítulo seguinte é reservado à apresentação da Semântica Argumentativa e dos operadores argumentativos selecionados para a análise que se empreendeu nesta tese; iv. no quarto capítulo, apresentam-se dados relativos à metodologia selecionada para o levantamento do *corpus* ainda durante o Projeto CAL: como se deu o desenvolvimento da pesquisa, quais os procedimentos adotados durante a sua realização, o método de levantamento do *corpus*, os pontos selecionados e as características dos informantes, bem como a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta tese; v. e, por fim, apresenta-se a análise propriamente, para a qual foram selecionados 22 enunciados, em que se busca identificar as crenças e atitudes linguísticas que os constituem, analisando como são acionados os operadores argumentativos e verificando se as respostas dos informantes se voltam mais para a relação que eles têm com a língua do outro ou com o outro propriamente.

Com isso, tem-se, resumidamente, uma tese em que se buscou mesclar duas áreas da linguística; uma mais voltada para o papel que desempenham

determinados elementos linguísticos, os chamados operadores argumentativos, e outra que abrange a relação entre a constituição do indivíduo e a maneira como se posiciona diante de determinado fato. Dito isso, é importante ressaltar que, como cada uma dessas áreas do conhecimento possui sua própria terminologia e conceitos que estão relacionados à sua abrangência enquanto teoria, por vezes, serão utilizados conceitos referentes a uma e outra teoria na mesma análise, tendo em vista que são identificações que se complementam. É o caso, principalmente, das nomeações “informante”, que faz referência ao indivíduo que concedeu entrevista aos membros do Projeto CAL, e “enunciador”, que representa uma ou mais vozes presentes na constituição da argumentação do informante.

## 1 FOZ DO IGUAÇU: UM PERCURSO HISTÓRICO

A cidade de Foz do Iguaçu está situada na região Oeste do Estado do Paraná e é conhecida internacionalmente por suas belezas naturais, pela grandeza da Usina Hidrelétrica de Itaipu e por suas relações econômicas com os países vizinhos. Uma região de fronteira, de acordo com Piaia (2013, p. 17),

separa línguas, estruturas político-administrativas, costumes e demais aspectos constitutivos de uma nação. Mas a fronteira é também o lugar do encontro, onde os limites se tocam, é onde ocorre a troca, a comunicação, e também onde ocorre a percepção das diferenças.

Reconhecer a constituição do local contribui para a avaliação de como se processam as crenças de falantes. Trata-se de um histórico que se desenvolve na relação entre culturas próximas, porém, distintas. Com relação à presente tese, serão considerados dados desde a instalação da colônia militar de Foz do Iguaçu.

Caruso (2011, p. 37) situa e compara Foz do Iguaçu com outras cidades do cenário paranaense. Declara que

[...] é completamente diferente das outras. Ao contrário de Cascavel, Maringá ou Londrina<sup>1</sup>, que evoluíram gradativamente, ampliando a agricultura e incorporando algum tipo de industrialização, Foz é uma cidade que cresceu por ciclos econômicos independentes uns dos outros.

A Tabela 01, na sequência, ilustra os ciclos pelos quais a localidade passou.

---

<sup>1</sup> No contexto paranaense, as cidades de Londrina e Maringá são tidas como polos econômicos da região Norte do Estado. Essa região é conhecida por apresentar maior dinamismo em um curto espaço de tempo, a partir da sua ocupação, que começou em 1925 (TÖWS, 2010).

Tabela 01 – Acréscimo de habitantes em função dos ciclos econômicos

<b>Período</b>	<b>Ciclo econômico</b>	<b>Acréscimo populacional</b>
1870/1970	Extração da Madeira e Cultivo da Erva Mate	33.966
1970/1980	Construção de Itaipu <sup>2</sup>	102.355
1980/1995	Exportação e Turismo de Compras	74.861
1995/2008	Comércio, Turismo de Compras e Eventos	108.007

Fonte: PMFI (2009, p. 9).

Cada um desses ciclos teve influência na constituição da cidade, em como os habitantes foram chegando ao local, nas implicações promovidas pela precariedade de acesso para a região desde o início da colonização e na situação mais recente de Foz do Iguaçu, aspectos que serão detalhados na sequência.

### 1.1 EXTRAÇÃO DE ERVA-MATE E ISOLAMENTO

A região que hoje constitui o território da cidade de Foz do Iguaçu permaneceu por muito tempo abandonada por governos brasileiro e paranaense por estar situada a uma distância considerável de territórios mais habitados e de fácil acesso. Embora o território que atualmente constitui a cidade de Foz do Iguaçu tivesse sido demarcado como brasileiro, a proximidade com o Paraguai e a Argentina facilitou uma ocupação de indivíduos originários de tais países, cujo objetivo era a extração de erva-mate, produto muito visado no final do século XIX<sup>3</sup>.

Na busca pela contenção dessa exploração realizada por indivíduos oriundos dos países vizinhos em terras brasileiras, Wachowicz (1982) comenta que, no ano

<sup>2</sup> O *site* da Itaipu Binacional, operadora da Usina Hidrelétrica de Itaipu, apresenta a história de construção da geradora de energia (<https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>), informando que, no ano de 1973, técnicos percorreram o rio Paraná de barco em busca do ponto mais indicado para a construção da usina. O local escolhido era chamado por brasileiros e paraguaios de Itaipu, onde havia uma ilha que estava quase sempre submersa e, logo à frente, uma curva acentuada no rio, próxima da confluência com o rio Iguaçu. Por haver um longo cânion naquele ponto, o rendimento energético gerado seria grande se a usina fosse instalada lá, por isso a escolha do local onde a hidrelétrica foi construída.

<sup>3</sup> A erva-mate foi um produto com papel importante no desenvolvimento do Estado do Paraná. Ela teve três ciclos, começando por um com características mais primitivas, voltadas para o consumo, e que durou até 1820. A chegada do argentino Francisco Alzagaray ao Paraná, nesse ano, fez com que o produto passasse a ser explorado economicamente. Foi ele quem introduziu os processos de beneficiamento e comercialização do produto. Entre os anos de 1875 e 1880, tem início o terceiro ciclo da erva-mate, quando engenhos são levados para Curitiba e novas técnicas de industrialização são utilizadas, fazendo com que o Paraná assumisse a frente na produção da erva e se torne o principal exportador para países da América do Sul (BOGUSZEWSKI, 2007).

de 1888, o Ministro da Guerra, Tomás Coelho, designou uma comissão para a efetivação das seguintes metas, com relação ao Estado do Paraná:

- a – continuar a construção da estrada de rodagem entre Porto União e Palmas;
- b – melhorar a comunicação rodoviária entre Palmas e Guarapuava;
- c – abrir uma estrada que, partindo de Guarapuava, passasse pelo rio do Cobre e fosse ter ao Piquiri e por este até sua foz, no Paraná;
- d – construir algumas estradas estratégicas na Província de Mato Grosso;
- e – fundar uma colônia militar na foz do rio Iguaçu (WACHOWICZ, 1982, p. 21).

O estabelecimento dessa comissão e o seu envio para a região da foz do rio Iguaçu se deu de maneira precária, pois, como visualizado nas próprias metas do Ministro, o entorno da região não propiciava a chegada até a foz.

O grupo, ao fundar a colônia militar de Foz do Iguaçu, teve algumas surpresas, como a invasão de frentes argentinas de extração do mate em terras brasileiras. Também encontrou paraguaios buscando erva-mate a mais de 100 km do Rio Paraná, onde constituíram uma roça de 10 alqueires para servir de suprimentos a viajantes que passassem pela região (WACHOWICZ, 1982). Isso levou o governo brasileiro a se posicionar com relação a essa exploração realizada por estrangeiros, estabelecendo que a extração do lado brasileiro só poderia ser realizada com permissão prévia.

Quando essa expedição chegou à foz do rio Iguaçu, no ano de 1889, verificou uma população de “aproximadamente 324 pessoas das seguintes nacionalidades, sendo 212 paraguaias, 9 brasileiras, 95 argentinas, 5 francesas, 2 espanholas e 1 inglesa. Deste total 220 pertenciam ao sexo masculino e 104 ao sexo feminino” (LIMA, 2001, p. 21).

Essa exploração realizada por argentinos e paraguaios continuava acontecendo e os administradores da colônia não faziam nada com relação a isso, principalmente porque eles também eram beneficiados, pois, na maioria dos casos, tratava-se de pessoas destinadas ao local para cumprirem pena por delitos cometidos contra o governo. Esses indivíduos, portanto, passavam a ter, como objetivo, fazer fortuna rápida, o que era possível graças à exploração ilegal da madeira e do mate. O objetivo inicial da instalação da colônia militar, que era alterar

a forma como ocorria a exploração na região, tornou-se uma fonte alternativa de enriquecimento dos colonos que lá se instalaram.

Candido Ferreira de Abreu (1974), em dados publicados no *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*, declara que, a partir da constituição de uma colônia militar em Foz do Iguaçu, houve uma série quase que ininterrupta de erros, desmandos e desvios.

Toda essa situação na colônia militar motivou a instalação de uma agência fiscal no local em 1897. Segundo Wachowicz (1982), essa agência constatou o seguinte:

- a – a direção da colônia cobrava elevados impostos [...], além de uma caução muito pesada no início dos trabalhos, para garantia dos direitos;
- b – as medidas adotadas estavam afugentando o comércio e as explorações de mate e madeira. A firma Lopes Santiago & Cia., negociantes de Posadas, já havia abandonado inclusive a exploração de ervais situados fora dos limites da colônia (rio da Paz) [...];
- c – a exportação de erva mate em 1896 havia sido de 880.000 quilos registrados, não contando aquela que passou rio abaixo por contrabando, calculado pelo próprio comandante Torres Homem, em um terço da produção. Os ervais eram prodigiosos e as madeiras de excelente qualidade, sendo porém a exportação exclusivamente de cedro;
- d – a região de Foz do Iguaçu estava praticamente abandonada como produtora de riquezas, e principalmente como porto comercial com o estrangeiro;
- e – a colônia na ocasião possuía 13 casas cobertas com zinco e taboinhas pertencentes à colônia e a particulares; mais uns 15 ranchos cobertos de capim e dispersos numa área de 8 a 10 hectares;
- f – não existia na sede uma única plantação de hortaliças ou árvores frutíferas, o que seria sinal de indolência;
- g – a população seria decrescente, pois que achando-se oprimida, estava mudando com as famílias para o Paraguai. Os praças<sup>4</sup>, em número aproximadamente de 20, frequentemente desertavam, ao serem empregados, inclusive nos serviços particulares dos oficiais, ou então em roçar a sede colonial ou na construção da *zorra* do porto;
- h – a sede da colônia estava situada na margem esquerda do rio Paraná<sup>5</sup> a aproximadamente um quilômetro das águas e a 6 da foz do rio Iguaçu. A cerca de 19 quilômetros da colônia, a montante pelo rio Paraná, ficava a vila paraguaia de Tacurupucú<sup>6</sup>, distante do seu porto uns 4 quilômetros. Em frente, do lado brasileiro, estava o *porto*

<sup>4</sup> Na hierarquia militar, os praças são os soldados não graduados.

<sup>5</sup> O rio Paraná recebeu esse nome por estar situado em uma região que foi inicialmente ocupada por índios de origem Guarani, língua na qual “Paraná” significa “semelhante ao mar” (PARANÁ, 2010).

<sup>6</sup> A vila paraguaia de Tacurupucú atualmente é chamada de Hernandarias, nome dado ao distrito em homenagem a Hernando Arias de Saavedra.

*dos franceses, onde havia comércio, mas em vias de se transferir para o Paraguai (WACHOWICZ, 1982, p. 26, grifos do autor).*

Em relatório, essa comissão apresentou esses dados como responsáveis pelo “aniquilamento do comércio e da indústria, podendo ocorrer inclusive sua completa extinção” (WACHOWICZ, 1982, p. 27), situação que só seria modificada com a revisão do sistema tributário implantado no local pela administração, que visava à obtenção de benefícios próprios.

Anos mais tarde, em 1905, a população da colônia continuava sendo, em sua maioria, formada por trabalhadores braçais advindos dos países vizinhos, totalizando aproximados mil habitantes.

Com o passar do tempo, foram surgindo novas formas de chegar a Foz do Iguaçu: indo primeiro a Buenos Aires, passando por Corrientes e Posadas, ou via Rio Grande do Sul e Argentina. Anos mais tarde, o acesso se daria via estrada de ferro e, por fim, via estrada de rodagem que ligava, de forma precária, Guarapuava a Foz do Iguaçu.

A colônia militar foi emancipada em 1914, passando a se chamar Vila Iguaçu. Com isso, Jorge Schimmelpfeng se tornou o primeiro prefeito e foi criada uma Câmara de Vereadores. O nome da cidade passaria a ser Foz do Iguaçu somente quatro anos mais tarde, em 1918.

Em 1919, a estrutura da cidade era completamente diferente, sem calçamento das vias ou iluminação pública. Além disso:

Praticamente toda a mercadoria consumida em Foz do Iguaçu vinha da Argentina. Tudo entrava no país livremente, alimentação, vestuário, móveis de casa, etc. A população iguaçuense só tinha contato com a civilização quando chegava algum navio argentino (LIMA, 2001, p. 46).

Conforme aponta o autor, todo o consumo realizado em Foz vinha da Argentina, e o isolamento verificado na região tornava mais recorrente o relacionamento entre indivíduos de classes econômicas distintas. Essa relação entre as classes e o convívio com a cultura paraguaia e mesmo argentina eram necessários, pois Foz do Iguaçu continuava, ainda, completamente abandonada pelo governo federal. Conforme aponta Wachowicz (1982):

As evidências da ausência de brasileiros e conseqüentemente da cultura brasileira são frequentes, principalmente a partir da década de 1920. O isolamento das fronteiras brasileiras, notadamente na região das barrancas e a ineficiência dos poderes públicos para sanar estas deficiências, provocavam o início de manifestações por parte da *intelligentzia* brasileira<sup>7</sup>, no sentido de se enfrentar o problema. Um jornal curitibano denunciava, em 1928, que o brasileiro sofria do chamado *mal territorial*. Territórios quase infindáveis levavam os brasileiros a não se conhecerem a si próprios. Tais circunstâncias favoreciam, nas regiões limítrofes, a imposição, pelos estrangeiros, de seus usos, costumes e até de seu próprio idioma (WACHOWICZ, 1982, p. 129, grifos do autor).

Em 1924, Cezar Prieto Martinez<sup>8</sup>, Secretário de Estado do Paraná, fez o trajeto de Ponta Grossa a Foz do Iguaçu e constatou o que já se sabia sobre a região há tempos: existia, ali, grande influência dos países vizinhos. Segundo dados de Martinez, todo tipo de comunicação escrita e oral era realizada em espanhol a partir de Catanduvas. Durante esse período, os funcionários públicos da região eram os únicos que falavam português.

De igual forma, o dinheiro utilizado também não era o brasileiro. Sendo falado o espanhol e o guarani predominantemente, o peso argentino era a moeda utilizada para as transações comerciais na localidade. A moeda nacional era praticamente desconhecida e não possuía valor algum, não sendo recebida por ninguém, de tal forma que até os tributos precisavam ser enviados a Posadas para conversão e posterior envio a Curitiba (WACHOWICZ, 1982).

Desde a chegada dos primeiros exploradores às barrancas do rio Paraná [...], o controle do comércio de toda a região caiu nas mãos das casas comerciais argentinas, existentes em Posadas ou Corrientes. O comércio do lado brasileiro passou a ser considerado apenas uma simples extensão ou ampliação do desenvolvido pelos argentinos na região fronteiriça. Mesmo após a instalação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, todo o abastecimento da região continuou sendo feito pela Argentina. [...] Grande parte deste comércio de importação era feito por contrabando. Poucas eram as mercadorias que pagavam em Foz do Iguaçu o imposto de importação. A fim de não comprometer em demasia as autoridades fiscais brasileiras, os comerciantes argentinos usavam de um pequeno estratagema. Quando os vapores subiam o rio Paraná, nada descarregavam. No

---

<sup>7</sup> O *intelligentzia* brasileira se baseava no envolvimento do intelectual com a esfera política, com adeptos que buscavam a “defesa da nação” e que identificaram nos aparelhos do governo uma maneira de praticar, organizada e sistematicamente, suas ideias para alcançar uma unidade nacional (SANTOS, 2014).

<sup>8</sup> Martinez foi nomeado Secretário por meio do Decreto 474, de 13 de abril de 1920. Era professor paulista e foi selecionado para remodelar o ensino paranaense (SCHAFFRATH, 2011).

seu retorno vendiam mercadorias *nacionais*, sem as respectivas etiquetas argentinas (WACHOWICZ, 1982, p. 132, grifo do autor).

O comércio realizado na cidade era todo controlado pelos argentinos e a maior parte era realizada por meio de contrabando, cujo objetivo era não pagar impostos de importação. Os brasileiros não tinham condições de participar desse contrabando, pois os argentinos possuíam participação absoluta nesse comércio ilegal, dificultavam e impediam que os comerciantes paranaenses se impusessem na região. Em 1923, o próprio cônsul brasileiro em Posadas se pronunciou diante do governo brasileiro sobre o que estava acontecendo. No entanto, o contrabando apresentava uma via de duas mãos, sendo que o volume de exportação ilegal de erva-mate e madeira era ainda maior do que o de importação.

## 1.2 DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E INÍCIO DO POVOAMENTO

Durante todo esse período de “esquecimento” de Foz do Iguaçu por parte do governo brasileiro, era evidente a precariedade dos acessos ao local. O lado argentino, no entanto, propiciava o início da exploração de uma atividade turística no país: os Saltos de Santa Maria do Iguaçu<sup>9</sup>.

Os pioneiros do turismo para a região foram a firma *Nuñez y Gibaja e Vitória Aguirre*. Em 1901, a firma referida iniciou na região das cataratas, do lado argentino, a exploração da madeira. Seus dirigentes, empolgados com a beleza que lhes proporcionava o rio Iguaçu, iniciaram uma propaganda dos saltos, na Europa. Assim, a beleza atravessou o Atlântico e foi atrair a primeira leva de turistas, que constituiu o rastilho por onde se propagou a fama dos estupendos Saltos de Santa Maria (WACHOWICZ, 1982, p. 32-33).

A constante chegada de turistas para visitar a beleza que a natureza lhes proporcionava na região dos saltos estimulou a construção de um hotel e de um porto, na Argentina. Com isso, o cônsul brasileiro em Posadas percebeu a importância turística da localidade, que poderia se tornar uma fonte de renda e de colonização para a região. Com o objetivo de explorar também o local, o cônsul

---

<sup>9</sup> Antes de receber este nome, as Cataratas do Iguaçu eram conhecidas como Saltos de Santa Maria, nome dado por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, em 1542. O nome Iguaçu veio cerca de 200 anos depois, do Guarani, com o significado de “água grande” (CURY; FRAGA, 2013).

sugeriu que o governo brasileiro construísse uma ferrovia que fosse até Foz do Iguaçu, embora reconhecesse que isso era inviável na época.

A precariedade no acesso e a falta de estrutura para receber turistas eram evidentes. Em 1915, a cidade recebeu o Hotel Brasil, primeiro a se instalar no local, um pequeno estabelecimento que atendia à demanda no local. Em contrapartida, a Argentina possuía um hotel de alto padrão e conforto, compatível com a atividade turística que pretendia desenvolver. Isso tornou ainda mais difícil o desenvolvimento da atividade no Brasil. No entanto, os turistas que iam até a Argentina não ficavam sem realizar o passeio e a observação dos saltos também do lado brasileiro, pois o panorama oferecido em Foz do Iguaçu é “indescritível” (WACHOWICZ, 1982).

O fato que mais contribuiu para o estabelecimento da atividade turística no lado brasileiro se deu em 1916, quando Santos Dumont visitou a região, pelo lado argentino, e foi convidado a também se hospedar e visitar o lado brasileiro. “Santos Dumont ficou extasiado com a beleza ímpar das cataratas” (WACHOWICZ, 1982, p. 37), e mudou o percurso da sua viagem, voltando pela estrada até Curitiba, em busca do presidente do Estado, para o qual relatou que as terras ao redor das cataratas pertenciam ao argentino Dom Jesus Val, o qual poderia impedir a qualquer momento as visitas ao local.

Foi, então, baixado o decreto n.º 653 de 28 de julho de 1916. Este decreto declarou de utilidade pública o lote número nove da ex-colônia militar de Foz do Iguaçu. Reservava este decreto a área de 1.008 hectares, à margem direita do rio Iguaçu, junto às cataratas de Santa Maria, com o objetivo de ali instalar um futuro parque e povoação. Nascia, desta forma, o futuro Parque Nacional do Iguaçu, o qual [...] foi consideravelmente ampliado por sucessivas anexações. Hoje é praticamente a maior reserva florestal do Estado, formando um patrimônio incalculável, na preservação do meio ambiente (WACHOWICZ, 1982, p. 37-38).

Desde então, o que agora constitui o Parque Nacional do Iguaçu (PNI) se tornou conhecido internacionalmente, atraindo visitantes de países distintos. “O maior atrativo do PNI são sem dúvida as Cataratas. Três quartos das 275 quedas que integram o conjunto estão do lado argentino, o que faz com que o lado brasileiro seja mais adequado para a observação” (MOREIRA, 2008, p. 190).

Anualmente, milhões de visitantes são recebidos no Parque, vindos tanto do Brasil e países da América Latina como de todos os outros países do mundo, tamanha a fama e importância no cenário internacional de suas belezas naturais.

É inegável, portanto, a circulação de falantes de diversas línguas, adeptos de variadas culturas e com inúmeros interesses nessa região. A exploração turística da localidade permite essa troca de experiências, seja por turistas que passam um tempo determinado na região, seja por imigrantes, que resolvem se instalar na cidade por conta da diversidade cultural existente.

Os movimentos revolucionários que tomaram conta do Brasil no início da década de 1920 foram importantes também para a região. A era de exploração das riquezas naturais

finda-se com a vinda da Coluna Prestes e dos revolucionários paulistas que se encontram em nossa região, pelos idos de 1924, com a instalação da Companhia Isolada de Fronteiras e da Capitânia dos Portos do Rio Paraná [...]. Era o governo brasileiro fazendo-se presente, por meio das forças armadas neste rincão da pátria (LIMA, 2001, p. 29).

A explicitação da situação do Oeste paranaense ao país inteiro despertou o interesse de jornalistas, militares e intelectuais, que se dirigiam ao local para se inteirar dessa situação.

Artur Joaquim Pamphiro, no ano de 1927, visitando a localidade para a realização de estudos, constatou que a presença de argentinos em terras brasileiras e a desnacionalização da língua, cultura e moeda não era mérito dos argentinos, mas uma consequência do estado de abandono da região por parte do governo federal (WACHOWICZ, 1982).

Piaia (2013) destaca a relevância da Revolução de 1924 para a região Oeste do Paraná e afirma que,

com o fim da luta, uma nova geração de paranaenses ficaria sensibilizada e interessada por aquelas paragens. No âmbito do governo federal, o Oeste paranaense seria lembrado como local de interesse estratégico. De olho na imensidão e potencial da terra, o grande capital, pertencente às empresas colonizadoras, iniciava seus experimentos para implantar na região os primeiros focos de colonização. Contudo, o Oeste deveria esperar mais algum tempo para que a colonização efetiva fosse operacionalizada (PIAIA, 2013, p. 54).

Após essa revolução, Otton Maeder foi nomeado prefeito da cidade de Foz do Iguaçu pelo General Mário Tourinho. Nesse período, passou a ser obrigatório o uso

da língua portuguesa no município, bem como o uso da moeda nacional no comércio e nas atividades públicas. De acordo com Lima (2001, p. 53),

Naquela época, a língua falada [...] era uma mistura de português, espanhol e guarani. A moeda que mais circulava era o peso argentino e o guarani, tendo em vista que as maiores empresas que [...] existiam eram de origem argentina, além do fato de ser o país vizinho quem mandava economicamente na região.

Já nesse período, considerando o potencial de desenvolvimento da atividade turística, são apresentados, para a cidade, planos de torná-la um centro turístico internacional. O objetivo era reverter a arrecadação em benefícios ao próprio município. Para isso, a cidade “seria transformada num centro de turismo internacional com cassinos, parques de diversão, navegação melhorada pelo rio Paraná” (WACHOWICZ, 1982, p. 142), bem como seria constituída uma rede de hotéis de qualidade internacional.

Contaminados pelo espírito da *Marcha para o Oeste*, o impulso necessário para a ocupação de regiões a Oeste do Brasil dependia, então, dos bandeirantes<sup>10</sup>.

Várias estratégias são adotadas e, dentre elas, a necessidade de intensificar o povoamento intensivo, promovendo o reaproveitamento das riquezas naturais através da colonização de suas terras. Inteiramente inserida nos objetivos desenvolvimentistas do governo federal e estadual, a colonização prevista deveria ser baseada na pequena propriedade e ter um sentido agro-industrial (SILVA, 2011, p. 79).

Ainda nesse período, uma comissão federal foi enviada ao local para realizar um levantamento da situação. Essa comissão, chefiada por Zeno Silva, constatou que na margem brasileira do rio Paraná havia aproximadamente 10 mil habitantes, sendo que apenas cerca de 500 eram brasileiros.

Buscando nacionalizar a região das barrancas do Paraná, em 30 de junho de 1932, partiu de Curitiba a Companhia Isolada de Foz do Iguaçu, num total de 200 pessoas, incluindo militares e familiares. “O comando foi confiado ao capitão Edgard Buxbaun. Seus objetivos eram reprimir o crime de contrabando [...], bem como a

---

<sup>10</sup> Conforme Priori et al. (2012), os bandeirantes carregam uma “imagem mítica” de “desbravadores” e levaram suas tradições e nacionalismo para o que era conhecido como sertão, uma região considerada vazia e isolada, ignorando os nativos que a habitavam.

instalação de uma estação rádio-telegráfica, construção de um campo de aviação, onde pudessem aterrissar aeronaves civis e militares” (LIMA, 2001, p. 55).

Nesse período, foi criado também o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, cujo objetivo era

desenvolver o Programa Rodoviário Marcha para o Oeste, como parte das estratégias oficiais de desenvolver a região e propiciar um grande salto no processo de colonização. Uma das rodovias mais importantes deste programa seria a BR-35, mais tarde denominada BR 277 (GREGORY, 2002, p. 91).

Para intensificação do povoamento e melhor aproveitamento das riquezas naturais da localidade, o governo federal decretou que a maioria dos trabalhadores precisava ser obrigatoriamente brasileira. A Companhia Mate Laranjeira, principal exploradora de erva-mate na região, buscando se adaptar a essa exigência do governo, trouxe, para ali, trabalhadores das favelas do Rio de Janeiro. Mesmo sendo avisados sobre as diferenças que seriam encontradas no local, a adaptação desses trabalhadores foi um desastre. Logo que chegaram, foram taxados de vagabundos e perigosos pelos próprios diretores da companhia e isso os desencorajou a permanecerem (WACHOWICZ, 1982).

A Argentina, no início do século XX, incentivava proprietários de terras a plantarem os seus próprios ervais. Assim, “as exportações de erva mate do extremo Oeste paranaense para este país começaram a ter, senão um declínio rápido, ao menos uma diminuição lenta e contínua” (WACHOWICZ, 1982, p. 157). Isso, com o tempo, foi tornando o mercado da erva-mate cada vez menos rentável.

Portanto, concomitantemente à política de nacionalização da fronteira, os governos paranaense e brasileiro encontraram a atividade de exportação de erva-mate em decadência. Isso, inclusive, facilitou a aplicação da política nacionalista. A decadência do sistema tornou mais fácil o processo de recuperação das terras na região.

Zatti (2006) aborda questões relativas ao povoamento do Oeste paranaense e também do Norte, afirmando que esse processo foi significativo apenas com a migração colonizadora, a partir de 1930. Segundo o autor, o progresso e a grandiosidade dessas regiões são muito recentes

e, portanto, ainda em fase de consolidação, de acomodação para o surgimento de culturas locais, uma vez que ainda borbulha a fervura caldeada pelos impulsos vindos de diversos matizes e estilos, cada qual querendo se impor sobre os demais. A acomodação só se dará bem depois de um século de ajustes e de algumas gerações, quando, então, prevalecerão os valores aceitos pela grande maioria de cada micro-região (ZATTI, 2006, p. 22).

Pela forma como se constituiu, a região levou tempo para assumir as características que a definem atualmente. A relação com povos migrantes distintos foi sendo estabelecida ao longo dos ciclos econômicos da região, tanto por brasileiros como por estrangeiros.

### 1.3 CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU E O IMPACTO NA REGIÃO

Na cidade de Foz do Iguaçu, um aumento significativo da densidade populacional foi verificado entre as décadas de 1970 e 1980, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Esse crescimento impulsionou tanto o comércio local como o transfronteiriço. Isso se deu principalmente por dois motivos: “primeiro pelo desenvolvimento de bens de serviços para atender as necessidades deste Grande Projeto e, segundo, pelos acordos bilaterais celebrados entre o Brasil e o Paraguai” (SILVA, 2008, p. 361). Segundo a autora, a realização desses acordos possibilitou a abertura dos portos brasileiros ao Paraguai, o que auxiliou na consolidação de um importante centro comercial paraguaio. A usina também é responsável pela circulação de estrangeiros na região, por se tratar de uma obra de engenharia reconhecida internacionalmente pela sua grandeza.

Em 1978, o início da construção da hidrelétrica marcou notadamente a vida dos agricultores e moradores da região Oeste paranaense (RIBEIRO, 2008). Grande área precisou ser alagada para a construção da usina e isso impactou de maneira ímpar os 15 municípios paranaenses que fazem limite com o atual Lago de Itaipu.

De acordo com Lima (2001, p. 105), “a Itaipu era necessária para o Brasil deixar de ser um país agrícola e ingressar no rol dos países industrializados, suprimindo a demanda de energia elétrica”, e a sua construção colocou o país na posição de um dos maiores produtores de energia elétrica do mundo.

As negociações realizadas entre Brasil e Paraguai para a construção da hidrelétrica foram seladas com o Tratado de Itaipu<sup>11</sup>, que “criava a empresa Itaipu Binacional, de natureza juridicamente internacional” (RIBEIRO, 2008, p. 25). Ainda segundo a autora, a Usina Hidrelétrica de Itaipu foi construída no período pós-1964<sup>12</sup>, caracterizado pela implantação de grandes projetos de investimento econômico, que tinha como objetivo instalar e fortalecer uma indústria de bens de capital. Seguindo essa linha, a construção da geradora de energia se dá a partir dessa orientação política. “A Itaipu constituiu uma ‘alavanca’ indispensável para promover o desenvolvimento e o progresso, palavras mágicas utilizadas pelos militares da época” (RIBEIRO, 2008, p. 25).

Há, na construção e exploração dos recursos hídricos da região, interesse de ambos os países beneficiados pela obra, Brasil e Paraguai, mas especialmente do Brasil, por conta das exigências do regime político estabelecido na época.

A relevância da obra em tamanho e geração de energia não inibe totalmente alguns problemas sociais trazidos junto dela para a região. De início, ressalta-se o avantajado número de propriedades rurais e urbanas que foram desapropriadas em função do alagamento. Segundo o que apresenta Ribeiro (2008), houve mortes e pequenos agricultores foram expulsos de suas propriedades.

Mais que a terra como instrumento de trabalho, a mudança representava a perda da “condição de ser”, da identidade com o lugar, dos laços de vizinhança, do cheiro da terra, das cores dos frutos da terra, da memória de uma vida que o lago encobriu. Não foi apenas o passado que foi destruído, mas, principalmente, a crença no futuro, motivo que encorajou milhares de migrantes a abandonarem suas terras na década de 1950, intensificando o movimento migratório para a região Oeste do Paraná (RIBEIRO, 2008, p. 49).

O migrante que chegou à região na busca de um futuro promissor, investindo trabalho e dedicação para uma possível mudança de vida, vê na construção da usina a destruição desse sonho. Embora o fluxo migratório tenha aumentado significativamente em função da construção da obra, os migrantes que já estavam na região investindo na terra foram obrigados a ver plantações se transformarem no

---

<sup>11</sup> O Tratado de Itaipu foi selado entre Brasil e Paraguai pelo Decreto Legislativo 23, de 1973, em que os dois países firmam acordo com relação à construção de Itaipu e ao aproveitamento dos recursos hidroelétricos do rio Paraná (BRASIL, 1973).

<sup>12</sup> O período pós-1964 compreende o conhecido regime militar, que se caracterizou pela modernização da economia brasileira (BELLINGIERI, 2005).

reservatório do Lago de Itaipu, com mais de mil quilômetros quadrados. Há notícias, também, de que os valores não foram pagos como deveriam.

Ainda que a construção tenha gerado todos esses prejuízos aos já moradores da região, a obra adquiriu importância tanto no cenário de geração de energia a âmbito nacional, como em forma de atração turística. A exploração do turismo em torno da hidrelétrica tem tomado novos rumos ao longo dos anos. São oferecidas visitas técnicas<sup>13</sup> de várias durações e de acesso a diversos lugares da obra. Para os turistas que são atraídos à cidade pelas Cataratas do Iguaçu, tem-se tornado cada vez mais frequente a visita também à usina. Há, inclusive, passeios desenvolvidos no reservatório, por empresas que exploram a beleza e a grandiosidade tanto da usina quanto do Lago de Itaipu<sup>14</sup>. Isso, de certa forma, intensificou o fluxo de turistas na região, pois, além das Cataratas, há muitos outros passeios turísticos que podem ser realizados na área que compreende o lago e a usina.

#### 1.4 RELAÇÃO COM OS PAÍSES VIZINHOS E INSTALAÇÃO DE GRUPOS ÉTNICOS

Para quem mora na região Oeste do Paraná, a relação com os países vizinhos, Argentina e Paraguai, é bastante frequente. É difícil encontrar alguém que resida nessa região e que não conheça pelo menos um dos outros países. A proximidade e a facilidade para entrar e sair talvez sejam os responsáveis por tais dados. Para quem mora na cidade de Foz do Iguaçu, transitar nos dois países é ainda mais frequente.

Esse trânsito é algo que se tornou mais acessível há algum tempo, tendo em vista o início de povoamento do lado brasileiro. Para a ligação com os países vizinhos, foram realizadas duas obras:

---

<sup>13</sup> A visita à hidrelétrica pode ser feita de três maneiras distintas: circuito especial (que compreende o acesso ao interior da barragem), visita institucional (direcionada apenas a empresas, instituições, centros de pesquisas, universidades e escolas) e visita panorâmica (vista a partir do mirante central, com destaque para a barragem e o vertedouro).

<sup>14</sup> A rota de turismo da Itaipu Binacional contempla, atualmente, os seguintes atrativos: Visita Panorâmica, Circuito Especial, Iluminação da Barragem, Refúgio Biológico, Ecomuseu, Polo Astronômico, Test Drive de Veículo Elétrico e Porto Kattamaram. Os ingressos estão disponíveis para compra no site de turismo mantido pela empresa binacional (<https://www.turismoitaipu.com.br/>).

A ponte da Amizade<sup>15</sup> foi a primeira a ser construída, inaugurada no dia 27 de março de 1965, visando consolidar e fortalecer as relações bilaterais entre Brasil e Paraguai, demonstrando um caráter de avanço comercial entre os países, mas concomitante aos interesses referentes às negociações do projeto para construção da Itaipu Binacional, sendo esta a motivação fundamental para o início da obra.

A segunda construção, a ponte Tancredo Neves, foi inaugurada no ano de 1985, com o propósito de consolidar e também fortalecer as relações entre Brasil e Argentina, sobretudo as relações diplomáticas e comerciais (NASCIMENTO, 2010, p. 48).

Se, por um lado, o Brasil buscava estabelecer seu próprio povoamento e explorar a área, seja por meio do turismo, da exploração da terra ou com a construção de uma usina de proporções gigantescas, por outro, era necessário estabelecer vínculos com os países vizinhos para impulsionar o crescimento da cidade.

Essas pontes e o acesso mais facilitado tanto ao Paraguai quanto à Argentina foram benéficos principalmente para relações comerciais e de turismo na região. A possibilidade de entrar e sair mais rapidamente das três cidades mais urbanizadas da área de tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai foi vantajosa para os três países, se se considerar o fluxo contínuo de brasileiros para a Argentina e o Paraguai e vice-versa. É notável, no entanto, que essas facilidades também permitiram identificar na região uma oportunidade de realizar contrabando ou negócios ilícitos.

A circulação de brasileiros, argentinos e paraguaios na região possibilita a existência de um contato entre línguas e culturas que não é visualizado em outras localidades. Essa situação é ainda intensificada quando se consideram os grupos étnicos que estão instalados na região, que convivem também diariamente com essas outras nacionalidades, e que compartilham vivências, costumes e crenças distintas.

Essa versatilidade de Foz do Iguaçu com relação ao recebimento de estrangeiros e a existência de belezas naturais e construídas pelo homem atraem, além de turistas de diversas partes do mundo, pessoas de grupos étnicos variados, que veem na cidade uma possibilidade de atuação no comércio.

---

<sup>15</sup> Ligando Ciudad del Este, no Paraguai, a Foz do Iguaçu, no Brasil, a Ponte da Amizade constituiu a primeira conexão rodoviária do Paraguai com o Oceano Atlântico, facilitando a importação e exportação através do Porto de Paranaguá (OLIVEIRA; ESSELIN, 2009).

Há grupos fortes formados na cidade, com religião, cultura, forma de se vestir e sistemas linguísticos completamente diferentes do utilizado pelos brasileiros. E, embora isso possa causar estranhamento para um ou outro morador da cidade, o convívio com as diferenças, salvo alguns estranhamentos quanto à cultura do outro, é harmoniosa.

De certa forma, a organização da região é resultado da união de migrantes que buscaram conciliar interesses em comum, como melhores condições de vida. Estas imprimem suas marcas, identidade, sejam concretas ou abstratas, o que culmina em uma população com qualidade de vida mais assegurada do que os moradores de origem, o que é fato na mesorregião Oeste do Paraná (NASCIMENTO, 2010, p. 38-39).

Os maiores grupos instalados na cidade, de acordo com Nascimento (2010), são formados por libaneses e chineses. Também há argentinos e paraguaios, talvez mais motivados pela proximidade do que pela visualização de oportunidade, como ocorre nos dois primeiros casos. Essa busca por Foz do Iguaçu se dá, principalmente, por conta de sua localização estratégica para a realização de atividades comerciais.

## 1.5 FOZ DO IGUAÇU NA ATUALIDADE

Mesmo tendo sido abandonada inicialmente pelos governos estadual e federal, Foz do Iguaçu é uma cidade representativa no cenário turístico e comercial brasileiro.

Os investimentos precários do começo da colonização foram dando espaço a olhares um pouco mais criteriosos e importantes para a localidade. O início dos investimentos em acesso e a construção de uma obra importante, além do incentivo da *Marcha para o Oeste* e a necessidade de colonização, foram fundamentais para que o fluxo migratório aumentasse e a cidade chegasse à configuração mais recente.

Foz do Iguaçu possui uma estrutura de cidade turística, com uma rede hoteleira bastante grande e com padrões acessíveis ou luxuosos. Gradualmente, novas atrações vão sendo inauguradas, sendo que, além das conhecidas Cataratas do Iguaçu e Usina Hidrelétrica de Itaipu, é possível visitar o Parque das Aves, o

Templo Budista, a Mesquita Muçulmana, o Ecomuseu de Itaipu, o Polo Astronômico Casimiro Montenegro Filho, ou mesmo o Museu de Cera e o Vale dos Dinossauros, entre outros. Todas essas atrações são responsáveis pela circulação de turistas que agregam aspectos de diversidade à localidade.

Nos pontos turísticos da cidade, é perceptível a presença de grupos de pessoas que utilizam línguas diferentes. Isso, para a própria população local, é algo singular e característico de Foz do Iguaçu. Assim como os brasileiros circulam entre Paraguai e Argentina e buscam estabelecer contato e entender como funciona a cultura local, talvez até arriscando se comunicar na língua do outro, a presença de estrangeiros na cidade estimula e propicia o convívio com falantes de espanhol, guarani, inglês, francês, alemão, entre outras.

Outro aspecto relevante na constituição mais recente da cidade se dá em virtude da instalação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, que recebe estudantes de toda a América Latina e possibilita ainda mais a existência de comunidades de falantes de outras línguas.

Com relação ao comércio, árabes e chineses são presenças fortes na região da fronteira. O contato entre moradores brasileiros de Foz do Iguaçu com falantes de outras línguas é bastante comum.

Verificar essa constituição singular de Foz do Iguaçu e atribuir ligação entre o morador brasileiro da cidade e o estrangeiro, seja ele residente ou apenas turista, é fator bastante relevante para a realização das análises propostas no trabalho, tendo em vista que, ao acionar crenças, o informante busca, no seu conhecimento e relação com o outro, o posicionamento com relação à língua ou à cultura de um árabe, chinês, paraguaio ou argentino, por exemplo.

## **2 CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS E A RELAÇÃO COM A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO**

A abordagem adotada para o desenvolvimento desta tese se configura de uma forma um tanto distinta, abarcando áreas de estudo específicas que se complementam para a averiguação dos objetivos de análise. Assim, como se trata de um estudo que parte de dados colhidos na forma oral e posteriormente transcritos para a avaliação de crenças e atitudes linguísticas, busca-se apresentar uma discussão teórica que abarque tanto os aspectos da sociolinguística relativos a essa temática das crenças e atitudes, como aspectos da teoria da conversação relativos à preservação da face e aos marcadores discursivos, especificamente.

A tese também apresenta outro recorte teórico relevante para a análise, que é a ocorrência de certos operadores argumentativos, que será apresentada no capítulo seguinte.

Portanto, a discussão apresentada nas páginas seguintes tem por objetivo explicitar o recorte teórico e os estudiosos com os quais a tese dialoga.

### **2.1 CRENÇAS E ATITUDES: UM PERCURSO TEÓRICO**

O estudo das atitudes linguísticas geradas a partir de uma crença sobre outra língua ou sobre o falante dessa outra língua vem tomando lugar nas pesquisas sociolinguísticas, principalmente pelo fato de a investigação a respeito da constituição dessas atitudes poder indicar como o falante de uma língua se porta diante de outra, bem como os motivos que o fazem aceitar ou rejeitar determinado fato linguístico. Labov (2008), indicando o seu percurso de estudo e justificando suas escolhas, declara que uma das situações que o levaram a adentrar os estudos sociolinguísticos foi, conforme apontam Bloch e Trager (apud LABOV, 2008, p. 14), o fato de considerar “que os sentimentos acerca da língua eram inacessíveis e estavam fora do escopo do lingüista”. No entanto, voltando-se para a análise de material coletado oralmente, é possível identificar traços desses “sentimentos” com relação à língua, à forma como ela é falada e até mesmo ao seu falante.

Ao tratar dos conceitos de diferenciação e avaliação social, que se relacionam com a maneira como línguas, variedades e culturas são vistas socialmente, Labov (2008, p. 64-65) declara que “os mecanismos usuais da sociedade produziram

diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral”. Assim, há uma espécie de padronização no que socialmente se estabelece como prestigiado ou não.

Os sentimentos de que trata Labov (2008) podem ser associados ao conceito de crenças e atitudes linguísticas. Estudos de Lambert e Lambert (1966, p. 77) tratavam como componentes essenciais da atitude “os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir”. E, ainda segundo os autores,

uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam corretamente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78).

Ainda com relação às atitudes, ressalta-se que elas exercem influência no comportamento do indivíduo, sendo parte dos aspectos que constituem a sua personalidade (LAMBERT; LAMBERT, 1966).

Nesse sentido, as crenças possuem forte influência nas mudanças ou manutenções de aspectos linguísticos devido à forma como o falante recebe o que se diferencia da língua que ele utiliza. Conforme aponta Blanco Canales (2004),

A análise de crenças e atitudes tem demonstrado ser crucial para a investigação sociolinguística, pelo que está sendo incorporada a diferentes trabalhos dentro desta disciplina. Problemas como a mudança linguística, situações de línguas e dialetos em contato, aprendizagem de segundas línguas, podem ser esclarecidos por meio de um estudo das atitudes dos falantes; os planejamentos linguísticos, sempre complexos, podem se beneficiar e ser instrumentos eficazes com a ajuda desse tipo de estudo (BLANCO CANALES, 2004, p. 79).<sup>16</sup>

Dessa forma, um estudo que vise a elencar e analisar as crenças e atitudes linguísticas geradas pelos falantes a respeito de um fato linguístico pode balizar a

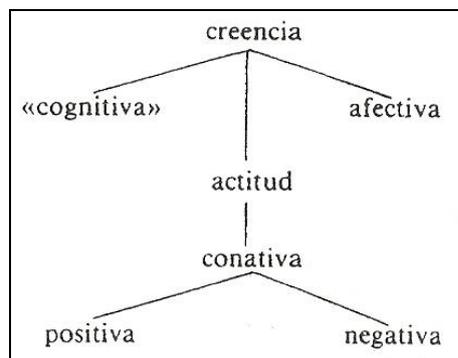
---

<sup>16</sup> Tradução do trecho: “El análisis de creencias y actitudes ha demostrado ser crucial para la investigación sociolingüística, por lo que está siendo incorporado a diferentes trabajos dentro de esta disciplina. Problemas como el cambio lingüístico, situaciones de lenguas o dialectos en contacto, aprendizaje de segundas lenguas, pueden ser esclarecidos a través de un estudio de las actitudes de los hablantes; las planificaciones lingüísticas, siempre complejas, pueden beneficiarse y ser instrumentos eficaces con la ayuda de este tipo de estudios”.

existência de aceitação ou rejeição quanto a variantes da mesma língua ou quanto à convivência com outras línguas. Trata-se, portanto, de atitudes positivas ou negativas quanto ao fato sob avaliação.

López Morales (1993), ao tratar das crenças e atitudes linguísticas, divide as crenças em cognitivas, afetivas e conativas, que representam as atitudes, as quais podem ser positivas ou negativas, como pode ser verificado no esquema (Figura 01) a seguir:

Figura 01 – Esquema sobre crenças proposto por López Morales



Fonte: López Morales (1993, p. 235).

Segundo López Morales (1993), as atitudes só podem ser classificadas dessa maneira, pois uma atitude neutra não poderia ser medida, já que, de acordo com ele, não se pode localizar elementos que demonstrem a neutralidade quanto a algum fato. Ainda segundo o autor, a neutralidade é tratada como a ausência de atitude.

Buscando pesquisas realizadas no campo da sociolinguística, López Morales (1993) ainda declara que “as crenças e atitudes linguísticas afetam não somente fenômenos particulares e específicos, mas também línguas estrangeiras que vivem ou não na mesma comunidade de fala [...]; a língua materna [...]; e suas variedades diatópicas e diastráticas” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 236).<sup>17</sup>

Para Moreno Fernández (1998), além de outras funções que podem ser verificadas nas atitudes, elas também

Influenciam decisivamente os processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que a mudança linguística se

<sup>17</sup> Tradução do trecho: “Las creencias y las actitudes lingüísticas afectan, no solo a fenómenos particulares y específicos, sino a lenguas extranjeras que viven o no en la misma comunidad de habla [...] a la lengua materna [...] y a variedades diatópicas o diastráticas de ella”.

realize mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variáveis linguísticas se confinem a contextos menos formais e outras predominem nos estilos mais monitorados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variável ou de uma mudança linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).<sup>18</sup>

Verifica-se, na fala do autor, portanto, a existência de uma relação entre as atitudes linguísticas produzidas pelos falantes de determinada comunidade linguística e a existência ou não de mudanças linguísticas, preservação ou eliminação de uma variável, bem como o uso de uma variável para os diferentes graus de formalidade do discurso.

A esse respeito, o autor ainda declara:

O peso das atitudes sobre a realidade social tem sido suficientemente valorizado por disciplinas como a sociologia e a psicologia há muitas décadas; o peso das atitudes sobre a realidade linguística está começando a receber a atenção que merece, mas ainda há muitos aspectos desconhecidos sobre sua natureza e suas repercussões sociolinguísticas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).<sup>19</sup>

Buscou-se em Bem (1973), autor da área da psicologia, alguns aspectos mais gerais sobre as crenças e atitudes humanas. Uma informação apresentada pelo autor, que se faz importante no estudo das atitudes linguísticas, está baseada no fato de que “as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros” (BEM, 1973, p. 07). Verifica-se, portanto, que as atitudes, neste caso específico, as linguísticas, são fundamentadas no indivíduo e na maneira como ele se porta diante dos outros indivíduos com os quais convive. É dessa sequência (pensar, sentir, comportar-se e

---

<sup>18</sup> Tradução do trecho: “Influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinem a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico”.

<sup>19</sup> Tradução do trecho: “El peso de las actitudes sobre la realidad social ha sido suficientemente valorado por disciplinas como la sociología o la psicología desde hace muchas décadas; el peso de las actitudes sobre la realidad lingüística ya ha comenzado a recibir la atención que merece, pero aún son muchos los aspectos que se desconocen acerca de su naturaleza y sus repercusiones sociolingüísticas”.

interagir com os outros) que se podem verificar quais são as atitudes linguísticas produzidas a partir de determinada crença que o falante possui, seja sobre sua língua, seja sobre a língua de outros falantes com os quais está em contato.

Para o autor, a crença é estabelecida a partir da relação realizada pelo indivíduo entre duas coisas ou entre uma coisa e alguma de suas características. Ainda para o autor, “coletivamente, as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio” (BEM, 1973, p. 12).

Com exemplos, o autor explica as crenças a partir de perguntas que vão fazendo a crença recuar “[...] até que ela pareça repousar, em último caso, sobre uma crença básica na credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa” (BEM, 1973, p. 13). Assim, chega-se à definição do que é tido como experiência do próprio indivíduo como característica fundamental da sua crença e o que ele atribui a experiências externas, de outros indivíduos e com as quais ele concorda.

Muito poucas são as nossas crenças primitivas que repousam diretamente sobre uma única experiência. Muitas delas são abstrações e generalizações de várias experiências que ocorreram no tempo. Nesse sentido um indivíduo pode acreditar que a vida na cidade é agitada, que João é generoso, que a liberdade é maravilhosa e que a arte moderna é difícil de entender. Cada uma dessas crenças deriva de várias situações distintas, mas visto que o indivíduo ainda as relaciona com a experiência direta, são mais apropriadamente classificadas como crenças primitivas. No que tange ao indivíduo elas ainda se originam diretamente de uma fonte cuja credibilidade é axiomática e auto-evidente: os seus sentidos (BEM, 1973, p. 17).

Apesar de as crenças serem pautadas em experiências, seja do próprio indivíduo ou de outros indivíduos, as generalizações a que elas podem levar nem sempre são válidas além do que o indivíduo experienciou. Considerar essas generalizações como verdades universais caracteriza um estereótipo, que, inclusive, pode nem estar baseado em experiências válidas, mas em boatos ou em demonstrar tentativas de racionalizar preconceitos (BEM, 1973).

Já as atitudes, segundo informa o autor,

[...] são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer outros aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] Nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas

emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

Blanco Canales (2004) informa que o estudo das crenças e atitudes linguísticas é um elemento fundamental para a pesquisa sociolinguística, recentemente, tendo em vista que alguns problemas podem ser identificados por meio dessas análises. A autora considera a existência de duas perspectivas diferentes para a classificação das crenças e atitudes: as mentais e as comportamentais.

Segundo a primeira, a atitude é o estado que medeia entre o estímulo recebido por uma pessoa e a sua resposta a ele. Tendo em vista que se trata de uma disposição de ordem mental, não pode ser medida nem observada diretamente, mas somente deduzida a partir de certa informação psicossociológica. A tendência comportamental, pelo contrário, define a atitude como resposta ao comportamento de uma pessoa em uma situação social determinada. Neste caso, pode ser estudada de forma direta (BLANCO CANALES, 2004, p. 79-80).<sup>20</sup>

A autora demonstra a importância das crenças e atitudes linguísticas para a investigação de algumas questões referentes à linguagem, principalmente no que se refere à aprendizagem ou aceitação de outras línguas.

Ela declara, ainda, que, embora a proposta mentalista precise se pautar em mecanismos que permitam localizar as atitudes de forma indireta, é essa a estratégia mais utilizada para esse tipo de estudo por propiciar a verificação das atitudes de maneira sistematizada. Para isso, a autora informa que são utilizadas duas técnicas distintas: as medidas indiretas e as medidas diretas.

No primeiro caso, o informante desconhece a finalidade das questões a que está sendo submetido. Uma das modalidades mais conhecidas é a denominada *matched guise*: o entrevistado tem de escutar uma série de gravações e caracterizar os falantes socialmente por meio de suas peculiaridades linguísticas. Por outro lado, as medidas diretas são realizadas por meio de entrevistas ou questionários. Pergunta-se ao indivíduo objeto de estudo sobre suas opiniões acerca de todos aqueles aspectos que o investigador

---

<sup>20</sup> Tradução do trecho: “Según la primera, la actitud es el estadio que media entre el estímulo recibido por una persona y su respuesta a él. Puesto que se trata de una disposición de orden mental, no puede ser medida ni observada directamente sino solo deducida a partir de cierta información psicossociológica. La tendencia conductista, por el contrario, define la actitud como la respuesta o comportamiento de una persona in una situación social determinada. En este caso, puede ser estudiada de forma directa”.

acredita serem relevantes para sua investigação [...]. Essas perguntas podem ter uma estrutura aberta – com resposta livre –, ou fechada – o informante adaptará sua opinião a respostas que o inquiridor lhe impõe (BLANCO CANALES, 2004, p. 80).<sup>21</sup>

Diante disso, ressalta-se que os inquéritos realizados pelo Projeto CAL se enquadram nas medidas diretas, pois foram produzidas perguntas direcionadas ao objetivo de identificar crenças e atitudes linguísticas dos informantes a respeito das línguas com as quais estão em contato em cada cidade. Obtiveram-se respostas livres, tendo em vista que o informante pôde se posicionar quanto à língua mais bonita, por exemplo, e apresentar os motivos que o fizeram escolher determinada língua.

### **2.1.1 A noção de identidade presente na constituição de crenças e atitudes linguísticas**

Diante de discussões envolvendo informantes e a maneira como veem a si e ao outro, também se considerou relevante o estudo de identidade, levando em conta que é recorrente informantes considerarem a visão que têm deles mesmos e da sua língua para caracterizar o outro e a língua diferente da sua.

Dessa forma, concorda-se com von Borstel (2011, p. 20), ao declarar que, “mundialmente, as pessoas, em suas redes de comunicação em grupos, veem as possibilidades de justificarem as suas identidades e os seus processos de identificação, mesmo ocorrendo as múltiplas formas de culturas das pessoas em uma sociedade”.

Santos (2011) declara que a identidade

vem sendo considerada objeto central dada a sua importância frente às grandes e rápidas mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas. [...] se por um lado a velocidade e compressão do tempo/espaço geradas pelas mudanças criam a ilusão de homogeneidade, por outro, a evidência da heterogeneidade e da hibridização fazem desviar o eixo para a interdependência, a

---

<sup>21</sup> Tradução do trecho: “En el primer caso, el informante desconoce la finalidad de las pruebas a que está siendo sometido. Una de las modalidades más conocidas es la denominada *matched guise*: el entrevistado ha de escuchar una serie de grabaciones y caracterizar a los hablantes socialmente a través de sus peculiaridades lingüísticas. En cuanto a las medidas directas, éstas suelen realizarse a través de entrevistas o cuestionarios. Se interroga al individuo objeto de estudio sobre sus opiniones acerca de todos aquellos aspectos que el investigador crea relevantes para su investigación [...]. Estas preguntas pueden tener una estructura abierta – la respuesta es libre –, o cerrada – el informante adaptará su opinión a las respuestas que le propone el investigador”.

assimetria, a desigualdade, as diferenças, a diluição das linhas de fronteira (SANTOS, 2011, p. 45).

Nesse sentido, a língua possui um papel fundamental na relação de indivíduos com a sociedade, tendo em vista que a inserção social do ser humano se dá por meio da linguagem. A língua é o instrumento pelo qual o indivíduo interage, insere-se e se expressa na sociedade. “Dessa maneira, a construção e a transformação da identidade cultural e linguística de um dado grupo de origem étnica/cultural se dá *pela* e *na* linguagem do indivíduo em suas interlocuções na comunidade” (VON BORSTEL, 2011, p. 27, grifos da autora).

Hall (2006), ao abordar a noção de identidade, após considerar as suas concepções no Iluminismo, voltando o olhar em direção ao pós-moderno, declara:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

Essa identidade fragmentada demonstra que aspectos de formação vão se unindo no indivíduo, a partir de suas necessidades, para chegar a um todo, que, de acordo com o autor, é composto por várias identidades. Ao declarar que a identidade na atualidade se constitui de tal forma, o autor demonstra que não há como afirmar a construção de uma única identidade, mas que essa construção se dá de maneira fragmentada e que o indivíduo poderá estar apto a transitar por entre essas identidades de acordo com a sua necessidade.

Um estudo que utilize dados indicativos da constituição das crenças e das atitudes e destaque a construção identitária do indivíduo, demarcando aspectos culturais presentes nas relações estabelecidas no grupo, seja por indivíduos que se assemelham nessa constituição ou por indivíduos que se distinguem – criando, portanto, atritos ou discordância em determinadas situações –, pode ser relevante também para discussões sociolinguísticas. A partir de estudos de tal porte, verificam-se traços importantes, também, quanto à aceitação ou rejeição daquilo que se diferencia do indivíduo em si e do grupo ao qual pertence.

Conforme já mencionado, as crenças e atitudes linguísticas relacionadas a determinado fato linguístico pode demarcar posicionamento negativo ou positivo de um falante em relação a esse fato, influenciando na sua aceitação ou rejeição, balizando, inclusive, mudanças linguísticas. Isso significa que a produção de crenças e a realização de atitudes podem ser identificadas por estudos sociolinguísticos que avaliem mudanças no uso da língua em determinado contexto, por exemplo. E, de certa forma, aceitar ou rejeitar o outro está ligado à imagem que o indivíduo produz de si e à relação que estabelece com a sua identidade e com a identidade do outro, tendo em vista características culturais, linguísticas, dentre outras.

### **2.1.2 Crenças e atitudes linguísticas em pesquisas brasileiras**

Há vários estudos realizados no contexto brasileiro que apontam para a existência de crenças e atitudes linguísticas no interior de determinado grupo, ou em certa localidade, demonstrando quais são suas características gerais ou no que a opinião a respeito do outro se diferencia entre falantes de variantes distintas. Considerando, portanto, que os posicionamentos dos falantes, dentre outros aspectos sócio-históricos que influem em tal processo, podem estar ligados à maneira como reage a um fato linguístico de ordem fonético-fonológica, morfossintática ou semântico-lexical, apresentam-se alguns estudos já publicados que contemplam aspectos relevantes para o cumprimento do objetivo deste trabalho.

Discutindo sobre prestígio e preconceito linguístico, Moralis (2003), pautando-se em Saville-Troike (1982 apud MORALIS, 2003), declara que o julgamento realizado a partir de características linguísticas caracteriza o estereótipo, que está pautado em categorias extralinguísticas, como etnia, sexo, idade, classe social, religião e etnia. Além disso, a autora afirma que

os sentimentos positivos da língua de alguém são engendrados pela regra como a identidade de um dado grupo, e os negativos, se tal identidade for rejeitada. A questão língua e identidade é apresentada como fator de consciência do falante, onde até mesmo as crianças possuem consciências da função da linguagem (MORALIS, 2003, p. 49).

Isso permite identificar que a noção de crenças e atitudes linguísticas está diretamente ligada às relações sociais que se estabelecem a partir da convivência

entre grupos com características distintas, podendo essas características serem comuns ou próximas e, portanto, aceitas, ou distintas e diversas, provocando certa rejeição, preconceito e até atitudes negativas. Disso tudo, vale também ressaltar o fato de que, como aponta Moralis (2003), isso é tão próprio das relações humanas que mesmo as crianças têm consciência de como se dá essa função da linguagem.

Roncarati (2008), evidenciando as dimensões que envolvem a noção de prestígio linguístico, pautada nos estudos de Londoño, Estupiñán e Idárraga (2004 apud RONCARATI, 2008), explica que as dimensões sociológica, linguística e sociolinguística atuam na construção do prestígio ou desprestígio de determinada língua. De fato, esses três níveis de análise elencados influenciam decisivamente na construção de crenças e atitudes a respeito de determinado falante, língua ou comportamento, possibilitando que um falante veja determinado fenômeno positiva ou negativamente, a partir de noções que vão sendo construídas ao longo do tempo e a partir de posicionamentos determinados quanto ao que é ou não aceito por ele.

O artigo intitulado “Atitudes em fronteira: o caso de Tabatinga e Letícia” apresenta análise de crenças e atitudes linguísticas referentes a brasileiros e colombianos bilíngues em espanhol e português. A autora reafirma o fato de a pesquisa se inserir nos estudos sociolinguísticos, tendo em vista que “as atitudes influenciam os destinos linguísticos de qualquer comunidade” (BARBOSA, 2008, p. 304). Como resultados principais da pesquisa, a autora demarca a questão da construção do imaginário binacional presente nas cidades de Tabatinga (no Brasil) e de Letícia (na Colômbia), identificando que os falantes da primeira preferem o português, enquanto os da segunda preferem o espanhol.

A autora defende, ao longo do artigo, a ideia de que, “além da variedade linguística, diferenças culturais justificam as maneiras de socialização dos grupos estudados – as atitudes sobre eles mesmos e os demais, sobre as línguas que utilizam e a manutenção de imaginário binacional na região” (BARBOSA, 2008, p. 305), ressaltando a maneira como o imaginário do bilíngue dessa região se constrói e a influência que exerce na relação com o outro.

Para a realização da avaliação pretendida, a autora transcorre alguns campos conceituais que justificam a realização da sua pesquisa. Entre eles, estão as noções de valores, preconceitos e estereótipos, na relação estabelecida entre língua, cultura e identidade. Segundo a autora, após a realização da pesquisa e avaliação dos dados obtidos com os informantes das duas cidades,

Confirma-se a idéia de que os dois povos possuem consciência de que há duas nacionalidades distintas na região: brasileiros e colombianos. São bilíngües em algum nível, demonstram essa noção e reconhecem que cada idioma é um símbolo, respectivamente, do Brasil e da Colômbia. Ao preferir um idioma em relação ao outro, apresentando adjetivos que deixam perceber que são mais ou menos favoráveis a cada um deles (por exemplo, o português é elegante, importante), marcam sua pertinência a uma etnia, a uma nação. Deixam também escapar estereótipos quando, por exemplo, afirmam que brasileiros ou colombianos falam melhor uns que outros. Esses julgamentos só têm sentido quando são baseados em valorações particulares de cada grupo ou cultura. Isto evidencia que existem diferenças e mais de uma forma de ver o mundo (BARBOSA, 2008, p. 315).

As afirmações de Barbosa (2008) demonstram que há aspectos sociolinguísticos influenciando na produção de crenças e atitudes linguísticas, especialmente no que se refere à construção do imaginário de falantes de uma e outra cidade, o que ressalta a importância de avaliar esses aspectos em conjunto com as noções de valores e de crenças e atitudes linguísticas.

No material de Guedelha (2011), “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico”, há uma descrição de algumas perguntas realizadas no desenvolvimento do ALiB<sup>22</sup> nas cidades de São Luís (MA), Belém (PA) e Manaus (AM). De início, o autor declara que são perceptíveis “manifestações de reforço da identidade linguística local, comportamentos linguísticos que evidenciam, em maior ou menor grau, estereótipos e preconceitos arraigados no que concerne a outros falares” (GUEDELHA, 2011, p. 1/20).

Após realizar um levantamento teórico bastante pertinente a respeito das crenças e atitudes, o autor parte para a análise propriamente do material selecionado nos inquéritos do ALiB. A avaliação que ele produz a respeito das respostas dadas pelos informantes possibilita a identificação de como se procedem as crenças dos falantes de cada cidade selecionada, permitindo elaborar um perfil relativamente comum a cada uma delas. Segundo ele,

Os dados analisados permitem concluir que: a) persiste entre os informantes uma visão homogeneizante em relação à língua falada na capital, ficando as diferenças ligadas primordialmente aos falantes de origem interiorana e de outros estados ou regiões; b) alguns estereótipos e preconceitos em relação aos sotaques diferentes,

---

<sup>22</sup> O autor se refere ao Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, desenvolvido por Cardoso et al. (2014).

principalmente no plano diatópico, mas também nos planos diastrático e diacrônico, continuam sendo cultivados entre os falantes; c) o sotaque é percebido pelos informantes como uma deturpação da língua, um desvio ou “vício” que deve ser combatido, rejeitado e/ou corrigido; d) mantém-se vivo o mito de que o melhor português do Brasil é o falado no Maranhão (GUEDELHA, 2011, p. 19/20).

Dessa forma, destaca-se a maneira como a avaliação das respostas dos informantes, na pesquisa realizada pelo autor, possibilita traçar um perfil de crenças e atitudes comuns para determinada cidade ou conjunto de cidades, a partir do compartilhamento de características sociolinguísticas determinadas. Há também que se ressaltar que essas mesmas características, em determinadas situações, são responsáveis pelo inverso: a discrepância na produção das crenças e atitudes linguísticas.

Silva-Poreli e Aguilera (2011), tratando também de crenças e atitudes linguísticas, declaram que

A definição de língua como mero instrumento pode [...] nos levar a crer, erroneamente, que há apenas relações neutras entre diferentes falantes e múltiplos idiomas. Existe, por trás de cada língua, um conjunto de sentimentos e atitudes relacionadas ao próprio falar e em relação a outros falantes e seus respectivos idiomas, o que inviabiliza reduzir um conceito amplo como língua a simples instrumento (SILVA-PORELI; AGUILERA, 2011, p. 87).

Dessa forma, ainda de acordo com as autoras, a sociolinguística se importa com a relação entre língua e comportamento social, demarcando o que se torna o principal ponto em relação aos estudos de crenças e atitudes: a maneira como o falante vê a si próprio, sua fala e comportamentos, e a relação que estabelece com as características de fala ou comportamento do outro.

Seguindo linha análoga, em artigo intitulado “Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados-MS”, Tavares e Santos (2012) buscam tratar das impressões de indígenas a respeito das línguas que falam.

A partir da relação travada entre indígenas falantes de línguas distintas, os autores buscam trabalhar com o fato de que

estudiosos de línguas indígenas e, de modo geral, pessoas não-indígenas, costumam afirmar que as diferenças culturais e linguísticas entre os grupos Guarani e Kaiowá são muito pequenas e

a inteligibilidade ocorre sem dificuldade. No entanto, parece ser comum a afirmação, pelos indígenas da reserva, que o Kaiowá e o Guarani (Ñandeva) são duas línguas diferentes entre si. Nesse sentido, surge a indagação: as diferenças existem objetivamente ou se constituem apenas como uma questão de atitude, ou seja, servem para marcar posições e identidades distintas? (TAVARES; SANTOS, 2012, p. 118).

Para os autores, a busca pela resposta a esse questionamento também requer uma ampla pesquisa teórica, desenvolvimento de perspectiva metodológica e análise dos dados. No que se refere aos resultados apresentados pelos autores, destacam-se duas falas relevantes e que resumem os aspectos relativos a crenças e atitudes identificadas na fala dos informantes. A primeira delas se refere ao fato de que, segundo os pesquisadores,

foi possível constatar que todos os entrevistados se reconhecem como indígenas e se autodenominam Guarani, Kaiowá ou Terena, ainda que alguns entendam que as etnias estão “muito misturadas”, sobretudo as duas primeiras. Essa constatação não é surpresa uma vez que a pesquisa foi realizada em uma área reservada a essa população, e os poucos não índios que vivem nas aldeias são casados com índios (TAVARES; SANTOS, 2012, p. 130).

Essa fala dos autores ressalta a questão da identidade indígena que, de certa forma, influencia na construção das crenças e atitudes linguísticas e se faz importante na sua descrição de pertencentes a uma ou outra denominação. Destaca-se também o fato de que,

No tocante à importância das línguas indígenas, observa-se, na fala dos informantes Guarani e Kaiowá, um discurso muito bem ensaiado; aquele muito repetido por antropólogos e etnolinguistas – que não se pode avaliar como verdadeiro ou não – em favor da preservação das línguas indígenas. Na prática, isso estaria refletido no costume de se ensinar às crianças, além do Português, que, segundo os indígenas, é a língua necessária em várias situações de convívio fora das aldeias, também o Guarani e o Kaiowá, que diretamente remetem à cultura do indígena (TAVARES; SANTOS, 2012, p. 131).

Diferentemente de outros estudos aqui elencados, em que se verificou mais um posicionamento em relação a etnias distintas ou ao processo de constituição das cidades sob avaliação, esse trabalho se direciona mais propriamente à questão da constituição de crenças e atitudes linguísticas a partir da noção de identidade, sobre

como o indígena se vê e como isso influencia na sua relação com o mundo que o cerca.

Todo esse material influencia, até certo ponto, na maneira como se produzirão as análises da tese em questão, em que serão consideradas as respostas dos informantes a partir do uso de operadores argumentativos, combinados com a constituição de crenças e atitudes.

## 2.2 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E OS MARCADORES CONVERSACIONAIS

Até agora, este capítulo foi dedicado à apresentação e discussão de crenças e atitudes linguísticas e ao seu processo de constituição nos estudos da sociolinguística, bem como à representação em forma de estudos já realizados sobre o tema. A partir deste subitem, objetiva-se voltar a discussão para os marcadores conversacionais, abordados em estudos que tratam da conversação.

Os marcadores conversacionais (MCs)<sup>23</sup> são indicadores de planejamento, que auxiliam na tessitura do texto e no próprio monitoramento e troca dos turnos. Eles “devem ser investigados no que diz respeito ao estabelecimento de relações entre orações e entre partes do texto” (ANTONIO; ALVES, 2013, p. 174).

Esses marcadores são elementos linguísticos que atuam no nível discursivo, podendo apresentar várias formas, como expressões lexicalizadas, advérbios e conjunções, por exemplo. A função dos MCs na organização do discurso está voltada para o amarramento textual, a interação, exercendo a função de sequenciadores.

De acordo com Penhavel (2005), os marcadores apresentam duas macrofunções: a função textual integra o componente ideacional/textual e a função interacional integra o componente interpessoal. Isso significa que há MCs que estão mais voltados para a significação textual, a conexão entre partes do discurso, e outros que estão mais voltados para a interação no discurso, respectivamente.

Schiffrin (1987, p. 31, grifos da autora) define os marcadores “como elementos *sequencialmente dependentes* que servem de suporte para unidades de fala”<sup>24</sup>. Tratar dos marcadores com relação a unidades de fala é uma forma vaga de

<sup>23</sup> Cabe ressaltar que, para fins deste trabalho, adotou-se a nomenclatura “marcadores conversacionais” (ou MCs), também chamados, por alguns autores, de “marcadores discursivos” (ou MDs).

<sup>24</sup> Tradução do trecho: “as *sequentially dependent* elements which bracket units of talk”.

definição, principalmente por esses elementos terem características distintas em relação à sintaxe, variações de estrutura etc. (SCHIFFRIN, 1987). Isso acontece porque, em geral, os marcadores são elementos que podem possuir outras funções no interior do discurso e, dessa forma, podem ser confundidos ou avaliados com o sentido preposicional, por exemplo.

Os marcadores são elementos indispensáveis para a análise e compreensão do texto oral, mesmo com estrutura, dimensão e complexidade semântico-sintática variadas (URBANO, 2003). Trata-se de elementos que atuam na articulação do texto, imprimindo coesão, sequencialidade e organização (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2000).

Os MCs possuem função tanto textual como argumentativa, desempenhando “papel de especificadores, coordenadores, subordinadores, entre outros” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2000, p. 47), conduzindo e orientando as inserções do locutor e do interlocutor, sendo que o tópico discursivo, a articulação entre os interlocutores e o processamento da fala na memória podem estar relacionados ao uso dos marcadores. Trata-se de elementos que têm uma função maior do que simplesmente preencher uma pausa (FREITAG, 2009). Além disso, os MCs também representam

expressões presentes no discurso oral ou escrito, essenciais para a manutenção da coesão e da coerência dos mesmos, deixando de cumprir um valor semântico para atuarem de modo a garantir a expressão da visão subjetiva do falante/escritor, através do uso de modalizações, ou da expressão de relações lógicas, bem como a indicação de uma preocupação com a recepção pelo ouvinte/leitor do conteúdo transmitido, através da utilização de atenuações ou marcas de contra-expectativas (LYRA, 2007, p. 5).

De acordo com Penhavel (2013, p. 72), “[...] é possível dizer que diferentes abordagens compartilham a noção de considerar os MDs como elementos que facilitam o processamento do discurso”. Eles podem ser identificados a partir de três características: a exterioridade em relação aos conteúdos proposicionais, a independência sintática e a não constituição de enunciados completos por si só (ANTONIO; ALVES, 2013).

Há, no entanto, que se considerar, conforme aponta Freitag (2009), que os MCs carregam certo grau de estigma, sendo associados a vícios de linguagem. A autora atribui essa condição ao fato de os MCs não serem previstos na gramática normativa. No entanto, a tendência é haver uma mudança nesse cenário, tendo em

vista que esses elementos estão passando a fazer parte da escrita, o que imprime aos MCs certo *status* de elemento gramatical.

Mais especificamente com relação à função que os MCs exercem na realização do discurso, Freitag (2009) afirma que eles podem ser do tipo: i. interpessoal, que está mais voltado ao contato entre os interlocutores e mantém o fluxo conversacional; ii. interpessoal e textual, que imprime foco a determinada parte do texto; e iii. rítmico, representado por formas automatizadas e que expressam ritmo no contexto comunicativo (FREITAG, 2009). Sobre esses requisitos, vale destacar que “[...] são elementos que se encontram num processo de mudança linguística que os tem levado de um uso originariamente como verbo lexical pleno (função referencial) a um uso interativo revestido de valores pragmáticos no discurso” (FREITAG, 2009, p. 5).

Penhavel (2013) apresenta três abordagens relativas aos marcadores que abrangem grande parte das definições existentes, sobre as quais declara o seguinte:

O primeiro tipo compreende abordagens que tomam como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, que têm função de conexão e que se referem a um aspecto desse enunciado. [...]  
A segunda modalidade de abordagem compreende aquelas que analisam como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação e que se referem a determinados domínios comunicativos. [...]  
Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos distinguidos acima, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto expressões mais diretamente ligadas ao gerenciamento da conversação (PENHAVAL, 2013, p. 70-71).

Quando se avalia a transcrição de um discurso produzido oralmente, é possível verificar vários casos de MCs que desempenham função interacional. Isso é perceptível no exemplo seguinte, retirado do *corpus*<sup>25</sup>:

Inf. 06 – F GII Ea

INQ.: Que língua que você ouve assim, o pessoal mais falar aqui em Foz, além do português?

<sup>25</sup> Conforme detalhamento feito mais adiante (no tópico 4.1.1 “Seleção dos informantes”), além da indicação numérica (inf. 01, inf. 02 e assim sucessivamente), foi utilizada a seguinte representação para os dados: F para feminino e M para masculino; GI para informantes com idade entre 18 e 30 anos, GII para informantes com idade entre 31 e 45 anos e GIII para informantes com idade entre 46 e 65 anos; Ea para aqueles com Ensino Fundamental incompleto, Eb para Ensino Médio e Ec para Ensino Superior. Além disso, utilizou-se INQ. para inquiridor e INF. para informante no interior dos diálogos transcritos.

INF.: É o castelhano, né?

A partícula “né” atua na busca de confirmação junto ao inquiridor. No processo interativo representado, essa utilização demarca a relação estabelecida entre informante e inquiridor, demonstrando que há preocupação com aspectos relativos à interação em si. Trata-se da busca pelo consentimento do ouvinte diante do que o falante explicita.

Outro uso que demonstra a interação entre falante e ouvinte se dá no seguinte trecho de entrevista:

Inf. 32 – F GII Ec

INQ.- E qual [língua é a melhor]? O castelhano falado pela Argentina ou pelo Paraguai?

INF.- Ah, pelo argentino.

INQ.- Por quê?

INF.- Ai... sei lá, parece que é meio cantadinho, sei lá um... mais ou menos assim, ou coisa parecida, sabe?

INQ.- Mais (inint)

INF.- É... sim.

Nesse exemplo, a busca pela confirmação do inquiridor é acionada pela utilização de “sabe?”.

Já no exemplo seguinte, é possível identificar tanto elementos voltados à interação como elementos que dão sequência ao discurso:

Inf. 18 – F GII Eb

INQ.- Quando você era criança que língua você falava com seus pais, e que língua você falava com seus avós?

INF.- Português meu avô tentava passar algumas palavras assim...

INQ.- De italiano?

INF.- É, tentava né, daí num pegava, aí ele falou não quer aprender né, não quer.

Esse exemplo, retirado da fala da informante 18, apresenta uma combinação de marcadores que imprimem ao seu discurso uma característica de aproximação ao inquiridor e de sequencialidade. Isso se dá principalmente por meio do uso em dois momentos de “né”, mas também é constituído pelo uso de “daí” e “aí”, que funcionam como sequencializadores que refletem uma característica de relato e consequência com relação ao que o informante apresenta.

Outro exemplo pode ser avistado na sequência seguinte, também retirada do *corpus*:

Inf. 29 – M GII Ec

INQ.- E quem você acha que fala pior?

INF.- Eu acho que (risos) eu acho que o espanhol no Paraguai.

INQ.- Por que, Jamil?

INF.- Muito complexo né, até pelo fato dessa mistura né. Porque eu penso... eu acho assim... até pelo fato de eles terem uma ligação muito forte com o indígena né, então eu acho que isso dificultou um pouco, porque a língua do indígena é o guarani, então agora já vem o paraguaio com essa mistura, eles misturam um pouco as coisas, então ela fica um pouco complexa até pra você entender e decifrar alguma coisa né. Então eu acho que até pelo fato de eles falarem muito rápido essa mistura se torna difícil até.

Há de ser ressaltado que a distinção exata entre marcador conversacional e operador argumentativo não é consensual entre estudiosos e, inclusive a partir dos enunciados selecionados para essa ilustração, não há uma fronteira de sentido exclusiva para um e outro. Isso permite dizer que é possível classificar operador argumentativo/marcador conversacional a partir de uma noção híbrida, conforme a qual o mesmo elemento apresenta características tanto de operador quanto de marcador. É o que acontece no exemplo anterior, em que o operador/marcador “então”, por exemplo, é utilizado várias vezes para realizar a ligação entre os trechos da fala do informante, mas também apresenta certo grau de argumentatividade, por se tratar de um elemento linguístico que, como no trecho “Então eu acho que até pelo fato de eles falarem muito rápido essa mistura se torna difícil até”, serve de sumariador dos argumentos apresentados até então e definidor do argumento principal defendido pelo informante.

Por se tratar de elementos que operam dentro do discurso ora com função interacional, ora como indicador de argumento e ora como ambos, os conceitos de marcador conversacional e operador argumentativo são próximos. Assim, embora a proposta de análise desta tese seja avaliar os operadores argumentativos, há que se considerar que esses operadores também apresentam características de marcadores conversacionais.

A esse respeito, uma definição constante na obra de Fávero, Andrade e Aquino (2000) demonstra, ao tratar dos marcadores conversacionais, características que são também constituintes dos operadores argumentativos:

Considerando as funções textuais e argumentativas dos marcadores conversacionais, verificamos que esses elementos desempenham papel de especificadores, coordenadores, subordinadores, entre

outros. Por meio desses marcadores, podem-se explicar os deslocamentos referenciais locais ou globais com a função de conduzir e orientar as atividades do locutor e do seu interlocutor (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2000, p. 47).

De acordo com Penhavel (2013, p. 72), é possível depreender, sobre os marcadores, “[...] que diferentes abordagens compartilham a noção de considerar os MDs como elementos que *facilitam o processamento do discurso*”.

Em relação aos marcadores, Fraser (1999) destaca o seguinte:

Essas expressões lexicais foram estudadas sob vários rótulos, incluindo marcadores discursivos, conectivos discursivos, operadores discursivos, conectivos pragmáticos, conectivos de sentença e frases de sinalização. Embora a maioria dos pesquisadores concorde que os marcadores são expressões que relacionam segmentos do discurso, não há acordo sobre como eles devem ser definidos ou como eles funcionam (FRASER, 1999, p. 931).<sup>26</sup>

Por se tratar de uma série de elementos, que inclui também alguns dos operadores que se selecionaram para o desenvolvimento da análise a ser empreendida, faz-se necessária a distinção entre um uso e outro.

Martelotta (1996) aborda a distinção entre marcadores e operadores, afirmando que os marcadores conversacionais

resultam de uma trajetória de discursivização, que leva o elemento, num processo de abstração crescente, a assumir funções interativas, que têm no uso como preenchedor de pausa um de seus pontos mais extremos. Enquanto que os operadores argumentativos tendem a ser provenientes de circunstanciadores espaciais e temporais por um processo de gramaticalização, em que ocorre uma passagem do léxico à gramática (MARTELOTTA, 1996, p. 109/183).

Castilho (2014, p. 229) afirma que os MCs podem ser apresentados de muitas formas: “pelas classes gramaticais, pelo lugar que ocupam no enunciado, pela função que desempenham. [Por isso,] é bom ter em mente que também essa classe é polifuncional, operando o mesmo item em mais de uma função”.

O autor separa os marcadores em duas classes: marcadores pragmáticos ou interpessoais, orientados para o interlocutor; e marcadores textuais ou ideacionais,

---

<sup>26</sup> Tradução do trecho: These lexical expressions have been studied under various labels, including discourse markers, discourse connectives, discourse operators, pragmatic connectives, sentence connectives, and cue phrases. Although most researchers agree that they are expressions which relate discourse segments, there is no agreement on how they are to be defined or how they function (FRASER, 1999, p. 931).

orientados para o texto. Os primeiros se subdividem em iniciais, mediais e finais, enquanto os segundos se subdividem em marcadores que iniciam o tópico, recusam o tópico, aceitam o tópico, organizam o tópico, operam a mudança do tópico, modalizam o tópico e finalizam o tópico (CASTILHO, 2014).

Coincidem com os marcadores conversacionais dois operadores argumentativos selecionados para a tese: “então” e “já”. De acordo com essa classificação de Castilho (2014), o marcador “então” é utilizado para organizar o tópico, enquanto o “já” opera uma mudança de tópico.

A partir dos estudos sobre MCs abordados nesta tese, e considerando os objetivos propostos para a análise empreendida, ressalta-se que, embora este trabalho se disponha a analisar operadores argumentativos que atuam na constituição de crenças e atitudes linguísticas, os elementos analisados podem também ser classificados como marcadores conversacionais. Assim, mesmo utilizando no interior da análise a nomenclatura “operador argumentativo”, reconhece-se que esses elementos, utilizados pelos informantes nos inquéritos que compõem o *corpus*, também possuem características de marcador conversacional.

### **2.2.1 A manutenção da face**

Na interação face a face, os interlocutores se encontram num momento de tensão em que há muito a ser considerado. A posição dos interlocutores, a temática abordada, o momento da interação são fatores que influenciam na maneira como os falantes realizam suas inserções durante uma conversação, que, segundo Rodrigues (2003, p. 21), “é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto”.

Ao tratar da conversação, é necessário também considerar a interação entre os interlocutores, que é um processo de construção de sentido, “um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas” (BRAIT, 2003, p. 220). A manutenção da face é fator presente nessa situação. Isso acontece porque os falantes possuem um conhecimento com relação ao outro e ao contexto que os

auxilia na opção entre o que pode e/ou deve ser dito e o que não pode e/ou não deve ser dito.

Brait (2003, p. 222) elenca alguns aspectos relevantes para a constituição da conversação. São eles:

- quem é o outro a que o projeto de fala se dirige?
- quais são as intenções do falante com a sua fala, com a maneira de organizar as sequências dessa fala?
- que estratégias utilizar para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada?
- como levar o outro a cooperar no processo?

Há marcas linguísticas e extralinguísticas que permitem que isso seja verificado. No interior do discurso, a utilização de um enunciado introduzido por “veja bem”, por exemplo, permite ao falante que ele demonstre um ponto de vista distinto ao seu interlocutor sem ser taxativo ou demonstrar explicitamente que discorda da inserção do outro. Assim, também é possível que um olhar ou mesmo balançar a cabeça em sinal de positivo demonstrem que o interlocutor considera a posição do outro, numa tentativa de não se indispor, para apresentar, verbalmente, posicionamento contrário. Essas estratégias são naturais durante uma interação face a face, tendo como objetivo buscar uma interação sem exposição da face, ou seja, sem que o falante apresente argumentos que lhe sejam prejudiciais no contexto interativo.

De igual forma, é possível que o locutor apresente atenuações com o objetivo de demonstrar seu posicionamento sem ser muito explícito. A organização do discurso permite que locutor e interlocutor apresentem suas opiniões e crenças de maneira menos pontuada, sem que sua face seja exposta e sem dar margem a possíveis réplicas indesejadas.

Como o objetivo desta tese é verificar se os operadores argumentativos e/ou marcadores conversacionais indicam conclusões, implícitas ou explícitas, que revelem a forma como os informantes lidam com a fala do outro, o capítulo seguinte é destinado à conceituação e exemplificação desses operadores.

### 3 OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Os estudos relacionados à argumentação buscam identificar como se comportam determinados elementos linguísticos enquanto constituintes de cadeias argumentativas. Os operadores argumentativos são elementos que atuam no discurso como orientadores de determinada conclusão.

Ao tratar de estudos referentes à argumentação, é imprescindível que se parta de certas noções relativas ao termo, abordadas por Ducrot ao longo dos seus trabalhos na área dos estudos linguísticos. Sendo assim, uma primeira observação do autor ainda nos seus primeiros textos e na qual se baseiam as reflexões sobre argumentação desenvolvidas posteriormente se refere ao fato de que os atos de enunciação apresentam uma função argumentativa marcada já na estrutura do enunciado:

o valor argumentativo de uma frase não é somente uma conseqüência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção (DUCROT, 1981, p. 178).

Assim, ao produzir um enunciado, há marcas de argumentação que o acompanham e que auxiliam na condução argumentativa proposta. Manobras argumentativas vão sendo construídas a partir da intenção que se tem com o ato enunciativo e o preenchimento do enunciado toma forma com base nos objetivos do locutor.

Ducrot (1987), ao definir enunciação, destaca que se trata de uma espécie de atualização da frase, que representaria uma forma abstrata disponível da língua:

O que eu chamo “frase” é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o lingüista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o lingüista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase (DUCROT, 1987, p. 164).

Essa ocorrência do enunciado se dá em um momento único de enunciação, o qual não pode ser repetido, mesmo que se esteja presente no mesmo contexto, com os mesmos interlocutores e que se digam exatamente as mesmas palavras. A enunciação é, portanto, única; é o momento específico em que se realiza a produção concreta de um enunciado.

Em outras palavras, a frase é uma realização possível em cada língua, representa uma entidade abstrata e, quando atualizada, assume o papel de enunciado. Ao ser atualizada, acontece um evento de enunciação, que é uma situação jurídica em que o fato do aparecimento do enunciado significa uma obrigação para o interlocutor.

Ao longo do desenvolvimento de sua teoria, Ducrot se dedica à observação e descrição de como alguns elementos linguísticos funcionam nessa constituição da argumentação. Para ele, “[...] a maior parte das expressões, sejam elas empregadas ou não com intenção persuasiva, comportam no seu sentido argumentações” (DUCROT, 2009, p. 23). Os chamados “operadores argumentativos” representam alguns dos elementos que o autor analisa. O “mas” é tratado como “operador argumentativo” por excelência, atuando da seguinte maneira:

[...] o enunciado *A mas B* supõe que, no espírito dos interlocutores, existe ao menos uma proposição *r*, para a qual *A* é um argumento e *B* um contra-argumento. Por outras palavras, o próprio enunciado contém uma alusão a uma caracterização argumentativa das proposições que o constituem (DUCROT, 1981, p. 179).

Essa caracterização argumentativa que o “mas” possibilita é obtida por meio da utilização de dois argumentos possíveis para uma proposição determinada, mas que objetiva levar o interlocutor a uma conclusão já determinada pelo locutor. Para isso, o argumento B, inserido após o operador “mas”, representa um argumento mais forte e que tem por objetivo direcionar o interlocutor à conclusão pretendida pelo locutor.

Um exemplo que demonstra como esses operadores podem auxiliar na constituição de um argumento, citado pelo autor, é “Até mesmo Pedro veio”, significando que a vinda de Pedro tem por intenção provar alguma coisa. De acordo com o autor, “é essencial a *até mesmo* que a proposição em que está inserido seja utilizada como um argumento – argumento apresentado como forte e, eventualmente, em certos contextos, como decisivo” (DUCROT, 1981, p. 180).

Com esses estudos, o autor busca demonstrar que a argumentação está inscrita na língua e prevista em sua organização interna, e não é algo exterior a ela (DUCROT, 1981). Há mobilizações argumentativas possíveis a partir do uso de determinado encadeamento linguístico, e isso significa que esses encadeamentos são organizados de acordo com a conclusão a que se quer chegar com a realização de um enunciado.

Para chegar a tal discussão sobre elementos que denotam argumentatividade, é importante considerar a distinção proposta por Ducrot (1987) entre frase, enunciado e enunciação exposta anteriormente. Ocorre que, na atualização do enunciado, há senhas, diretivas, que indicam a argumentação. Essas marcas estão no linguístico e não no contexto. Há muitos itens que podem ser identificados na língua como motivadores de argumentação, pois os argumentos são movimentados por determinados elementos linguísticos, que determinam a que conclusão se quer chegar. De acordo com o autor, ainda, todos os elementos linguísticos têm esse potencial; no entanto, ele demonstra interesse apenas pelos operadores argumentativos.

Nesse sentido, há também que se diferenciar locutor e enunciador, tendo em vista que o enunciador representa pontos de vista e aponta para determinado direcionamento argumentativo, enquanto o locutor é o ser do sentido do enunciado. Ducrot (1981, p. 182) afirma que o locutor é o “sujeito falante inserido numa situação de discurso particular”. Em obra posterior, uma definição mais elaborada dá conta de que

[...] o locutor [é] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. [...] O locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral (DUCROT, 1987, p. 182).

Portanto, ao utilizar o termo “locutor”, está-se referindo ao sujeito responsável por determinado ato enunciativo. Já com relação ao enunciador, tem-se uma distinção pautada na existência de vozes que não são as do locutor do enunciado. Para Ducrot (1987, p. 192), os enunciadores são:

[...] estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras.

Ainda segundo o autor, ao trabalhar com dois argumentos, A e B, eles servem para autorizar uma conclusão *r*, mas eles não precisam, necessariamente, servir de prova para tal conclusão (DUCROT, 1981). Isso significa que um argumento “[...] pode autorizar uma conclusão sem impô-la” e que isso permite “considerar uma ordem entre os argumentos, falando de argumentos mais fortes e mais fracos que outros” (DUCROT, 1981, p. 180).

Para a constituição da sua teoria, o autor elabora a noção de escala argumentativa, em que argumentos são apresentados em forma de escala a fim de apontar para determinada conclusão. Segundo ele, “[...] toda conclusão autorizada por um enunciado “fraco” de uma escala, é autorizada ainda melhor por um enunciado “forte” dessa escala” (DUCROT, 1981, p. 185).

Em escritos mais recentes, o próprio autor informa que sua teoria por vezes é confundida, sendo atribuídas a ela características do que chama de “argumentação retórica” (DUCROT, 2009). Assim, Ducrot declara que há uma distinção entre a “argumentação retórica” e a “argumentação linguística”. Para ele, a primeira trata de uma atividade verbal que objetiva fazer alguém crer em alguma coisa e a segunda se refere à utilização de segmentos de discurso que são ligados, implícita ou explicitamente, por conectores e que são responsáveis por levar a uma conclusão. Partindo da teoria da argumentação na língua, portanto,

[...] num encadeamento argumentativo *A donc (portanto) C*, o sentido do argumento A contém em si mesmo a indicação de que ele deve ser completado pela conclusão. Assim, o sentido de A não pode ser definido independentemente do fato de que A é visto como conduzindo a C. Não há, pois, propriamente falando, passagem de A a C, não há justificação de C para um enunciado A que seria compreensível em si mesmo, independentemente da sequência *portanto C*. Consequentemente, não há transporte de verdade, transporte de aceitabilidade, de A até C, já que o encadeamento apresenta *portanto C* como já incluído no primeiro termo A (DUCROT, 2009, p. 22).

Dito isso, um encadeamento discursivo serve, dessa forma, para qualificar uma coisa ou situação, tida como suporte para a argumentação e não como justificativa para uma afirmação (DUCROT, 2009).

Os encadeamentos não precisam ser necessariamente realizados com “portanto”, mas também com “no entanto”, “entretanto”, etc. Também é possível o encadeamento de uma conclusão contrária, a partir da utilização de um argumento não C, que resultaria numa conclusão não *r*.

Segundo o autor, “[...] há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito. Nessas condições, toda palavra, tenha ela ou não alcance persuasivo, faz necessariamente alusão a argumentações” (DUCROT, 2009, p. 23).

De acordo com Ducrot (1987, p. 173), “interpretar uma produção lingüística consiste, entre outras coisas, em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido, que é um conjunto de indicações sobre a enunciação”. Por isso, ao analisar um enunciado, é possível ativar marcas linguísticas que produzem direcionamentos argumentativos, permitindo a identificação de crenças transmitidas por enunciadores presentes em determinada enunciação.

Em um enunciado em que se utilizam operadores argumentativos, alguns tipos de argumentação são perceptíveis. É o caso das escalas argumentativas, as conclusões explícitas ou implícitas e os encadeamentos. Tudo isso é identificável na produção do enunciado a partir da inserção de determinado operador argumentativo, que possibilita e aponta para essas conclusões.

Koch (2002, p. 102-103, grifos da autora) declara que

[...] existe na gramática de cada língua uma série de morfemas responsáveis por esse tipo de relação [a de ser argumento para], que funcionam como operadores argumentativos ou discursivos. [...] se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais – *conectivos*, como *mas*, *porém*, *embora*, *já que*, *pois*, etc., e em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N. G. B., não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. Rocha Lima chama-as de *palavras denotativas* e Bechara de *denotadores de inclusão* (até, mesmo, também, inclusive); de *exclusão* (só, somente, apenas, senão etc.); de *retificação* (aliás, ou melhor, isto é); de *situação* (afinal, então etc.).

A partir dessa seleção dos elementos que possibilitam a constituição argumentativa dos enunciados, a autora ainda declara que esses elementos determinam o valor argumentativo dos enunciados (KOCH, 2002).

A partir da caracterização dos operadores e de como eles atuam na constituição de enunciados com relação ao acionamento de argumentos em favor de determinada conclusão, apresentam-se três enunciados em que são utilizados dois operadores abordados ao longo do desenvolvimento da teoria de Ducrot. Com estes três enunciados, objetiva-se demonstrar que os encadeamentos são pautados na carga semântica que os elementos carregam:

1. José é brasileiro, mas chega no horário.
2. José é brasileiro, por isso chega no horário.
3. José é brasileiro, por isso chegou atrasado.

Esses três enunciados abordam a mesma temática, que é a nacionalidade de José e se ele chega no horário ou atrasado. O primeiro enunciado apresenta noções referentes a essa temática, opostas pelo operador “mas”. Ao serem opostos, aciona-se o conhecimento cultural de que é característica do brasileiro não chegar no horário. Dessa forma, tem-se a informação de que, apesar de ser brasileiro, José chega no horário, garantida pela inserção do operador “mas”, que atua nesse sentido. Esse operador não só movimenta argumentos, mas apresenta quebra de expectativa.

Já no enunciado 2, tem-se a inflexão a um teor cínico, tendo em vista que o mesmo valor mobilizado para o enunciado 1 é acionado também no enunciado 2: brasileiro não chega no horário. Dessa forma, ao declarar que “José é brasileiro, por isso chega no horário”, o enunciador só pode estar sendo irônico ou, de fato, cínico. Em contraponto com o enunciado 1, em que o operador “mas” é utilizado para apresentar uma quebra de expectativa, o enunciado 2 apresenta um argumento favorável à pontualidade do brasileiro em geral, o que, como demarcado nos enunciados 1 e 3, não é uma premissa verdadeira.

O que acontece no enunciado 3 é o tipo de encadeamento que se espera com o uso do operador “por isso”, a partir da noção cultural que se tem de como se comporta o brasileiro. Chegar atrasado (ou não chegar no horário) é uma característica muito ressaltada nos brasileiros, tanto no próprio país, como por

estrangeiros. Esse encadeamento ressalta e reafirma a não pontualidade do brasileiro.

Nesses três enunciados, o termo “brasileiro” evoca uma voz que seria de senso comum, uma voz pública, porque ser brasileiro representa um impacto cultural e a cultura também está na língua. Chegar no horário, no contexto interno desses enunciados, representa a voz da rigidez, da competência, de solidariedade com quem chega no horário. Ao serem constituídos, esses enunciados evocam sentidos, que podem ser outros se utilizados conectivos diferentes, podendo acionar outros contextos e levar a outras conclusões.

A dificuldade está em identificar que essas informações estão no léxico, independentemente de quem produzir tais enunciados. Considerando enunciadores que, nesse caso, acenam para culturas diferentes, é possível tomar, por exemplo, o “mas” como acionador de tais enunciadores serem discordantes entre si. Ele opera no sentido de direcionar para o argumento mais forte, ou seja, o argumento encabeçado pelo “mas” aponta uma conclusão, explícita ou implícita.

Ao locutor do enunciado, cabe a responsabilidade pela disposição: “José é brasileiro, mas chegou no horário”, exatamente nessa posição e não em outra, dentre as possíveis. Há uma sequência discursiva que aponta para determinada conclusão e depende dessa disposição do material linguístico dentro do enunciado.

Os enunciadores estão postos no enunciado e são reconhecíveis no léxico. Com base nisso, tem-se a noção de enunciador individual, genérico e universal, caracterizados da seguinte forma:

O enunciador está posto como o lugar do dizer; o Locutor desconhece que fala de um lugar específico que pode ser o de um enunciador-individual (lugar de dizer que se representa como individual), enunciador-genérico (lugar em que se diz aquilo que todos dizem), enunciador-universal (lugar de dizer que significa o Locutor como submetido ao regime do verdadeiro ou falso) (SOUZA, 2005, p. 23).

Embora sejam muitos os operadores argumentativos que podem ser acionados na tessitura textual, optou-se por trabalhar apenas com três no desenvolvimento da análise. São eles: “já”, “até” e “então”, apresentados nos itens 3.1.1 O operador argumentativo “já”; 3.1.2 O operador argumentativo “até”; e 3.1.3 O operador argumentativo “então”. Esses operadores demonstraram ser encadeadores

de argumentação e indicadores de crenças dos informantes. A maior parte deles apareceu sem a interferência do inquiridor e, portanto, são representativos de uso real da linguagem.

### 3.1 OPERADORES ARGUMENTATIVOS E A GRAMATICALIZAÇÃO

O Português Brasileiro<sup>27</sup>, assim como qualquer outra língua viva, passa por processos de inserção de palavras novas, de sentidos e classificações distintas para palavras já existentes, ou de adaptação gramatical, semântica ou discursiva.

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 125/183) declaram que um dos sentidos em que o termo “gramaticalização” tem sido usado é o de que representa “um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Também a respeito do conceito de gramaticalização, Castilho (2014, p. 138) declara que ela

É habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Passando pelo processo de gramaticalização, é normal que o elemento gramaticalizado se torne mais regular e previsível com relação ao uso, passando a ter uma estrutura gramatical mais restritiva e menos livre (MARTELOTTA, 1996).

Os operadores selecionados para a análise passaram ou estão passando pelo processo de gramaticalização, tendo em vista que podem assumir funções gramaticais em determinadas situações de uso.

Nos tópicos seguintes, são apresentadas discussões específicas quanto aos operadores “já”, “até” e “então”. Parte-se de apontamentos realizados a partir da

---

<sup>27</sup> Em estudos gramaticais mais recentes, autores como Perini (2010) e Castilho (2014) têm adotado a denominação Português Brasileiro para suas gramáticas, assumindo que há diferença com relação ao Português Europeu, por exemplo. Essas novas utilizações são decorrentes de trabalhos realizados em gramáticas que abordam a língua falada e, inclusive, a partir de materiais gerados pelo Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC).

visão da Gramática Tradicional, passando pela especificação argumentativa desses elementos, e chegando aos usos possíveis de cada um deles.

### 3.1.1 O operador argumentativo “já”

Tomando como ponto de partida a Gramática Tradicional, “já” é classificado como um advérbio de tempo (ROCHA LIMA, 1985, CUNHA; CINTRA, 2001). Castilho (2014, p. 579) amplia essa concepção e declara que a marcação adverbial, no caso de “já”, representa “marcações sem especificação de tempo, valendo para qualquer uma de suas dimensões”.

O operador “já”, segundo a forma como foi selecionada para análise do *corpus*, é constituinte de oposição de argumentos que apontam para a mesma conclusão. De acordo com Morais (2004),

[...] *já* marca a introdução de um segmento discursivo que se constitui em torno de um novo subtópico frásico. Trata-se, portanto, de uma função ao nível da estrutura temático-informacional. [...] representam as características que foram destacadas atrás: antes de mais, a transição para uma nova etapa no desenvolvimento do discurso; é ainda de notar, por um lado, a proximidade conceptual entre o subtópico do segmento prefaciado por *já* e o subtópico do segmento anterior – apresentando-se ambos como subpartes de um tópico mais global – e, por outro lado, a relação de contraste entre aspectos destas duas unidades topicais (MORAIS, 2004, p. 11, grifos do autor).

Diferentemente da classificação ofertada pela gramática, Martelotta (1996, p. 111/183, grifos do autor) apresenta duas outras possibilidades semânticas: “o *já* além de expressar noção temporal, apresenta uma característica típica dos marcadores de contra-expectativa: ocorre em cláusulas que expressam situações contrastivas em relação às informações anteriores”. Além disso, ele pode exercer função comparativa, estabelecendo confronto entre informações. É o que adiciona Morais (2004), ao declarar que

[...] como operador aspectual, *já* marca uma transição entre estados de coisas e funciona como um activador pressuposicional que tem a propriedade de focalizar aspectos da proposição expressa, deixando implícita (numa proposição facilmente recuperável) uma comparação com uma situação em que não se verificam esses aspectos – neste quadro, encontra-se associado a *já* um valor de contraste,

possivelmente derivado do seu valor de focalização (MORAIS, 2004, p. 10).

Assim, o operador “já” pode ser utilizado com diversas funções, inclusive como marcador conversacional. No entanto, a função assumida pelo operador adotada para a realização da análise empreendida na tese será a que coloca em oposição duas partes do enunciado, realizando uma comparação entre os termos.

### 3.1.2 O operador argumentativo “até”

Tradicionalmente, tem-se uma classificação à parte para algumas palavras na língua portuguesa, dentre elas o “até”. Segundo Cunha e Cintra (2001, p. 552, grifo dos autores), “certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial”. É o caso de palavras que denotam inclusão, como o até, mesmo, também; exclusão, como o apenas, só, somente; designação, como eis; realce, como cá, lá; retificação, como aliás, isto é; e situação, como afinal, então (CUNHA; CINTRA, 2001). Carvalho (2007) também classifica o “até” como palavra denotativa de inclusão, e para Sacconi (1986), o “até” também é classificado como preposição.

Partindo-se dessa classificação gramatical, desconsidera-se o valor argumentativo próprio do operador “até”. Sendo classificado como palavra que denota inclusão, ao usar “até” em uma frase como “Maria gostaria de comprar até uma casa na praia”, descarta-se todo o conteúdo argumentativo presente na frase, tendo como sentido apenas a inclusão de um desejo de Maria a uma série de outros desejos.

Esse tipo de classificação é totalmente contrário ao que se propõe verificar nesta tese, com relação à argumentatividade presente em determinados elementos, chamados operadores, que podem estabelecer

a hierarquia dos elementos numa escala, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão *r* (*mesmo, até, até mesmo, inclusive*) ou, então, o *mais fraco* (*ao menos, pelo menos, no mínimo*), deixando, porém, subentendido que existem outros mais fortes [...] (KOCH, 2002, p. 104, grifos da autora).

Há, portanto, que se considerar o valor argumentativo estabelecido no uso de elementos como o operador “até”, que, ao operar argumentativamente, suscita informações pressupostas e subentendidas na parte implícita do enunciado. Ao analisar o valor de “Maria gostaria de comprar até uma casa na praia”, identifica-se a sua ambição, tendo em vista que o operador “até” indica um argumento mais forte de uma escala. Dessa forma, em um enunciado em que o operador “até” aparece, há uma demarcação de valor e uma utilização de escala, que aponta para o argumento mais forte de determinada conclusão. Maria, que gostaria de comprar uma casa na praia, provavelmente também apresentaria outros desejos que representariam sua ambição, como a posse de determinado carro ou a participação em determinado evento social ou viagem, por exemplo. Todos esses movimentos pressuposicionais são acionados pela utilização do operador “até”.

Além desse uso do operador para demarcar argumentação e orientar um enunciado para que se chegue a determinada conclusão, há outros usos do mesmo item lexical que podem representar valorações diferenciadas.

Baião e Arruda (1996), ao tratar da gramaticalização de “até”, descrevem quatro usos distintos, dos quais interessa para esta tese o “até” inclusivo, que é o responsável por imprimir teor argumentativo ao sentido, e o “até” marcador de contraexpectativa. Segundo os autores, os usos possíveis são: i. “até” espacial, que demarca o percurso entre um ponto e outro, como no exemplo “João foi até o banco da avenida principal”; ii. “até” temporal, que repassa a ideia de tempo, como no exemplo “Não recebi o convite do casamento dos meus amigos até hoje”; iii. “até” inclusivo, sobre o qual os autores declaram que “há várias nuances de inclusão, de modo que não se trata de uma categoria bem definida, e sim de uma classe difusa de sentidos associados entre si” (BAIÃO; ARRUDA, 1996, p. 140/183) – o exemplo “Maria gostaria de comprar até uma casa na praia” é representativo dessa categoria de inclusão, acrescido de valor argumentativo, também assegurado na fala dos autores –; e iv. “até” marcador de contraexpectativa, em que o item “até” é responsável por inserir uma informação que quebra a expectativa criada linearmente no enunciado, como em “O programa de índio do final de semana até foi bom”.

No *corpus*, consideram-se as duas últimas classificações de “até”, ressaltando-se que o “até” como marcador de contraexpectativa aparece no material de análise como “até que”.

### 3.1.3 O operador argumentativo “então”

Para Cunha e Cintra (2001, p. 553), o “então” é considerado como palavra denotativa de situação (CUNHA; CINTRA, 2001, CARVALHO, 2007). E Rocha Lima (1985) o classifica como advérbio de tempo. Sintaticamente, essas palavras denotativas não assumem nenhuma função, são invariáveis, do ponto de vista morfológico, e importantes semanticamente.

Com relação à função de marcador do “então”, Schiffrin (1987, p. 191) declara que ele é “um marcador de unidades principais, centrando-se em duas unidades de discurso (explicação e narrativa) nos quais partes da informação são diferenciados”<sup>28</sup>.

Martelotta e Rodrigues (1996), abordando a gramaticalização do “então”, apresentam uma série de possibilidades para o termo em português, com usos que também remetem à argumentação. São eles os seguintes:

- “então” anafórico: diz respeito ao uso “que se refere a dados temporais anteriormente mencionados” (MARTELOTTA; RODRIGUES, 1996, p. 125/183). É o caso do exemplo: “A atual fase de desenvolvimento dos meios de comunicação possibilitam o acesso a informações até então não disponíveis tão facilmente”.

- “então” sequencial: trata-se de um uso que demarca a sucessão linear de fatos: “Saí na sacada e então percebi que a rua toda estava no escuro”.

- “então” conclusivo: relaciona-se diretamente com o “então” sequencial, pois, em alguns casos, a função de sequencialização do “então” apresenta dados conclusivos em relação à asserção produzida no texto. Em “Estávamos todos cansados depois da viagem e então resolvemos dormir e deixar as malas para depois”, “dormir e deixar as malas para depois” é uma conclusão gerada pelo fato de todos estarem cansados.

- “então” alternativo: nesse caso específico, o uso de “então” é atrelado à conjunção alternativa “ou”, cujo exemplo e explicação apresentada pelos autores é a seguinte:

“... eu acho que esse negócio de aula à tarde deveria acabar **ou então** a gente entrar em férias mais cedo...”

Nesse caso, constata-se que o elemento **então** expressa um sentido alternativo: **esse negócio de aula à tarde deveria acabar ou então**

<sup>28</sup> Tradução do trecho: “so [is] a marker of main units by focusing on two discourse units (explanation and narratives) within which chunks of information are differentiated”.

**a gente entrar em férias mais cedo.** Este uso é decorrente do **então** conclusivo num processo de gramaticalização via pressão de informatividade. Ocorre que o **então** conclusivo se manifesta, nesse contexto, como uma alternativa, ou seja, se não pode ser alguma coisa (**a aula à tarde terminar**), conseqüentemente será outra (**entrar em férias mais cedo**) (MARTELOTTA; SILVA, 1996, p. 127/183, grifos dos autores).

- “então” intensificador: apresenta-se para intensificar ou enfatizar um elemento em comparação a outro num enunciado.

- “então” resumitivo: também com valor de conclusão, esse uso remete, em uma única cláusula, a tudo o que foi dito anteriormente. É o que ocorre em: “As árvores foram cortadas, pássaros e outros animais estão extintos, rios e lagos secaram, as condições climáticas sofreram sérios danos e então essa é a atual situação de várias regiões brasileiras”.

- “então” introduzindo informações livres: esse uso se assemelha ao uso do “então” sequencial, diferenciando-se pelo fato de as informações apresentadas não serem organizadas linearmente ou de maneira lógica. Trata-se de informações novas inseridas sem que haja ligação lógica ou temporal com a cláusula anterior.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

### 4.1 HISTÓRICO DO PROJETO CAL

Durante os anos de 2008 e 2009, a professora e pesquisadora Vanderci de Andrade Aguilera, juntamente com uma equipe de colaboradores de outras universidades estaduais do Paraná, desenvolveu o Projeto de Pesquisa “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” (CAL). Esse Projeto teve como objetivo produzir um *corpus* sobre crenças e atitudes linguísticas em oito cidades paranaenses. Dessas cidades, seis estão localizadas na região de fronteira com a Argentina e/ou Paraguai (que são: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon e Guaíra) e duas estão localizadas no interior do estado (que são: Ponta Grossa e Irati), sendo parte da pesquisa por se tratar de regiões em que há colônias de falantes de outras línguas.

Em cada cidade, foram realizados 18 inquéritos de acordo com as variáveis selecionadas (sexo, faixa etária e escolaridade), exceto em Foz do Iguaçu, onde se realizaram 36 inquéritos devido ao número de habitantes da cidade.

Os inquéritos foram realizados a partir de um questionário dirigido, que continha questões relacionadas à língua do falante, às línguas faladas na cidade, à sua interação com o outro e à maneira como ele vê o outro. Buscou-se, com o questionário, apresentar tópicos de modo a estimular o informante a apresentar informações que indicam crenças e atitudes linguísticas.

O material coletado resultou em um *corpus* bastante extenso, tendo sido os inquéritos gravados, transcritos e revisados pelos participantes do Projeto CAL. O material gravado e transcrito foi então disponibilizado em forma de CD-ROM.

Depois de produzido e disponibilizado, o material passou a ser objeto de estudo para muitas pesquisas de mestrado e doutorado, que constam do item 4.1.4 Pesquisas realizadas a partir do *corpus* do Projeto CAL.

Ainda antes de chegar a tais resultados, é necessário apresentar informações com relação a como esse *corpus* foi constituído e quais as etapas que foram seguidas até que se chegasse ao material analisado. Isso está presente nos itens seguintes, que contemplam a forma como os informantes foram selecionados, o instrumento utilizado e o tratamento que os dados receberam. Ressalta-se que toda

essa etapa de tratamento dos dados foi realizada por membros colaboradores do Projeto CAL, etapa da qual a autora desta tese não fez parte.

#### 4.1.1 Seleção dos informantes

Os informantes inquiridos durante o Projeto CAL foram divididos da seguinte maneira: três faixas etárias (entre 18 e 30 anos, 31 e 45 anos e 46 e 65 anos), três níveis de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto, Ensino Médio e Ensino Superior) e ambos os sexos (masculino e feminino). Conforme foi antecipado, utilizou-se a seguinte representação para esses dados: no que se refere ao sexo, F para feminino e M para masculino; quanto à faixa etária, atribuiu-se GI para informantes com idade entre 18 e 30 anos, GII para informantes com idade entre 31 e 45 anos e GIII para informantes com idade entre 46 e 65 anos; e quanto à escolaridade, Ea representa Ensino Fundamental incompleto, Eb representa Ensino Médio e Ec representa Ensino Superior.

Como se trata de um *corpus* produzido a partir dos pressupostos da sociolinguística, essas variáveis devem ser consideradas, pois faixa etária, nível de escolaridade e sexo podem ser determinantes para que o informante apresente ou não determinado traço linguístico ou, no caso do Projeto CAL, crenças e atitudes<sup>29</sup>.

Conforme já apontado, foram selecionados 18 informantes em cada cidade, de acordo com as variáveis apresentadas. Já na cidade de Foz do Iguaçu, cujos inquiridos foram selecionados para o desenvolvimento desta tese, o *corpus* é constituído de 36 inquiridos, devido ao maior número de habitantes da cidade. Também há uma diferença quanto ao número de perguntas: enquanto as outras cidades apresentam entre 41 e 48 questões, em Foz do Iguaçu foram realizadas 57, por conta do maior número de línguas em contato na região.

As questões, de maneira geral, direcionam-se à verificação da identidade linguística de cada informante, à identificação de quais línguas os informantes percebem existir na cidade e como eles se relacionam com essas línguas e com seus falantes. Portanto, há respostas em que se podem identificar traços relativos à

---

<sup>29</sup> Para os objetivos do Projeto CAL, essas variáveis são fundamentais, pois permitem comparar em qual faixa etária, sexo ou nível de escolaridade há maior ou menor presença de determinada crença ou atitude linguística. Para esta tese, no entanto, por tratar mais especificamente de crenças e atitudes acionadas por operadores argumentativos, esses dados não definem o uso que os informantes fazem desses elementos.

língua falada pelo informante e, em outras, é possível visualizar a constituição de suas crenças e atitudes linguísticas. Assim, ao tratar determinada língua como feia ou bonita, por exemplo, apresentam-se características da sua própria identidade, que é relevante para a construção da imagem do outro, daquele que se diferencia.

#### **4.1.2 Instrumento de coleta de dados**

O levantamento dos dados foi realizado por meio de questionário dirigido, aplicado por membros do Projeto CAL. A realização dos inquéritos buscou identificar o conhecimento do informante quanto às línguas presentes em cada uma das cidades, a fim de chegar às crenças e atitudes linguísticas que envolvem a relação dos informantes com falantes de outras línguas.

Após a coleta realizada em campo, com gravação de inquéritos a partir de questões pré-estabelecidas, foram realizadas as transcrições e revisões.

#### **4.1.3 Tratamento dos dados**

Um grupo de pesquisadores participantes do Projeto CAL realizou os inquéritos nas cidades, o que resultou em arquivos de áudio salvos no formato *mp3*, que foram, posteriormente, transcritos e revistos também por membros do Projeto, gerando o *corpus*, disponibilizado em forma de CD-ROM, com os arquivos do áudio original, as fichas dos informantes e as transcrições de cada inquérito. Para o desenvolvimento da tese, foi realizada revisão final e tabulação dos dados em forma de planilhas, a fim de facilitar o manejo das informações e análise.

Após acesso a esse material e tratamento dos dados, com base no levantamento teórico quanto a crenças e atitudes, buscou-se avaliar as informações reveladas na fala de cada informante, a fim de identificar como ocorre o uso dos operadores argumentativos e se há relação entre esse uso e a maneira como as crenças são acionadas.

#### 4.1.4 Pesquisas realizadas a partir do *corpus* do Projeto CAL

Os *corpora* produzidos a partir da realização do Projeto CAL serviram de base para o desenvolvimento de diversas pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, cujos resultados apresentam contribuições relevantes para a área de pesquisa. Além de serem utilizados como material para análise em diversas pesquisas, outros desdobramentos foram realizados por pesquisadores de universidades vinculadas ao Projeto. Assim, para identificação de como se deram esses trabalhos e a quais resultados conseguiram chegar, apresentam-se dados referentes a pesquisas que se voltaram à identificação de como se processam as crenças e atitudes linguísticas de algumas comunidades linguísticas do Paraná, vinculadas ao Projeto CAL.

Um dos trabalhos que resultou da coleta de material pelo Projeto foi realizado por Silva-Poreli (2010), que avaliou os inquéritos coletados na cidade de Pranchita. De acordo com a autora, a localidade é constituída por imigrantes de origem italiana, alemã e polonesa, além dos argentinos, pois a cidade está a apenas quatro quilômetros de distância do país vizinho. A partir da avaliação dos dados, o objetivo da dissertação foi descrever e analisar o material coletado na cidade, identificando como os informantes se posicionam com relação ao argentino e se há rivalidade entre as duas nacionalidades. A hipótese é a de que existe uma crença negativa em relação ao argentino, que acarreta em repúdio ao espanhol.

Para a realização da análise, a autora dividiu as questões em grupos. Assim, Silva-Poreli (2010) obteve como resultado a negativa de sua hipótese inicial: os informantes avaliados apresentam atitudes positivas com relação aos argentinos. A autora também identificou a existência de aceitação com relação às línguas dos ancestrais dos informantes, com relação à cultura e língua brasileira e uma tentativa de manter valores e línguas dos antepassados.

Tratando dos dados da cidade de Capanema, Pastorelli (2011) também traçou como objetivo identificar crenças negativas e positivas dos informantes com relação às línguas presentes na comunidade. A opção da autora é por uma análise descritiva dos dados, realizada a partir de excertos considerados relevantes para a avaliação de crenças e atitudes. Essa análise também foi dividida levando em consideração a temática a que se referia cada questão, sendo que a autora analisou todas as questões realizadas durante os inquéritos.

De acordo com dados da pesquisa de Pastorelli (2011), convivem na localidade os nativos da região, imigrantes da região Sul do país, com descendentes de imigrantes italianos e alemães, bem como os imigrantes dos países vizinhos, Argentina e Paraguai. Portanto, como resultado da convivência com esses povos de origens distintas, a autora identifica a existência de uma visão negativa quanto ao paraguaio, o contrário do que acontece no geral com relação ao argentino.

Quanto aos grupos étnicos, atitudes positivas são atribuídas a descendentes de italianos e alemães, embora estes últimos sejam vistos como sérios e que possuem uma língua difícil. Isso se deve principalmente ao fato de haver muitos descendentes dessas etnias na cidade, principalmente do italiano. Mas, apesar dessa aceitação por boa parte dos informantes com relação a argentinos, alemães e italianos, os falantes de língua portuguesa aparecem na pesquisa como os que falam melhor.

Corbari (2013) realiza uma avaliação das atitudes linguísticas percebidas nas localidades de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, considerando os diferentes contextos sócio-históricos e geográficos em que cada uma das localidades se encontra. A autora ressalta que, especialmente no Paraná, estudos que abordem as atitudes linguísticas são propícios, tendo em vista a presença de comunidades bilíngues e/ou que estão em região de fronteira.

Ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa, a autora busca identificar se o fato de as duas localidades selecionadas estarem em contato com outras línguas gera, nos informantes, atitudes linguísticas em relação aos que falam outras línguas ou variedades e como elas se manifestam na fala dos informantes de ambas as cidades. Para isso, as perguntas dos questionários são divididos em 6 blocos e analisados um a um, para que se chegue à identificação de como as atitudes ocorrem na fala dos informantes de Irati e Santo Antônio do Sudoeste.

Os dados levantados e analisados ao longo da tese dão conta de que em ambas as regiões há “lento e gradual processo de dissolução dos núcleos culturais (em intensidades diferentes nas duas localidades), atrelado a mudanças geradas por fatores de ordem social, cultural e econômica” (CORBARI, 2013, p. 242). Também as variáveis consideradas para o levantamento dos *corpora* não foram cruciais para a explicação das atitudes dos informantes. A partir da avaliação das atitudes, a autora identificou maior preconceito com relação ao português “misturado” a línguas

de imigração, sendo que os informantes prestigiam a variedade padrão do português.

Outras duas localidades que serviram de *corpus* para análise a partir dos dados do Projeto CAL foram Marechal Cândido Rondon e Guaíra. A pesquisa Fenner (2013)<sup>30</sup> teve por objetivo descrever e comparar as crenças e atitudes dos informantes das duas comunidades. Também partindo do questionário aplicado pelo Projeto CAL nas localidades, Fenner (2013) baseou-se na hipótese de que na cidade de Marechal Cândido Rondon haveria um maior prestígio quanto à língua do colonizador, e em Guaíra, ao contrário, isso não ocorreria, tendo em vista a diferença na constituição histórica e geográfica das duas comunidades.

A análise do material permitiu à pesquisadora identificar traços específicos de cada comunidade para, posteriormente, realizar comparação entre eles. Um dos dados que apresenta é a presença significativa da língua alemã na comunidade rondonense, por conta do número de descendentes de alemães ali presentes. No entanto, como o dialeto de alemão falado na cidade é de baixo prestígio, a autora identificou que muitos informantes, mesmo tendo utilizado essa língua durante a infância, negaram conhecê-la ou utilizá-la por conta do estigma relacionado a essa variedade. Em contrapartida a isso, o alemão apareceu como a opção mais escolhida quando os informantes foram questionados sobre quais línguas gostariam de aprender.

Já em Guaíra, o prestígio foi atribuído à língua espanhola falada pelos paraguaios, especialmente por conta das relações de fronteira existentes no local. Esse prestígio, no entanto, não é tão grande quando se trata de aspectos culturais. A diferença existente entre cultura e hábitos brasileiros com relação aos paraguaios também serve de subsídio para que a aceitação do outro não seja tão fácil. Com relação a grupos étnicos instalados na localidade, parece haver maior aceitação quanto aos japoneses e certo estranhamento com relação aos árabes.

Assim, Fenner (2013) comprova a sua hipótese inicial de que os informantes das localidades apresentariam posicionamentos distintos exatamente por conta da constituição histórica e localização geográfica de cada uma das cidades.

---

<sup>30</sup> Apesar de trabalhar com os dados coletados no Projeto CAL para comparar as duas localidades selecionadas, o enfoque da autora é direcionado à identificação de bilinguismo e à visualização de como isso reflete na forma como os informantes veem a si e ao outro.

## 4.2 METODOLOGIA DESTA TESE

Selecionaram-se os inquéritos produzidos na cidade de Foz do Iguaçu com o objetivo de avaliar como as crenças e atitudes linguísticas dos informantes aparecem no *corpus* em função da utilização de operadores argumentativos.

Verificou-se que três elementos linguísticos são mais utilizados: “já”, “até” e “então”, que expressam porções informacionais em que prestígio ou preconceito são indicados de forma mais explícita.

A seleção dos enunciados foi realizada a partir da ocorrência dos operadores indicando crenças e atitudes linguísticas. Portanto, os recortes textuais contemplam operadores/marcadores que ora indicam preconceito com relação a determinada língua, ora demonstram prestígio.

Para a realização da análise, e depois de consulta bibliográfica, constatou-se que as áreas da Análise da Conversação e de Crenças e Atitudes podem servir de base para testagem da hipótese de que certos elementos linguísticos indicam o posicionamento do falante.

Trata-se, principalmente, de questões em que o inquiridor pede exemplos das línguas faladas na cidade, de qual delas o informante considera que fala melhor ou pior, ou mais bonita e mais feia, em que lugares as línguas são faladas, se o informante se importaria em morar ou se casar com falantes de outras línguas e, por fim, se as outras línguas devem ser ensinadas na escola e utilizadas em locais públicos, como na igreja.

As crenças e atitudes linguísticas acionadas são voltadas mais especificamente à cultura de fronteira, a qual serviu de base para o exercício de interpretação e avaliação dos dados.

Com relação às variáveis utilizadas para a seleção dos informantes ainda na realização dos inquéritos, identificou-se, no trato com os recortes selecionados, que há relevância quanto à geração do informante em alguns casos, principalmente com relação às crenças acionadas. O uso dos operadores, no entanto, não demonstrou ser determinado por essas variáveis, pois eles estão presentes de maneiras semelhantes na fala de informantes pertencentes a variáveis distintas. Dessa forma, as indicações das variáveis às quais cada informante pertence são mantidas nos recortes.

Ressalta-se que esta tese segue os parâmetros do Projeto CAL. Entre esses parâmetros, importa reforçar que o questionário teve uma base comum, diferindo apenas no número de línguas faladas em cada cidade. Por conta dessas adaptações, em Foz do Iguaçu, o questionário contemplou 57 perguntas. Mas, como a análise empreendida está pautada nos operadores argumentativos citados, são abordadas apenas algumas das questões em que esses operadores aparecem na fala dos informantes.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme anunciado no Capítulo 1, “Foz do Iguaçu: um percurso histórico”, a cidade mantém contato com o Paraguai e a Argentina. Por se tratar de um polo de comércio e turismo, a localidade possui também falantes de línguas como árabe, chinês e variedades derivadas das duas línguas em contato na região de fronteira, como é o caso do jopará e do portunhol, por exemplo.

A respeito dessa constituição da cidade de Foz do Iguaçu especificamente, leva-se em consideração o que declara von Borstel (2011, p. 23):

No Brasil, mesmo que se tenha oficialmente a língua portuguesa como única língua institucionalizada e o país seja visto como monolíngue (como também não é possível deixar invisível a existência de grupos étnicos, mesmo que minoritários), já não é possível deixar de levar em consideração a inter-relação de culturas e de identidades sociais em contextos simples ou complexos de aproximação de línguas e culturas.

Com relação ao contexto específico de Foz do Iguaçu, é importante demarcar que, embora inserida em país falante oficial da língua portuguesa, a cidade abriga falantes de diversas outras línguas, que possuem costumes e culturas bastante distintas, o que culmina na existência de múltiplas identidades e formas de conviver.

Essa especificidade imprime à cidade uma característica única, pautada na coexistência de indivíduos provenientes de lugares diferentes do mundo, com sistemas linguísticos completamente distintos do português. Isso, no entanto, não é visto como barreira para a atuação desses povos no comércio da cidade, ou exercício de atividades culturais e religiosas.

### 5.1 CRENÇAS E ATITUDES IDENTIFICADAS NO *CORPUS*

Como o entendimento do funcionamento linguístico não deve estar desconectado do real uso da linguagem, é possível identificar, nos enunciados do *corpus*, como se dá o uso de determinado elemento linguístico na constituição, por exemplo, da argumentação. A análise pautada nesse uso real e cotidiano da língua permite verificar como se desenvolvem as crenças e atitudes do informante diante

da situação de comunicação a que o indivíduo é submetido no momento da realização dos inquéritos.

Trata-se de enunciados cuja sondagem não se pauta nos traços argumentativos. Isso significa que, embora o material tenha sido coletado com outros fins, há a utilização de elementos que demarcam estratégias típicas de interação face a face. Basicamente, são consideradas as três características elencadas por Schiffrin (1987): conteúdo ideacional, intertextual e interacional.

Para tal análise, pautou-se no referencial da Semântica Argumentativa, uma vez que possibilita o trato com o linguístico no intuito de identificar as avaliações contidas nos enunciados selecionados. As análises dos recortes estão pautadas em vozes de enunciadores acionados a fim de orientar o enunciado para determinada conclusão.

Foram selecionados 22 enunciados em que há ocorrência dos elementos “já”, “até” e “então” no *corpus*, que apresentam teor argumentativo ou mesmo direcionam para determinada conclusão.

Reforça-se, ainda, que, embora para os estudos inseridos no campo de crenças e atitudes seja importante a discussão a respeito da faixa etária, escolaridade e sexo, esse não é o foco das análises desenvolvidas, tendo em vista que em apenas um dos itens avaliados há maior utilização entre homens de determinada geração.

Na sequência, apresentam-se, portanto, os enunciados selecionados para a análise, seguidos de discussões acerca de cada operador argumentativo escolhido, amparadas em autores que já se propuseram a tratar de tal tema e que contribuem para os objetivos traçados para esta tese.

### **5.1.1 Já: demarcador de comparação**

O “já” aparece em diversos enunciados do *corpus*, com estruturas diferentes. Considerando a sua estrutura argumentativa nas inserções de fala dos informantes, é possível identificar que há o acionamento de vozes distintas na construção do argumento, mas que acabam, em geral, apontando para a mesma conclusão e demarcando uma orientação argumentativa comum. Trata-se de uma estrutura de comparação, em que são inseridos dados sobre determinado assunto e há uma preferência por um dos argumentos acionados.

Para verificar a estrutura de comparação ou de contraste do “já”, são elencados alguns dos enunciados que possibilitam a visualização dos enunciadores acionados durante a construção do argumento dos informantes.

Também é possível verificar que há informações, presentes na sequência do uso de “já”, que são subsidiárias e não necessariamente solicitadas pelo inquiridor durante a pergunta feita para o informante.

O uso de “já” parece estabelecer uma articulação de argumentos que demarcam uma espécie de digressão na informação apresentada depois de “já”, tendo em vista que, como no exemplo do enunciado 01, não é solicitado ao informante que realize comparações entre uma e outra língua.

Enunciado 01 (Inf. 7 – M GII Ea)

INQ.- É... você poderia dar um exemplo de palavra ou expressão de como falam as pessoas que falam o espanhol argentino?

INF.- E os paraguaio... Seria “hermoso”, no caso o argentino fala pra “muito lindo”, né. E já os paraguaio “muy lindo”, né.

Nesse enunciado, em que o inquiridor busca verificar se o informante conhece alguma expressão ou palavra em espanhol argentino, o informante acaba demonstrando uma palavra que conhece e traça um contraste entre o termo em espanhol argentino e paraguaio. Embora essa diferenciação não esteja marcada na pergunta do inquiridor, o informante demonstra considerá-la relevante para o contexto em que está inserido.

No enunciado 01, é possível verificar um enunciador que representa uma voz de cunho geral, que apresenta informações de conhecimento comum, pautadas na vivência do informante em relação às duas línguas citadas. Nesse enunciado, o informante demonstra ter conhecimento de que há diferenças, explicitamente quanto à língua, e implicitamente quanto a outros traços que perfazem a constituição de cada país.

Nesse primeiro recorte, há uma diferenciação entre as formas argentina e paraguaia para o equivalente a “muito bonito”. Embora a pergunta não abordasse a diferença entre espanhol argentino e paraguaio, o informante emprega esses exemplo, sem deixar clara a sua preferência.

O informante 09, no enunciado seguinte, demonstra um posicionamento quanto à língua falada em um e outro país, de forma mais direta:

Enunciado 02 (Inf. 9 – M GIII Ea):

INQ.- Em relação a essas línguas que a gente tava falando, o espanhol argentino, o espanhol paraguaio, árabe, chinês, guarani e jopará, quem que o senhor acha que fala melhor?

INF.- Olha, eu, pra mim, quem fala melhor é o espanhol falado pelos argentinos, né, que tenho mais facilidade de entender algo que eles fala, né, e já o paraguaio falando espanhol ele fala muito rápido e a gente muitas vezes não entende tudo que eles fala, e o guarani não entendo nada.

A informação que consta da porção textual que sucede o “já” é subsidiária ao argumento inicial de que o espanhol argentino é o melhor por ser mais fácil de entender. “Já” é um operador que auxilia na constituição de uma argumentação que demarca crenças favoráveis ao argentino e contrárias ao paraguaio. No plano do pressuposto, é possível identificar a associação do “falar muito rápido” à constituição da língua/cultura paraguaia, à coexistência do guarani e do espanhol, resultando, inclusive, em uma nova língua, que mistura essas duas (o jopará). Ainda no plano do implícito, é possível verificar que o informante recorre ao seu contato com os falantes de cada uma das línguas para classificá-las como melhor ou pior, acentuando que uma fala mais pausada possibilita maior entendimento. E, talvez, a afirmação de que o fato de o paraguaio falar mais rápido torna a comunicação mais difícil seja até uma maneira instituída culturalmente de demonstrar que o contato com o paraguaio não deva passar do necessário, sem relações de confiança e amizade.

Em relação aos enunciadores postos em cena, verifica-se que há um enunciador favorável ao argentino e outro contrário ao paraguaio, o que reafirma a conclusão do informante: o espanhol argentino é melhor do que o espanhol paraguaio. Dessa forma, o espanhol argentino ser fácil de entender e o espanhol paraguaio ser difícil e muito rápido são argumentos favoráveis ao espanhol argentino e desfavoráveis ao espanhol paraguaio.

Esses enunciadores acionados no momento da interação e os argumentos introduzidos servem de suporte para as crenças do informante com relação às nacionalidades postas em cena por ele.

O material analisado, que abarca recortes advindos de informantes diferentes, permite verificar que o mesmo tipo de construção textual e com o mesmo tipo de orientação argumentativa pode ser verificado na fala de mais de um informante. É o que ocorre no enunciado 03, com a diferença de que o argumento é favorável ao paraguaio e não ao argentino, o oposto do que foi verificado no enunciado 02.

Enunciado 03 (Inf. 19 – M GII Eb)

INQ.- Poderia dar um exemplo de como é que fala o espanhol argentino?

INF.- O argentino fala correndo, é mais difícil de entender, já o paraguaio fala mais compassado.

No enunciado 03, o operador “já” é utilizado novamente com a função de apresentar uma direção argumentativa presente na fala do informante, que demarca a sua opinião de que o espanhol paraguaio é mais fácil de entender do que o argentino.

Embora na fala desse informante o posicionamento quanto a paraguaios e argentinos difira da maioria dos demais informantes, é possível associar essa visão à relação comercial estabelecida entre brasileiros de Foz do Iguaçu e comerciantes de Ciudad del Este, que veem, no público brasileiro, possíveis clientes e movimentadores da sua economia. Na direção inversa, para paraguaios com o interesse de tornar o brasileiro seu cliente, aproximar-se por meio da forma de falar pode ser considerada até mesmo uma estratégia de *marketing*.

Com relação ao enunciado como um todo, a utilização de “já” demarca a existência de dois enunciadores, um favorável ao espanhol paraguaio e outro contrário ao espanhol argentino, que se complementam na constituição da crença do informante. Isso leva à conclusão de que a língua espanhola falada pelo paraguaio é mais fácil de entender do que a falada pelo argentino. Essa utilização do operador demarca, na fala desse informante, a preferência pelo espanhol paraguaio, o que se destaca no *corpus* selecionado, tendo em vista que a maior parte dos informantes demonstra certo apreço à língua falada pelos argentinos e pouco interesse pelo espanhol paraguaio.

Desse posicionamento do informante quanto ao paraguaio e ao argentino, também se destaca a atribuição de características ao falante da língua propriamente, como modificador dessa língua. Há uma relação de contraste entre o indivíduo que fala correndo e o que fala mais compassado, especialmente quando se trata de uma língua diferente da falada pelo seu interlocutor, como é o caso do informante, que tem como primeira língua o português.

O acionamento das crenças do informante com relação a argentinos e paraguaios realizado por meio do operador “já” permite verificar que o informante é mais receptivo com o paraguaio do que com o argentino, e isso é transposto na sua

fala a partir de uma construção argumentativa que se diferencia dos demais informantes pela ordem do argumento, mas não pela utilização do operador.

Ressalta-se, portanto, que o operador “já”, mesmo tendo traços de adversatividade, contrapõe argumentos que validam a mesma conclusão dentro do enunciado.

O enunciado 04 também apresenta essa contraposição de argumentos, mas de forma diferente dos enunciados anteriores:

Enunciado 04 (Inf. 23 – M GIII Eb)

INQ.- O senhor poderia dar um exemplo de como que fala o espanhol argentino?

INF.- Não, o argentino é (inint.) o espanhol também.

INQ.- Um exemplo de uma saudação?

INF.- O argentino, pelo que eu me lembre, fala mais cantado, né, o espanhol fala morno e o paraguaio já tem um sotaque mais para o lado índio.

No enunciado 04, há uma espécie de gradação entre a língua falada pelo argentino, pelo espanhol e pelo paraguaio. Em representação semelhante à possível quanto à utilização de “até”, ter-se-ia o seguinte:

↑  
 Argentino (+)  
 Espanhol (neutro)  
 Paraguaio (-)

No topo da gradação, tem-se o argentino como o que fala melhor, o espanhol, classificado como morno, na condição de mediano, e o paraguaio como o que fala pior, aparecendo na parte inferior da escala. Embora essa não seja a questão direcionada especificamente a identificar qual língua o informante acha melhor ou pior, verifica-se que há uma tendência ao classificar as línguas de tal maneira. Essa classificação indica maior aceitação do espanhol argentino em relação ao espanhol paraguaio. Embora o operador “já” apareça para demarcar a existência dessa oposição, ressalta-se que o informante utiliza um argumento a mais para constituir sua conclusão. Ao inserir o espanhol como uma língua falada de maneira “morna”, mesmo sendo classificado como um argumento que não apresenta o grau de preconceito constante nos argumentos movimentados pelos outros dois enunciadorees, é possível identificar o peso desse argumento na conclusão para que aponta o enunciado.

Ao produzir o enunciado “O argentino, pelo que eu me lembre, fala mais cantado, né, o espanhol fala morno e o paraguaio já tem um sotaque mais para o lado índio”, o informante demonstra que conhece as línguas que está pondo em comparação e que identifica suas influências e a maneira como cada uma é utilizada, mesmo que esse não seja um conhecimento aprofundado. Há, no enunciador que se refere ao paraguaio, um grau maior de preconceito. Tal preconceito remete à perspectiva segundo a qual, no Brasil, em geral, quando se está a referir a indivíduo paraguaio que fala o guarani ou mesmo o jopará, há uma atitude de rejeição. De maneira geral, falar uma língua indígena, no Paraguai, está relacionado a “enrolar e ser enrolado”, ou seja, à intenção do falante nativo paraguaio querer tirar vantagem sobre os outros, sejam brasileiros ou estrangeiros de outros lugares do mundo.

Há, portanto, nesse enunciado, a constituição de um argumento contrário ao espanhol paraguaio, pautado em dois enunciadores preconceituosos (um que se opõe ao paraguaio e outro que simpatiza com o argentino). Além disso, há um enunciador que se mostra neutro, e que, mesmo parecendo não ser tão importante no enunciado, opera no sentido de uma conclusão negativa quanto ao paraguaio. Essa constituição dos enunciadores e dos argumentos acionados pelo informante demonstra a crença do informante de que, em termos de espanhol, o argentino se destaca positivamente com relação ao paraguaio.

O enunciado 05, assim como os anteriores, apresenta uma comparação quanto a paraguaios e argentinos, demonstrando a visão que o informante tem de ambos. No entanto, os enunciadores acionados para a comparação proposta tratam mais de aspectos físicos dos moradores de um e outro país, e não tanto da língua em si:

Enunciado 05 (Inf. 24 – F GIII Eb)

INQ.- Conhece alguma palavra, algum exemplo de como os argentinos falam?

INF.- Citar palavras assim, no momento eu não me recordo de nenhuma assim, foge da memória.

INQ.- Mas se você vê um argentino você já sabe?

INF.- Sim, até pela própria postura deles.

INQ.- Por quê?

INF.- É diferente, eu acho o argentino assim, mais, como é que eu vou dizer, os traços deles são diferentes, físicos também. O paraguaio é parecido com índio, a fisionomia dele é indígena, né, já o argentino, ele tem assim aquela fisionomia de europeu.

Nesse enunciado, como a conversa acaba se direcionando para a diferença física entre argentinos e paraguaios, o informante elenca características para um e outro, que os classifica como diferentes entre si, com características positivas quanto ao argentino.

Caracterizar o paraguaio como parecido com o índio e o argentino como europeu imprime certo grau de preconceito à declaração desse informante, embora se trate de constituições específicas de uma e outra nacionalidade. É perceptível a inserção de dois enunciadores diferentes que apontam para a preferência do informante pelo argentino. Declarar que o paraguaio é parecido com o índio ressalta características negativas desse povo em comparação com o argentino, que é associado ao europeu e, portanto, caracterizado de maneira positiva.

Mesmo não declarando preferência por um ou outro, com a inserção de enunciadores que demarcam tais argumentos, o informante aponta para uma conclusão favorável ao argentino e desfavorável ao paraguaio, reflexo, portanto, de enunciadores preconceituosos postos em cena para a construção de tal argumento. De tal forma, essa constituição da argumentação realizada pelo informante está pautada numa crença de que o argentino é superior ao paraguaio por se tratar de um povo que carrega mais traços do colonizador do que do colonizado, o contrário do que ocorre no Paraguai.

O enunciado 06 apresenta uma oposição de argumentos com relação a argentinos e paraguaios, pautada na utilização de “já” e “enquanto”:

Enunciado 06 (Inf. 29 – M GII Ec)

INQ.- E dessas línguas que você já escutou aqui, árabe, chinês, guarani e até o jopará, você poderia me dar um exemplo de como fala o argentino?

INF.- O argentino... ah... você diz assim pra eu falar um pouco do sotaque deles?

INQ.- O sotaque, se você conhece alguma palavra...

INF.- Ah, sim... O argentino, por exemplo, o espanhol argentino, ele já é um pouco mais cantado né, uma pronúncia por exemplo: *Las personas, sou muy contiento, acá, locutor, los puelos*, enquanto que no Paraguai é mais diferenciado, eles falam bem mais rápido: *las personas, en su casa*, né, então é bem mais corrido, e há uma mistura também, ao mesmo tempo que eles estão falando com você em espanhol eles misturam também o guarani, né.

Os enunciadores presentes nesse enunciado são voltados a inserir informações calcadas no senso comum para desqualificar o espanhol falado no Paraguai. Ao inverter o argumento reforçado por “já”, em “O argentino, por exemplo, o espanhol argentino, ele já é um pouco mais cantado, né [...]”, o informante aponta

para a sua preferência quanto ao espanhol argentino, calcada na sua descrição de “mais cantado”, o que sinaliza maior facilidade no entendimento do que fala um argentino. Até então, a comparação não aparece explicitamente na fala do informante, que só vai acontecer a partir da inserção de “enquanto”, que surge para apresentar a caracterização do falante paraguaio como “diferenciado” e “mais rápido”.

Dois outros operadores reforçam a preferência do espanhol argentino em relação ao paraguaio, que inserem argumentos contrários ao paraguaio. Trata-se de “então” e “e [...] também”, utilizados da seguinte maneira: “[...] *Las personas, en su casa, né, então é bem mais corrido, e há uma mistura também, ao mesmo tempo que eles estão falando com você em espanhol, eles misturam também o guarani, né*”. Nesse trecho, o “então” sumariza o dito anteriormente: o espanhol paraguaio é caracterizado como mais rápido; enquanto o “e [...] também” serve como introdutor de mais um argumento desfavorável ao espanhol paraguaio: além de falarem rápido o espanhol, eles misturam com o guarani, dificultando ainda mais o entendimento.

Identifica-se, nesse enunciado, uma manobra argumentativa criada pelo informante com base em alguns operadores para criar e confirmar o seu argumento, que indica a conclusão de que o espanhol argentino é melhor do que o espanhol paraguaio e ressalta suas crenças e preferências com relação às línguas com as quais está em contato na região de fronteira.

O próximo enunciado selecionado para a avaliação de como o “já” aparece no *corpus* apresenta a inserção desse operador em dois momentos distintos na resposta do informante.

Enunciado 07 (Inf. 7 – M GII Ea)

INQ.- Comparando essas línguas que a gente estava falando agora: espanhol argentino, espanhol paraguaio, o guarani, o jopará que é a mistura, né, o árabe e o chinês, quem você acha que fala melhor?

INF.- Acho que o espanhol argentino.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, num sei, porque é a língua deles mesmo, né, e apesar que tem uma diferença do argentino portenho com o missioneiro. O portenho fala mais pausadamente e o missioneiro já é mais aqui da fronteira, né, fala mais rápido.

INQ.- Você então gosta mais do...?

INF.- Do missioneiro.

INQ.- O castelhano, o espanhol é mais do argentino, né.

INF.- Eu entendo mais, né, os outros já não...

No primeiro uso indicando argumentatividade do enunciado 07, tem-se o seguinte: “O portenho fala mais pausadamente e o missioneiro já é mais aqui da fronteira, né, fala mais rápido”. A utilização do “já”, nesse trecho da resposta do informante, opõe dois tipos de espanhol falados pelos argentinos, o que não foi verificado nos enunciados anteriores, de outros informantes. Esse uso, que mobiliza argumentos diferenciados, ressalta a importância do uso desse operador na disposição dos enunciadores na produção do enunciado. Observa-se que a oposição produzida pelo informante se dá entre o argentino portenho e o missioneiro. Para esse informante, o argentino portenho, ou seja, o falado em Buenos Aires, é diferente do falado na região de fronteira.

A disposição desses enunciadores demonstra conhecimento do informante quanto à maneira falada em uma e outra região. Destaca-se, dessa forma, que esse conhecimento do informante é fundamental para o acionamento desses enunciadores e para a constituição do argumento contrário ao espanhol argentino portenho, falado na capital, e favorável ao espanhol argentino missioneiro, falado na região da fronteira.

Essa diferenciação dentro do mesmo país não foi vista nos outros enunciados analisados até então, representativos de contraste entre Paraguai e Argentina, assumindo-se postura favorável a uma das duas e contrário à outra. Ressalta-se, nesse sentido, o fato de o informante do enunciado 07 acionar argumentos que demonstrem sua preferência pelo espanhol falado na região de fronteira e não na região da capital do país, assumindo, inclusive, a preferência pelo espanhol falado de maneira mais rápida.

Ainda no mesmo enunciado, tem-se a oposição entre falantes de espanhol argentino e os outros. Ao declarar “Eu entendo mais [o espanhol argentino], né, os outros já não...”, o informante demonstra que, mesmo demarcando diferença entre o espanhol argentino falado em duas regiões e traçando preferência por um deles, a língua falada pelos argentinos ainda é mais acessível a ele do que as outras. Acredita-se que estão incluídas nessa afirmação línguas como o espanhol paraguaio, o guarani, o árabe, chinês e outras línguas mencionadas durante o inquérito, que são as línguas com as quais provavelmente o informante está em contato mais diretamente.

A respeito desse segundo uso de “já” no enunciado, verifica-se que, mesmo identificando a diferença na fala de argentinos pertencentes à região de fronteira e

dos situados na área portenha, a preferência do informante é pelo argentino. Isso ressalta o que se verifica na maior parte dos inquiridos, em que o informante em geral aprecia o espanhol argentino, por identificá-lo como o mais fácil de entender e falado de maneira mais compassada, com menos interferência de outras línguas.

O enunciado 08 aborda uma comparação possibilitada a partir do uso de “já” entre as línguas faladas pelo paraguaio e pelo árabe. Essa comparação se destaca entre as demais, que giravam basicamente em torno do espanhol falado por argentinos e paraguaios.

Enunciado 08 (Inf. 30 – F GII Ec)

INQ.- E dessas línguas que a gente comentou, quem você acha que fala pior?

INF.- Sei lá, hem, eu acho que é no Paraguai, né. Não que eles falam pior, é que eles misturam muito, que nem eles misturaram o guarani com... e já o árabe não.

INQ.- Então é mais o jopará ou o espanhol paraguaio?

INF.- O jopará então, né, o pessoal mistura muito.

No enunciado 08, há uma comparação não recorrente no *corpus*. Trata-se da utilização de argumentos favoráveis ao árabe, pautados na caracterização negativa do falante paraguaio. Para construir a conclusão de que o árabe é melhor, o informante usa a oposição permitida pelo “já” e demarca sua contrariedade ao paraguaio. A demarcação da existência de mistura entre o espanhol e o guarani na fala dos paraguaios é responsável pela eleição do paraguaio como quem fala pior.

A comparação entre árabe e paraguaio, línguas que não têm quase nada em comum, acontece por se tratar de duas línguas que estão em contato devido à região de fronteira e à presença de grupos étnicos distintos. Como no *corpus* a oposição entre paraguaio e argentino está bem demarcada, essa comparação entre árabe e paraguaio se afasta do verificado na fala de outros informantes. No entanto, essa é uma comparação válida, tendo em vista que o informante busca ressaltar a mistura existente na fala do paraguaio e inexistente entre os árabes. Novamente, tem-se o destaque do uso do operador “já” como demarcador de comparação e contraste.

O acionamento dos argumentos desse informante demonstra crenças negativas em relação ao paraguaio e positivas quanto ao árabe. Não misturar a sua língua com outras é tido, para esse informante, como uma característica de beleza da língua, enquanto a mistura aciona nele a crença de que a língua é feia.

A disposição dos enunciadores aponta, portanto, para uma preferência por parte do informante pelos falantes árabes, bem como a mistura existente na fala dos paraguaios é definitiva na rejeição realizada por ele.

O enunciado 09 é o último a ser analisado com relação ao uso de “já” e apresenta uma comparação entre o espanhol falado pelos argentinos e a língua portuguesa, utilizada pelos brasileiros.

Enunciado 09 (Inf. 07 – M GII Ea)

INQ.- Qual é a mais bonita?

INF.- Eu acho que é o espanhol, ainda.

INQ.- Qual espanhol?

INF.- O argentino.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, num sei, porque num tem muito... como eu vou te explicar... não tem muita gíria na língua deles, já a nossa brasileira, portuguesa, tem muita gíria, né.

O “já” demarca preferência de uma língua em relação a outra, apresentando argumentos contrários que se unem na construção do argumento de que o espanhol argentino é o melhor. Como contraste entre duas línguas, há uma comparação que não é percebida na fala de muitos informantes.

Embora se espere que o informante defenda a sua própria língua e a defenda em situações como um inquérito que trate da existência e convivência de línguas distintas em determinada localidade, esse informante demonstra acreditar que a língua do outro é mais bonita do que a sua. Isso pode estar pautado na existência de uma relação por parte do indivíduo com falantes de língua portuguesa que a utilizem a partir de inserções que ele considera como feias.

Com a análise desses nove enunciados, em que se verificou o uso de “já” como um operador que é acionado na busca da comparação, seja entre países, falantes ou línguas, é possível identificar como esse operador atua na constituição da argumentação e como atua na transposição das crenças do informante em forma de atitude linguística diante das questões direcionadas a cada um durante a realização do inquérito. Vale ressaltar que o acionamento de enunciadores que validam tais crenças é importante para a transposição de como o operador argumentativo é utilizado em determinada situação comunicativa.

Nesses enunciados, foi possível identificar crenças, preferências e preconceitos velados, o que, de certa forma, demonstra uma necessidade do informante de preservar sua face, não apresentando abertamente suas opiniões

quanto ao que lhe foi questionado, muito embora elas tenham aparecido implicitamente, ao longo das entrelinhas do seu discurso.

### 5.1.2 Até: demarcador de escala

A partir da avaliação dos dados presentes no *corpus*, optou-se por trabalhar também com o “até”, que possui grande recorrência de uso. Trata-se, como já explanado no capítulo destinado ao trato dos operadores argumentativos, de um elemento que apresenta, entre outras possibilidades, a característica de demarcador de escala argumentativa. Isso significa que um dos usos do “até” é representante de orientação argumentativa em determinado sentido.

Apesar de o uso de “até” ser recorrente no *corpus* e render discussões relevantes, verificou-se esse uso associado a outros elementos, passando a operar argumentativamente de maneiras distintas em cada um desses usos. Optou-se, portanto, por trabalhar com esse operador nas ocorrências em que apareceu como “até mesmo”, “até que” e “até porque”.

Ressalta-se que cada um deles apresentou um sentido distinto no interior dos enunciados, o que será discutido nos tópicos seguintes.

#### 5.1.2.1 Até mesmo

Conforme já mencionado, o “até” possui usos em que demarca uma escala argumentativa. Quando combinado em “até mesmo”, essa escala parece rebaixar ou enaltecer ainda mais o elemento que está no topo da escala. Essa foi uma combinação que apareceu na fala de alguns informantes durante a realização dos inquéritos e, portanto, os enunciados em que foram citados serão analisados neste tópico.

O enunciado 10 se refere a quem o informante acha que fala melhor, e apresenta uma escala em relação ao fato de levar mais a sério a tradição:

Enunciado 10 (Inf. 30 – F GII Ec)

INQ.- Comparando essas línguas, o espanhol argentino, o espanhol paraguaio, árabe, chinês, guarani, jopará, quem você acha que fala melhor?

INF.- Melhor?

INQ.- É, bem sua opinião mesmo.

INF.- Os árabes, sei lá, né.

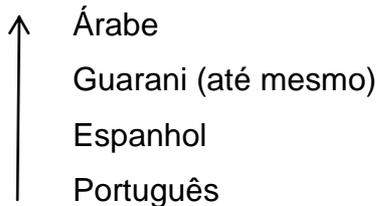
INQ.- E por quê? O que que tem na fala deles que vocês gosta?

INF.- Que eu goste, nada, né. Não me interesso em falar árabe.

INQ.- Mas você disse que acha que eles falam melhor, por que você acha que eles falam melhor?

INF.- Porque eles levam mais a sério a tradição deles, mesmo que eles venham para o Brasil, eles continuam a família deles falando árabe muito mais do que o espanhol, o português, até mesmo o guarani.

#### Levar a sério a tradição



Como é próprio do operador “até”, verifica-se que, nesse enunciado, o informante elabora uma escala argumentativa, no intuito de demonstrar sua opinião quanto à conservação da tradição por parte de alguns falantes com os quais tem contato. No entanto, essa é uma construção argumentativa em que o informante, além de criar a escala, insere um elemento que enfatiza ainda mais a diferenciação que faz entre as culturas das etnias que elenca.

Na construção “Porque eles levam mais a sério a tradição deles, mesmo que eles venham para o Brasil, eles continuam a família deles falando árabe muito mais do que o espanhol, o português, até mesmo o guarani”, verifica-se que há uma percepção do informante em relação à conservação da tradição. A inserção do árabe e do guarani no topo da escala, seguido de “até mesmo”, demonstra que o informante considera que há níveis de conservação da tradição entre os diferentes grupos étnicos.

A constituição dessa escala abarca enunciadores responsáveis por apresentar o seu ponto de vista quanto à maneira como esses falantes se portam diante da língua a partir da sua própria convivência com esses indivíduos. Ao produzir essa escala, há um enunciador que se mostra mais favorável em relação ao árabe e ao guarani, por se tratar de dois grupos que conservam suas tradições mais do que outros grupos. É com esse enunciador que o informante se identifica, inserindo os demais para confirmar a sua preferência e demonstrar que não é favorável à maneira como os demais grupos étnicos mencionados por ele se portam em relação à conservação da tradição. Falantes de espanhol e de português

conservam menos a tradição. Dessa forma, verificam-se marcas enunciativas, reforçadas pelo uso de “até mesmo”, que demonstram a existência de enunciadores que representam a crença do informante.

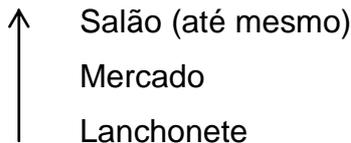
No enunciado 11, tem-se uma questão referente aos lugares em que o falante verifica o uso de línguas diferentes e o que surpreende é o uso da escala para demarcar certa surpresa quanto ao fato de se ouvirem outras línguas inclusive no salão de beleza.

Enunciado 11 (Inf. 14 – F GI Eb)

INQ.- Tá certo, e em quais lugares aqui da cidade que você ouve eles falando essas outras línguas?

INF.- Ah, em todos os lugares, mercado, lanchonete, e até mesmo salão, é... em todos os lugares em geral.

Todos os lugares em geral



O uso de “até mesmo”, conforme anunciado na análise do enunciado anterior, demarca um enunciador que dá bastante ênfase ao item seguido por esse operador. O enunciado 11, no entanto, demonstra essa ênfase de maneira mais explícita: ao declarar “Ah, em todos os lugares, mercado, lanchonete, e até mesmo salão”, o informante demonstra que há uma escala que demarca uma espécie de surpresa quanto ao uso de outras línguas em determinados lugares. Se analisados os itens acionados pelo enunciador, tem-se o seguinte: mercado e lanchonete são locais considerados de necessidade comum a todos, pois alimentação é uma necessidade básica e, portanto, deve estar presente na vida de todos, inclusive falantes de outras línguas; ao acionar o operador “até mesmo” e inserir, na sequência, o salão, provavelmente se referindo a salões de beleza, identifica-se uma atitude do informante com relação ao fato de falantes de outras línguas estarem presentes inclusive no salão.

Dessa forma, a escala realizada elenca locais em que se falam outras línguas, de acordo com o informante. Considerando a escala de cima para baixo, tem-se, no topo, o lugar que causa mais surpresa no informante e, na base, os lugares mais comuns de encontrar alguém falando outra língua na cidade. Essa

gradação apresenta seu ápice de não aceitação na construção “até mesmo salão”, no acionamento de um enunciador que demonstra que o informante não acha normal o fato de encontrar pessoas que falam outras línguas em salão de beleza, apesar de não ver com estranheza essa mesma existência em locais como mercado e lanchonete.

Toda essa manobra argumentativa do informante aponta para a existência de uma crença de que o convívio com línguas distintas em uma cidade como Foz do Iguaçu é inevitável, mas que determinados lugares talvez pudessem, na visão do informante, ser de uso mais exclusivo de falantes da língua portuguesa.

No enunciado 12, tem-se a mesma pergunta do enunciado anterior e uma construção argumentativa também semelhante, que reflete a surpresa do informante ao se deparar com falantes de outras línguas em determinados lugares nos quais, por assim parecer, não seria comum que essa presença existisse.

Enunciado 12 (Inf. 29 – M GII Ec)

INQ.- Em quais lugares é mais comum essas línguas serem faladas aqui na fronteira, assim, na igreja, em festas, no comércio? Todas elas, o árabe, o guarani.

INF.- Eu acho que nas comunidades, né, por exemplo, o árabe, quando se encontra na mesquita deles, é somente o idioma deles que é usado, né.

INQ.- E tem uma mesquita em Foz?

INF.- Tem. Existe uma mesquita em Foz do Iguaçu e essa é um grupo muito forte em Foz do Iguaçu né.

INQ.- Mas onde vocês encontram essas pessoas falando ?

INF.- Escuto essas pessoas falando até mesmo aqui na faculdade onde eu trabalho, existe muitos alunos que são árabes e no momento que se encontram um aluno árabe com outro, né, ao invés de falar o português, eles falam o idioma deles.

↑ Faculdade (até mesmo)  
Comunidades  
Mesquita

Para esse outro informante, há lugares mais específicos em que se falam outras línguas. De acordo com ele, o encontro de falantes de outras línguas se dá em comunidades e mesquitas, que têm o objetivo de unir esses falantes para realizar trocas culturais referentes à sua origem, ou mesmo encontros religiosos. O fato de ele citar esses lugares específicos e, na sequência, declarar “Escuto essas pessoas falando até mesmo aqui na faculdade [...]”, demonstra que, para ele, é surpreendente essa utilização de outras línguas em um ambiente como a faculdade.

Ao declarar que as línguas diferentes são faladas em comunidades específicas, aciona-se uma voz de um enunciador que conhece e admite que exista isso no contexto da cidade de Foz do Iguaçu. Já ao declarar que “até mesmo na faculdade” é possível ouvir essas línguas, há um enunciador que deixa transparecer que se surpreende por isso acontecer. Registra-se, ainda, que esse enunciador faz revelar-se uma fragilidade do informante, demonstrando que a faculdade seria um local para falar a língua da nação em que se encontram, e não a língua falada por seus países de origem.

#### 5.1.2.2 Até que

O segundo uso de “até” registrado nesta tese se dá no seu sentido de contraexpectativa, representado no uso de “até que”. De forma semelhante ao que se verificou na utilização de “até” combinado com “mesmo” para demarcar maior ênfase nos enunciados da seção anterior, a inserção de “até que”, que adota uma postura de quebra de sequencialidade na expectativa, foi verificada em alguns enunciados do *corpus* com o sentido de imprimir mais ênfase nessa quebra.

Em “até que”, há uma espécie de gradação misturada com ressalva. A inserção do argumento depois do uso desse operador demarca um posicionamento favorável ao que está sendo dito, uma inserção de informações positivas na constituição do argumento.

Cabe ressaltar aqui que esse uso não se encaixa em combinações de “até que” como no exemplo “Depois da confusão, eu acho até que perdi minhas chaves”. Trata-se de um sentido mais próximo do uso que se verifica em “Joana até que se divertiu com as crianças no parque”, que demonstra uma quebra de expectativa quanto ao que era esperado de Joana em relação ao passeio no parque.

Sendo assim, apresentam-se a seguir os enunciados em que aparece essa construção argumentativa:

Enunciado 13 (Inf. 36 – F GIII Ec)

INQ.- Poderia dar um exemplo de como falam os chineses?

INF.- O chinês é mais chi, fon, fum, ai coisa e tal, mas eles até que, eles procuram no no comércio se comunicar, mas a vida particular é muito difícil, apesar de que meu filho no colégio que ele estudou e ele tinha várias etnias na sala, e ele tinha um amigo chinês, e era fiel, de vez em quando pra almoçar lá, foi lá que eu comi pela primeira vez ovo de codorna na churrasqueira no espeto.

Partindo para a análise de uma língua que se distancia bastante do português em termos de sistema de escrita e pronúncia, verifica-se que o informante aciona um enunciador que demonstra a forma como o chinês fala, demarcando essa diferença entre a língua do chinês e a língua falada pelo brasileiro. É perceptível que, ao acionar esse enunciador, o informante busca subsídio para a sua argumentação seguinte: a de que, apesar de possuir uma língua completamente diferente, o chinês consegue se comunicar nas suas relações de trabalho ou de necessidades básicas. Isso tudo é acionado pelo uso de “até que”, indicando um esforço por parte do falante chinês, no intuito de alcançar êxito na realização de seu trabalho.

Embora haja tentativa do uso da língua do país em que se instalam grupos étnicos vindos de outros países,

o sentimento de solidariedade e de intimidade com relação à língua e à cultura é muito forte para um grupo que saiu de seu país de origem por vários fatores (como as guerras, a economia, a fome, entre outras especificidades), para uma nova pátria. O principal para o grupo migrado é se socializar no novo espaço social e os traços fônicos diferenciados e marcados pelo grupo parecem ser um dos fatores menos importantes no primeiro momento, pois, muitas vezes, esses traços linguísticos diferentes servem para serem identificados pelos outros (VON BORSTEL, 2011, p. 21).

A diferença existente entre o sistema linguístico utilizado pelo chinês, nesse caso, e o informante é acionada pela voz de um enunciador a partir do uso de “até que”. Assim, é possível inferir que os chineses possuem uma linguagem bastante diferente, mas, ainda assim, tentam se comunicar no comércio, ou em outros segmentos da sociedade.

Ao iniciar sua fala, o informante dá a entender que não entende o chinês, e que o caracterizaria como uma língua difícil ou ruim. No entanto, o uso de “até que” representa uma quebra de expectativa que direciona sua argumentação exatamente para o lado oposto do que parecia se constituir como sua crença. Portanto, o uso desse operador aciona uma crença positiva quanto ao chinês na fala desse informante.

Enunciado 14 (Inf. 6 – F GII Ea)

INQ.- E um árabe? [Você namoraria ou se casaria com um árabe?]

INF.- Ah, depende, um árabe até que ia.

No enunciado 14, o uso de “até que” aparece para indicar uma aceitação em forma de ressalva. Dentre outras opções não aceitas pelo informante, o casamento com um árabe é algo aceitável, comparando com outras origens étnicas. Verifica-se que a preferência do informante não é por alguém de outra origem, mas, caso pudesse acontecer, ele aceitaria a árabe. Há, portanto, um enunciador no plano do pressuposto que nega a possibilidade de o informante aceitar se casar com alguém de qualquer outra origem étnica, enquanto no posto tem-se uma aceitação moderada de um árabe.

Na condição de operador que indica quebra de expectativa, deve-se levar em consideração as questões do inquérito que antecedem essa que se refere ao árabe, em que o informante demonstra não ter interesse em pessoas de outra origem. Portanto, o direcionamento argumentativo que ele proporciona com a utilização de “até que” aciona uma forma de aceitação, um posicionamento positivo em relação ao árabe em contraposição às demais etnias mencionadas nos inquéritos, como o paraguaio e o guarani, por exemplo.

O operador “até que”, nesse contexto, demarca uma preferência, mesmo deixando transparecer que a opção mais aceitável pelo informante não seria se casar com alguém de etnia diferente da sua.

### 5.1.2.3 Até porque

A utilização de “até porque” dá ênfase à explicação inserida, por se tratar de um argumento que justifica uma porção textual anterior a ele. Nessa combinação de dois operadores argumentativos, observa-se a predominância da característica explicativa do “porque” e o desaparecimento da escala anunciada no uso de “até”. No entanto, essa combinação apresenta maior ênfase na explicação inserida do que no uso de “porque” isoladamente. No *corpus*, verificou-se a utilização dessa construção em quatro enunciados, os quais serão analisados na sequência.

O enunciado 15 apresenta o “até porque” como operador que introduz um argumento em forma de justificativa da caracterização do árabe (língua) como “enrolado”:

INQ.- Você poderia dar um exemplo de como os árabes falam?

INF.- É enrolado.

INQ.- É enrolado? Não dá pra entender?

INF.- Não, até porque eles falam muito rápido. Para eles, eu acho que é natural, mas pra gente...

A escolha de “até porque” nesse enunciado demonstra uma opção do informante na constituição do seu argumento, com o objetivo de enfatizar a razão pela qual acredita que a fala dos árabes é enrolada. Para ele, o fato de falar muito rápido torna a língua enrolada, em comparação com a maneira como os brasileiros falam, por exemplo. Há, em “até porque eles falam muito rápido [...]”, um enunciador que aponta como verdade o fato de ser muito rápido e, na sequência, a esse se alia outro enunciador que traz a visão da língua árabe para falantes brasileiros, confrontando a forma como um e outro falante utiliza sua língua. A inserção desses enunciadores constitui um jogo argumentativo em que se baseia a crença do informante, pautada na sua visão do outro e na comparação entre brasileiros e árabes.

Dessa forma, é possível identificar que a utilização desse operador, nesse enunciado, serve para acionar a crença do informante de que a sua própria língua é mais fácil de entender e que a fala do outro, no caso, do árabe, é mais difícil. É por isso que o informante imprime à sua argumentação características negativas quanto ao árabe, demarcando seu posicionamento.

Outro caso em que “até porque” é utilizado para apresentar uma justificativa para a sua resposta se dá no enunciado 16, que segue:

Enunciado 16 (Inf. 29 – M GII Ec)

INQ.- E os chineses? Poderia dar um exemplo de como falam os chineses?

INF.- Não, chineses não. Não saberia, até porque acho que eles usam o mandarim, né. É o mesmo, né? O chinês, o coreano e o japonês, né? Não, não sei nenhuma palavra.

No enunciado 16, a utilização de “até porque” aparece para ressaltar a declaração de que o informante não saberia dar exemplos de como falam os chineses. Para isso, aciona-se um enunciador do plano do pressuposto, que demonstra que o informante não conhece o mandarim.

De tal forma, inserir o “até porque” para a sua justificativa de não conhecer a forma como os chineses falam demarca um reforço quanto a esse desconhecimento. Ao acionar enunciadores no plano do pressuposto para demonstrar que o mandarim

é uma língua que ele não conhece, o informante deixa implícito que é uma língua bastante diferente do português, a língua que domina.

Essa justificativa para o não conhecimento de outras línguas, ou classificação como pior que o português, baseada na diferenciação entre essas línguas, aparece recorrentemente no *corpus*. É recorrente, na fala da maior parte dos informantes, a preferência pelo português e, portanto, a atribuição de atitudes negativas baseadas na crença de que o português é melhor ou mais fácil. Isso acontece principalmente em relação a línguas como o chinês, japonês e árabe, por se tratar de línguas que têm um sistema linguístico completamente diferente do português.

Novamente balizando seus argumentos, o “até porque” é utilizado no enunciado 17 para expressar escolhas geradas pelo informante e pautadas em enunciadores voltados para tais escolhas:

Enunciado 17 (Inf. 29 – M GII Ec)

INQ.- E essas línguas que falamos, árabe, japonês, jupará, espanhol, você acha que elas são feias ou são bonitas? Tirando o português.

INF.- Eu acho bonito, muito bonito. O árabe, o espanhol. O chinês muito não, porque é muito complicado, sabe? Mas o árabe e o espanhol eu gosto de ouvir as pessoas falar, pelo menos tá falando ali, mesmo que a gente não entenda nada, né. Mas o espanhol eu acho importante, acho bonito. Até porque é uma língua de domínio.

Diferentemente dos enunciados anteriores, em que os informantes acionam enunciadores a partir do uso de “até porque” para demarcar posicionamentos negativos quanto às línguas de que tratam, nesse enunciado, há a utilização de um posicionamento argumentativo positivo em relação ao espanhol. Para o informante, há duas línguas que considera bonitas, que são o árabe e o espanhol, e que são comparadas com o chinês, classificado como complicado, portanto, caracterizado negativamente.

Ao construir seu argumento utilizando, anteriormente, o operador “mas”, em “Mas o espanhol eu acho importante, acho bonito”, o informante aciona um enunciador que diminui a importância das outras línguas citadas e abre espaço para uma argumentação positiva em relação a essa língua. Ser importante e ser bonita são caracterizações que subsidiam a ideia seguinte, de que se trata de uma língua de domínio. De fato, a ênfase está no apreço e domínio da língua em muitas regiões do mundo, e a crença do informante de que se trata de uma língua mais importante do que as outras pode, inclusive, estar pautada na sua vivência com o espanhol na

região de fronteira com Paraguai e Argentina. Trata-se, novamente, da experiência do informante servindo de base para a construção do seu argumento e do seu posicionamento.

O enunciado seguinte constitui exemplo de algumas das situações geradas nos inquiridos em que o informante deve se posicionar de forma negativa quanto a determinada língua. Em geral, o que se identifica é uma busca de preservação da face diante do que é questionado, e isso acontece no enunciado 18, em que o informante busca uma alternativa para se posicionar sem parecer preconceituoso em relação a qual língua considera a mais feia. Isso acontece a partir da inserção de “até porque” na sua justificação, na busca de um abrandamento da sua crença.

Enunciado 18 (Inf. 24 – F GIII Eb)

INQ.- E a mais feia?

INF.- Guarani.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, eu não sei dizer o porquê que eu acho mais feia, mas só é feio, até porque além de ouvir, a gente, você vê eles conversando, daí você visualiza, eu não acho legal.

Na construção do argumento disposto no enunciado 18, verifica-se a utilização do operador “até porque” em combinação com “além de”, que insere um novo argumento que reforça o utilizado pelo informante para classificar o guarani como a língua mais feia. Para o informante, ver e ouvir um falante de guarani é feio, não é legal. Essa declaração, pautada em enunciadores que têm suas asserções somadas no objetivo de caracterizar o falante de guarani, demonstra a existência de um enunciador que demarca sua crença quanto a esse falante, de maneira negativa.

De fato, o operador analisado aparece como demarcador de enunciadores que têm um direcionamento de explicação, e não de gradação, como o “até” poderia sugerir. Isso demonstra que a combinação desses elementos, também operadores argumentativos quando aparecem separadamente, não mantém a característica dos dois elementos. Pelo contrário, o “até”, em vez de gradação, funciona como um elemento que dá ênfase à constituição do argumento. Dessa forma, a partir da declaração do informante de que não acha legal ver e ouvir o guarani falando, na sequência do uso de “até porque”, tem-se a constituição de um argumento revelador da sua crença e que, conforme seleção do operador, acontece de maneira enfática.

### 5.1.3 Então: demarcador de conclusão

O operador “então” foi utilizado diversas vezes, por vários informantes durante os inquéritos e com sentidos distintos. No entanto, destaca-se, para análise, a sua utilização como operador que introduz uma conclusão, por parte do informante, sobre o tópico desenvolvido na sua resposta. Em geral, identificou-se a função de demarcador de uma espécie de resumo do que o informante apresentou em sua resposta.

Isso pode ser verificado nos enunciados selecionados, os quais serão analisados na sequência em relação à sua disposição como apontador de argumentação.

No enunciado 19, o uso de “então” representa uma conclusão do informante com relação ao aprendizado de outras línguas na infância:

Enunciado 19 (Inf. 4 – F GI Ea)

INQ.- E quando você era criança, que língua seus pais falavam com você?

INF.- Em português. Mas meu pai e minha mãe, entre eles falavam o... italiano, né.

INQ.- Mesmo caso do (inint.) e você não conseguiu aprender?

INF.- Não, porque eu me afastei deles muito tempo, né, e então não tinha como aprender, né, mas meus irmãos sabem muitas coisas, eu sei muito pouco.

INQ.- (inint.)?

INF.- Eu vivi até um tempo com eles, depois... (inint.).

Nesse primeiro recorte, o “então” aparece como um operador que aponta para a conclusão do informante sobre o fato de não ter aprendido a falar o italiano. Há, nesse enunciado, a combinação de três operadores argumentativos que demarcam a justificativa do informante quanto a não aprender outra língua. O argumento inserido após “porque” demonstra o motivo pelo qual o informante não aprendeu a língua. Em “então”, aparece a conclusão: se me afastei deles há muito tempo, então não tinha como aprender. Embora o informante declare que não aprendeu a língua por ter se afastado da família, verifica-se, após o “mas”, que ele reconhece a importância de aprender a língua, tendo em vista que, mesmo sem ser questionado a respeito do restante da família, insere a informação de que seus irmãos aprenderam a língua.

Toda essa constituição argumentativa do informante, baseada no uso de diversos operadores argumentativos, serve para demarcar a sua crença de que a língua é importante, embora não tenha sido possível aprendê-la.

Os enunciadores acionados no enunciado 20 levam a uma conclusão apresentada em forma de encadeamento, que resume os argumentos acionados pelo informante:

Enunciado 20 (Inf. 5 – GII Ea)

INQ.- Você acha que todas essas línguas deveriam ser ensinadas na escola? Ou qual que deve ser ensinada na escola?

INF.- Não, porque nem todo professor brasileiro sabe falar todas as línguas, né, num tem o professor brasileiro sabe falar todas as línguas, então num tem como também ele dar aula e falar... se tiver três nacionalidades, num tem como...

No enunciado 20, identifica-se uma discussão que não se limita ao enfoque da questão posta em cena. Quanto ao ensino das línguas faladas no contexto de Foz do Iguaçu, abordada pelo inquiridor, tem-se a referência ao ensino no formato de disciplina, para que alunos falantes da língua possam aperfeiçoá-la e compartilhar experiências e conhecimentos com os não falantes, assim como os alunos não falantes possam aprendê-las. A resposta apresentada pelo informante deixa transparecer que é absurda a ideia de um professor que domine todas as línguas faladas na cidade e as utilize com seus alunos.

Apesar de se tratar de uma resposta que aborda enfoque diferenciado, o informante a constrói de maneira que deixa transparecer a sua crença quanto à função do professor: dar aula e não dominar as línguas possivelmente faladas pelos alunos. Essa conclusão é encabeçada pelo operador “então”, que aparece após a inserção de um enunciador portador da informação de que um professor brasileiro não sabe falar todas as línguas.

Ao levantar a hipótese de uma sala em que estejam presentes alunos de três nacionalidades diferentes, o informante reforça a sua crença de que não é possível que um professor aborde todas as línguas durante uma aula. A constituição dessa crença, portanto, está pautada na ordenação argumentativa produzida pelo informante, que consta da utilização do operador “então” para introduzir a sua conclusão.

Com relação ao ensino e à valorização de outras línguas no contexto escolar, concorda-se com o que declara von Borstel (2011, p. 24, grifo da autora):

O Brasil é o país que possui uma infinidade de etnias e de culturas, sendo que não há uma valorização, nos ambientes escolares, sobre como se dá a vivência da língua e da cultura desses indivíduos na

escola e na sociedade brasileira, sobre a *língua vernácula étnica* e sobre a cultura dos (i)migrantes.

De maneira contrária ao informante do enunciado 20, na construção do argumento do enunciado 21, há uma posição favorável ao domínio de mais de uma língua.

Enunciado 21 (Inf. 9 – M GIII Ea)

INQ.- E na igreja, quando o pastor está falando, por exemplo, o senhor acha que o pastor deveria falar outra língua além do português?

INF.- Dependendo da situação, acharia que deveria, porque falar pra dois povos seria muito bom, né, tanto português como outra língua, né, no caso, conforme a gente tem ouvido, é programas evangélicos que pastor que vem lá dos Estados Unidos, ele fala e tem o outro pra interpretar a outra língua pra poder o povo entender, então, se falasse as duas línguas seria bom.

No que se refere ao conhecimento e à utilização de mais de uma língua por parte de figuras representativas na sociedade, tem-se a visão desse outro informante, que, utilizando o mesmo operador do enunciado anterior, produz uma conclusão pautada em uma crença contrária. No enunciado 21, verifica-se que, por se tratar de um informante pertencente à terceira faixa etária e, provavelmente, mais adepto a rituais religiosos, seja presenciais ou não, há certa preocupação sobre como se dá a transmissão da palavra de Deus. De acordo com a sua própria fala, é possível verificar que ele inclusive já presenciou uma situação de necessidade de utilização de mais de uma língua.

Nesse enunciado, tem-se, portanto, um enunciador que toma como verdade para si a necessidade comum que se tem, por exemplo, de entender um programa de um pastor dos Estados Unidos, que provavelmente fala inglês. Se o seu público não entende a língua que fala, então, não há motivo para seu pronunciamento. Depois de apresentar todo esse argumento, o informante apresenta sua conclusão com o auxílio do operador “então”, reforçando a importância de falar mais de uma língua em uma celebração religiosa, por exemplo.

Ressalta-se que a fala desse informante está baseada nas suas crenças e vivências, tendo em vista que são elas que fazem um informante acionar argumentos contrários ou favoráveis a determinada causa, além da busca de aceitação do seu ponto de vista.

De maneira semelhante, mas voltado para o ambiente escolar, o enunciado seguinte apresenta um “então” que resume e apresenta conclusão quanto ao ensino, na escola, de línguas faladas em Foz do Iguaçu.

Enunciado 22 (Inf. 9 – M GIII Ea)

INQ.- E na escola, o senhor acha que a escola deveria ensinar outras línguas que o senhor ouve aqui em Foz do Iguaçu?

INF.- Ah, com certeza, né.

INQ.- Qual e por quê?

INF.- Principalmente o espanhol, porque nós vivemos num lugar como esse que tem os três países aí, sem contar os demais que vem visitar o nosso país, então, se a escola ensinasse principalmente o espanhol eu acho que seria muito bom.

No enunciado 22, verifica-se a adesão ao ensino de outras línguas na escola por parte do informante. Para ele, a questão do contato linguístico com os países da fronteira e também com os estrangeiros que desembarcam na cidade de Foz do Iguaçu diariamente por diversos motivos é fato importante e definitivo para que se ensinem essas línguas na escola.

Na produção do enunciado, o informante aciona um enunciador que busca demonstrar a configuração do espaço multilíngue em que se constitui a cidade de Foz do Iguaçu. Diante de tal configuração, apresenta-se como fundamental, para as relações que se estabelecem entre falantes de outras línguas e os brasileiros, o conhecimento dessas línguas, para que haja comunicação. Na busca por argumentos que sustentem essa necessidade, o informante assinala a importância da escola no sentido de proporcionar o aprendizado dessa língua. Como base para a sustentação do seu argumento, apresenta-se a conclusão de que ele acharia bom se a escola ensinasse essas línguas, principalmente o espanhol. Isso se dá por meio do acionamento do operador “então”, que traduz a relevância da inclusão na escola de línguas estrangeiras faladas nos arredores de Foz do Iguaçu.

Além da convivência com os moradores dos países vizinhos e com as comunidades étnicas instaladas na cidade, a mobilização de argumento favorável ao aprendizado de outras línguas durante o período escolar também recebe influência pela instalação mais recente de uma universidade que abriga estudantes advindos de países distintos e falantes de outras línguas que não o português.

A partir da constituição da sua fala, identifica-se, na voz do informante, a mobilização de argumentos que se combinam para que ele apresente a sua crença de que é importante que se ensinem outras línguas na escola, a fim de sanar

necessidades de comunicação em diversos âmbitos com estrangeiros que convivem na cidade.

Verificando esse uso do operador “então”, é possível afirmar que ele funciona como um sumarizador da opinião dos informantes inquiridos, sendo utilizado sempre ao final dos enunciados e caracterizados por inserir uma conclusão com relação ao argumento apresentado pelo informante.

## 5.2 CRENÇAS E ATITUDES GERADAS A PARTIR DO USO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO *CORPUS*

Conforme visualizado ao longo das análises empreendidas, os operadores selecionados são marcadores de argumentação que validam as crenças dos informantes diante do que se discute em cada uma das questões levantadas. Trata-se de usos que auxiliam na constituição dessas crenças, a partir do objetivo do informante, seja de demonstrar sua opinião explícita ou implicitamente, seja de abrandar a sua visão a respeito de outras línguas e falantes, seja de reforçar sua postura diante do questionado.

Embora alguns dos usos dos operadores selecionados tenham demarcado explicitamente qual a visão do informante e remetido a crenças negativas, visões preconceituosas de um país/língua em relação ao outro, o que se verificou na maior parte dos enunciados foi o desvendamento de crenças veladas, não expostas explicitamente. Como a hipótese lançada no início do trabalho foi a de que os informantes utilizariam operadores argumentativos com o objetivo de preservar sua opinião e não se expor completamente, verificou-se que isso aconteceu em muitos casos avaliados.

No Quadro 01, a seguir, apresentam-se dados referentes aos enunciados avaliados a fim de demonstrar, de maneira resumida, quais os movimentos produzidos em cada enunciado. São apresentados: escala argumentativa, encadeamento presente no enunciado, as crenças e atitudes acionadas e se há ou não busca pela preservação da face por parte do informante.

Quadro 01 – Crenças e movimentos argumentativos identificados nos enunciados

	Enunciado	Escala argumentativa	Encadeamento	Crenças e Atitudes	Preservação da face
JÁ	Enunciado 01		Demarcação de usos diferentes para uma mesma caracterização realizada por falantes de diferentes nacionalidades.	O informante deixa explícito que vê diferença entre os falares do argentino e do paraguaio, mas não demarca preconceito ou prestígio sobre um ou outro.	Apesar de diferenciar os usos, o falante não deixa clara a sua preferência, preservando-se com relação à informação apresentada.
JÁ	Enunciado 02	↑ Espanhol (+) Espanhol (-) paraguaio Guarani (-)	Gradação de dificuldade no entendimento das línguas, que parte do espanhol argentino, como mais fácil, e chega ao guarani, como mais difícil.	Por ser mais fácil de entender, o informante acredita que o espanhol falado pelo argentino seja melhor. Também há uma não aceitação das outras línguas por serem difíceis.	A justificativa da escolha pelo espanhol argentino a partir de uma caracterização das outras línguas demonstra uma preocupação em não parecer preconceituoso, se devendo a escolha ao fato de dadas línguas serem realmente difíceis de entender.
JÁ	Enunciado 03	↓ Argentino (-) Paraguaio (+)	Gradação a partir da maneira como falam argentinos (correndo) e paraguaios (mais compassado).	O informante se posiciona favorável à forma como fala o paraguaio e contrário ao argentino.	A quebra de expectativa demonstra uma aproximação do informante com relação ao paraguaio e distanciamento em relação ao argentino, demarcando a busca pela confirmação de seu argumento.

JÁ	Enunciado 04	↑ Argentino (+) Espanhol (neutro) ↓ Paraguaio (-)	O informante considera três formas de falar o espanhol, entre as quais o argentino é o mais fácil e o paraguaio, o mais difícil.	A caracterização se dá de forma a apresentar o argentino como o que fala melhor e o paraguaio como o que fala pior. Isso demarca a crença do informante quanto a esses falantes.	Caracterizar uma língua como mais cantada e a outra mais próxima do índio demonstra uma busca de não expor enfaticamente a preferência pelo espanhol argentino, com base na própria maneira como cada um fala.
JÁ	Enunciado 05	↓ Paraguaio (-) ↑ Argentino (+)	Caracterização do falante: o paraguaio como índio e o argentino como europeu.	Por se tratar de um contexto de fronteira, o informante generaliza a visão de um e outro, demonstrando sua crença quanto aos moradores dos países vizinhos.	
JÁ	Enunciado 06	↑ Argentino (+) ↓ Paraguaio (-)	O informante se identifica com o argentino, que é falado mais cantado, e menos com o paraguaio, que fala mais rápido.	A mistura, muitas vezes presente na fala do paraguaio, leva à crença de que sua língua é mais difícil, o que desperta rejeição quanto a essa forma de falar.	O informante busca justificar a sua opinião a partir da explicação de que a língua misturada se torna mais difícil de compreender. A comparação não foi solicitada pelo inquiridor, então, essa inserção se torna uma forma de justificar o que está sendo apresentado pelo informante.

JÁ	Enunciado 07	↑ Argentino (-) portenho Argentino (+) Misionero	A oposição entre os falares argentinos demonstram certo conhecimento do informante. O portenho, falante de Buenos Aires, fala mais pausadamente e o misionero, da fronteira, fala mais rápido.	O informante demonstra se posicionar negativamente quanto ao falante da capital em relação ao falante da fronteira. Interessante a comparação se dar entre formas argentinas de falar, e não entre argentino e paraguaio.	Posicionamento claro quanto a quem considera falar melhor.
JÁ	Enunciado 08	↓ Paraguaio (-) (jopará) Arabe (+)	Há um encadeamento realizado a partir de duas línguas bastante distintas, tanto com relação ao sistema como quanto a quem as fala: moradores da região de fronteira <i>versus</i> um grupo étnico instalado na cidade.	O enunciado produzido pelo informante demonstra que ele considera o árabe melhor por se tratar de uma língua sem mistura; portanto, sua crença é positiva quanto ao árabe e negativa em relação ao falante de jopará.	Essa distinção mais pontual na justificativa da escolha pode demonstrar maior preocupação com a preservação da face do que um informante que compara o paraguaio ao argentino ou ao falante de português, por exemplo.
JÁ	Enunciado 09	↑ Argentino (+) Brasileiro (-)	A argumentação do informante é pautada no uso de gírias e na preservação da língua, apresentando encadeamento negativo quanto à língua portuguesa falada por brasileiros e, inclusive, pelo informante.	A crença do informante está baseada na premissa de que o uso de gírias torna a língua menos prestigiada. Portanto, ele acredita que uma língua que não apresente essa característica seja melhor, mais bonita.	Não há preocupação do informante quanto à caracterização negativa que apresenta sobre a sua própria língua.

ATÉ MESMO	Enunciado 10	<p>Levar a sério a tradição</p> <p>↑</p> <p>Árabe Guarani Espanhol Português</p>	O encadeamento das ideias demonstra a visão do informante quanto às tradições no contexto específico de Foz do Iguaçu.	O informante demonstra que árabes e guaranis preservam mais as suas tradições.	Há uma demarcação de mais de uma língua na construção de sua crença para validar seu argumento, sem preocupação explícita com a imagem que o outro fará dele.
ATÉ MESMO	Enunciado 11	<p>Todos os lugares</p> <p>↑</p> <p>Salão Mercado Lanchonete</p>	O argumento do informante vai de lugares com maior frequência de pessoas falando outra língua até lugares com menor frequência.	O informante demonstra uma crença de aceitação com relação ao uso de línguas distintas em lugares públicos e de acesso comum a brasileiros e estrangeiros, demonstrando inclusive a sua surpresa com esses falantes em alguns lugares.	Para isso, ele expõe o seu conhecimento sobre a utilização de outras línguas em lugares comuns, sem expor preconceito ou rejeição a esse fato.
ATÉ MESMO	Enunciado 12	<p>↑</p> <p>Comunidades Mesquita Faculdade</p>	Construção da fala na busca de validar que na presença de brasileiros deveria ser o português a língua falada, independentemente da origem do(s) falante(s) que estão interagindo.	A constituição da escala do informante deixa transparecer sua crença de que o idioma que deveria prevalecer, na faculdade, é o português.	O informante não considera certo falar outro idioma no ambiente da faculdade e usa isso para construir sua argumentação, expondo sua opinião e sem se preocupar com a ocultação dessa que poderia ser considerada uma visão preconceituosa com relação ao outro.

ATÉ QUE	Enunciado 13	Chinês ↑ Conseguir se comunicar Não conseguir se comunicar	Argumentos que demonstram uma busca de inserção do chinês na comunidade, mesmo com uma língua tão diferente.	Há uma mistura de distanciamento do informante e de falantes de chinês e uma busca de aproximação por meio de um exemplo de convívio com chineses, o que demonstra aceitação, embora a língua seja diferente do português.	O informante busca preservar-se na parte final do enunciado, ao mostrar uma relação afetiva com o chinês, ao contrário do argumento que ele apresenta no início da sua resposta, de que o chinês fala muito diferente.
ATÉ QUE	Enunciado 14	↓ Outros (não) Árabe (talvez)	O argumento acionado pelo informante está baseado em informações que podem ser pressupostas. Há uma possibilidade quanto ao árabe e não em relação às demais etnias avaliadas no inquérito.	Há uma crença positiva quanto aos árabes e negativa em relação aos demais.	O informante demonstra uma aceitação quanto ao árabe que não aparece com relação às demais etnias. Essa é a opinião explícita do informante, que não se preocupa por dizer talvez apenas ao árabe e não aos outros.
ATÉ PORQUE	Enunciado 15		São acionados os argumentos de que o árabe é enrolado e fala muito rápido, que estão articulados pelo operador.	A crença acionada é referente ao modo como o árabe fala em comparação com o português.	A preservação da opinião do informante está relacionada à comparação com a língua portuguesa e ao entendimento de uma língua diferente da que o informante utiliza.
ATÉ PORQUE	Enunciado 16		O “até porque” é usado para justificar o desconhecimento da língua. O mandarim é muito diferente do português e difícil, de acordo com a fala do informante.	O distanciamento entre a fala de um brasileiro e um chinês, por exemplo, demonstra uma crença de que a outra língua é difícil.	A apresentação de um sistema linguístico completamente diferente do sistema do português demonstra uma preocupação em justificar o conhecimento da língua do outro.

ATÉ PORQUE	Enunciado 17		O encadeamento realizado pelo informante apresenta línguas consideradas como bonitas por ele e justificativas com relação às suas escolhas.	A crença explicitada pelo informante é de que o espanhol é uma língua de domínio, para ele, mais importante e significativa mundialmente do que as demais línguas.	A inserção de línguas que considera bonitas e feias, seguida de explicações quanto a essas escolhas, demonstra que o informante se importa com a sua imagem e não quer parecer preconceituoso, mas conhecedor da importância de se conhecer a língua espanhola no contexto mundial.
ATÉ PORQUE	Enunciado 18		O fato de o guarani ser a língua mais feia está associado ao modo como os falantes de guarani se portam numa interação.	O informante não acha legal ver uma conversa em guarani. Sem nenhuma justificativa relacionada à língua ou aos falantes, demonstra uma crença negativa quanto ao falante de guarani.	Há uma busca de preservação da face, sem citar um motivo específico que se relacione com a língua ou o falante de guarani. O informante acaba se expondo como preconceituoso, que considera a fala do outro como diferente e desagradável.
ENTÃO	Enunciado 19		A língua italiana não foi aprendida pelo informante por conta de uma separação dos pais que falavam essa língua. O encadeamento leva à conclusão de que, por esse motivo, o informante não conseguiu aprender o idioma como os seus irmãos.	Por abordar a língua que seus pais falavam e também inserir a informação de que seus irmãos aprenderam, é possível depreender o apreço do informante pela língua falada pelos demais componentes de sua família, e que ele não teve a oportunidade de aprender.	O informante demonstra preocupação em apresentar a importância que remete ao aprendizado da língua falada pelos pais.

ENTÃO	Enunciado 20		Os argumentos acionados demarcam a posição do informante de que não é possível falar, no contexto de sala de aula, em todas as línguas faladas em Foz do Iguaçu.	O informante demonstra acreditar que o ensino deve ser realizado na língua oficial do território, e não buscar contemplar todas as línguas faladas na cidade, pois isso não seria possível ao professor.	O informante parece confundir um pouco a pergunta sobre as línguas que deveriam ser ensinadas na escola e o domínio que o professor deveria ter sobre as diversas línguas faladas por moradores de Foz do Iguaçu. Assim, ele tenta argumentar no sentido de demonstrar uma impossibilidade quanto a esse domínio e a sua compreensão com relação a esse fato.
ENTÃO	Enunciado 21		Para esse informante, é importante que se fale mais de uma língua no contexto da igreja, por existir um contingente de pregadores, pastores e afins que ministram seus cultos para falantes de outras línguas. Nesse sentido, o encadeamento da sua argumentação se dá no sentido de defender a importância de cultos religiosos serem realizados em mais de um idioma para que se faça entender por um público maior.	A crença que permeia a discussão do informante é a de que, quando se trata de programas voltados à religião, a língua utilizada deve ser a do interlocutor.	Como toda a construção do argumento está baseada no entendimento do que está sendo dito pelos interlocutores, o informante se preocupa em demarcar esse posicionamento expondo sua vivência e demonstrando que, para ele, isso é o que faz sentido com relação à utilização ou não de outras línguas.

ENTÃO	Enunciado 22		Argumentos encadeados com a função de demonstrar a importância do conhecimento e utilização de outras línguas no contexto de Foz do Iguaçu. A cidade conta com grande fluxo de falantes de outras línguas e o ensino deveria, segundo o informante, partir da escola.	As relações estabelecidas na cidade de Foz do Iguaçu, seja por contato de fronteira, por relações comerciais ou turísticas permitem que o informante acione uma crença de que o domínio das línguas utilizadas nessas interações é importante e deve ter início na escola.	O informante insere informações relativas ao contexto de Foz do Iguaçu para justificar a necessidade de ensino da língua espanhola na escola. Isso demarca uma exposição com relação ao seu conhecimento das línguas faladas na cidade e a relevância impressa ao espanhol, mais especificamente.
-------	--------------	--	---	--	---

Fonte: A autora.

A partir de tais análises e do emprego desse quadro que resume os dados coletados em cada um dos enunciados, é possível identificar a presença dos operadores argumentativos como encadeadores de argumentos, demarcadores de crenças e, por vezes, auxiliadores na tarefa de não exposição da face do informante. Isso permite inferir que, em um *corpus* constituído inicialmente para a verificação de como se apresentam, de maneira geral, as crenças e atitudes linguísticas de iguaçuenses, a análise de como são empregados certos operadores argumentativos torna tal verificação mais aprofundada, permitindo, inclusive, estabelecer padrões de inserção das crenças na construção do argumento produzido pelo informante.

Embora se trate de uma tese realizada a partir da seleção de operadores específicos e de terem sido descartados enunciados em que os mesmos itens lexicais aparecem, mas com função diferente, foi possível estabelecer um panorama sobre a realidade sociolinguística em termos de crenças e atitudes dos informantes inquiridos por meio do Projeto CAL na cidade de Foz do Iguaçu.

Buscou-se, com a análise deste material, verificar como se comportam os operadores em um *corpus* de linguagem oral, de uso real da língua, tendo como base a fundamentação de crenças e atitudes a partir do seu acionamento com o uso de operadores argumentativos nos 22 enunciados selecionados.

Conforme os dados apresentados e as análises realizadas, verificou-se que o operador “já” é responsável por imprimir, na função que desempenha nos

enunciados selecionados, uma característica de comparação quanto à fala do informante. Para isso, os informantes se valeram de enunciadores que apresentam visões distintas a respeito de dois ou mais fatos, apresentando-se como contrários a um e favoráveis a outro, na busca de uma conclusão única e positiva em relação a apenas um dos lados comparados. O operador se mostrou responsável, nessas situações, por indicar contraste, orientando para determinada conclusão. Os enunciados em que foi utilizado o “já” trouxeram explicitamente preferências e visões dos informantes quanto a línguas, culturas e falantes com os quais convivem na região de Foz do Iguaçu, e implicitamente as crenças que são acionadas para que se verifiquem tais preferências.

No que se refere ao uso de “até”, observaram-se três situações de uso distintas do operador, combinados com “mesmo”, “que” e “porque”, o que possibilitou identificar tipos distintos de orientação argumentativa em cada um deles.

Ao utilizar “até mesmo”, os informantes demonstraram de maneira reforçada a sua surpresa quanto a determinados fatos, evidenciados em cada um dos enunciados. Essa foi a única utilização do “até” que manteve a sua característica de gradação, que evidencia a presença de uma escala argumentativa.

Já os casos em que os informantes utilizaram a forma “até que” na produção das suas respostas indicou que há certa aceitação em relação a fatos abordados nos enunciados que habitualmente não seriam vistos de maneira positiva. Nos enunciados analisados, verificou-se a quebra de expectativa, uma das possíveis utilizações do operador “até”, nesse caso, na composição “até que”, demonstrando que esse uso é válido e recorrente. Observou-se também, nos enunciados, que a inserção de um argumento por meio de um operador de contraexpectativa é uma estratégia que demonstra as crenças do informante a partir de uma oposição àquilo que se esperaria ouvir em relação ao chinês ou ao árabe, por exemplo. A contrariedade presente em “até que” permite que o argumento favorável seja inserido como um demonstrativo de que o informante não é totalmente preconceituoso. Parece tratar-se de uma atenuação com relação ao dito por ele.

Ainda no grupo de usos de “até” está o “até porque”, que apareceu em quatro enunciados e mereceu destaque por se tratar de uma combinação de operadores argumentativos e que traz consigo o reforço de apenas um deles. Diferentemente dos usos anteriores, em que se destacou alguma das funções de “até” elencadas no capítulo referente aos operadores argumentativos, tem-se aqui uma função bastante

distinta. Trata-se da utilização de “até” para reforçar o sentido de “porque”. Nos recortes selecionados do *corpus*, verificou-se que os argumentos inseridos após esses operadores eram de cunho explicativo ou de justificativa. Então, novamente, a combinação de operadores é utilizada no sentido de dar ênfase ao argumento movimentado. Isso demonstra que, ao elaborar sua fala a partir de suas crenças em relação às línguas que estão sendo discutidas, o informante aciona enunciadores de maneira a enfatizar o seu posicionamento, seja ele favorável ou não a determinada situação, utilização da língua ou falante.

Por fim, o “então” foi utilizado nos enunciados como um sumarizador das ideias apresentadas pelo informante. Em geral, o “então” foi introduzido no final dos enunciados, após o informante apresentar seus pontos de vista em relação às questões apresentadas a ele. Na maioria dos casos, o operador apareceu para reforçar o argumento mais forte do informante e para apresentar sua conclusão. Essa utilização do “então” demonstra certa necessidade do informante de deixar clara a sua posição diante do que lhe foi questionado e não permitir que haja interpretações desviadas a respeito do que objetivou declarar.

Com o levantamento desses dados e o desenvolvimento desta tese, buscou-se apresentar material relevante para a análise de crenças e atitudes linguísticas no contexto de fronteira, identificando como se comportam falantes que estão em frequente contato com indivíduos que utilizam línguas distintas, seja por estarem ligados de certa forma a grupos de imigrantes, seja por residir ou ter residido em outro país dessa região de contato.

Por se tratar de material que avalia o posicionamento de operadores na fala de informantes e a sua significação como constituidores de argumentação, objetivou-se também contribuir para os estudos da Semântica Argumentativa, tendo em vista que foram avaliados comportamentos de operadores com a função de identificar seu uso cotidiano na fala dos informantes.

Observou-se recorrência a determinado operador para constituir crenças ou maneiras de se posicionar semelhantes. Isso deixa transparecer que o uso efetivo de operadores é uma ferramenta essencial na tessitura da argumentação, seja ela apresentada de maneira explícita, implícita ou por meio de encadeamentos do texto.

Embora algumas análises apresentem relação entre o que foi declarado pelo informante e algum fato histórico ou regional, não foram identificadas recorrências de uso significativo para uma ou outra variável considerada durante o levantamento do

*corpus*. Mesmo assim, foram mantidas essas informações a respeito de cada informante nas falas selecionadas, para que se identifiquem as suas características.

Retomando alguns apontamentos realizados no início da tese, recorre-se à análise realizada para ressaltar os seguintes pontos impulsionadores: i. os operadores argumentativos são elementos importantes na constituição textual, também quando se avalia a língua falada, pois orientam e constituem traços decisivos para o rumo das conclusões; ii. na condição de elementos que balizam a existência de crenças, os operadores funcionam como direcionadores de argumentação que revelam em que creem os informantes e que tipo de enunciadores acionam para realizar tal trajeto argumentativo; e iii. a gramaticalização de alguns desses elementos, discutida no capítulo referente aos operadores argumentativos, pode ter suas discussões reconfirmadas e ampliadas, tendo em vista os usos e combinações que são produzidos na língua falada e qual o efeito que eles causam nesses usos, em termos de direcionamento argumentativo, preservação da face ou mesmo busca de neutralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão referente à forma como informantes inserem suas crenças e produzem atitudes linguísticas nas suas respostas a questionário direcionado ao mapeamento dessas questões já foi realizado por diversos pesquisadores que participaram do desenvolvimento e análise do material coletado por meio do Projeto CAL. Em pesquisa inicial, desenvolvida durante o período do mestrado (SANTANA, 2012), buscou-se identificar quais eram e como se constituíam crenças e atitudes linguísticas de informantes inquiridos na cidade de Foz do Iguaçu. De início, alguns aspectos relevantes foram identificados, como a recorrência de uma visão negativa com relação ao paraguaio e positiva para o argentino, bem como a atribuição de dificuldade no entendimento de línguas como o árabe e o chinês por causa da diferença no sistema linguístico.

Diante desses dados obtidos, surgiu a ideia de verificar mais especificamente os processos linguísticos que introduziam as crenças e atitudes dos informantes. Portanto, traçou-se como objetivo a identificação de elementos linguísticos demarcadores de argumentação para posterior análise de quais movimentos eles operam diante da inserção de argumentos favoráveis ou contrários a determinado falante ou língua. Para tanto, optou-se por analisar trechos de inquéritos em que os elementos “já”, “até” e “então” foram utilizados para demarcar crenças e atitudes.

Partindo da hipótese de que o uso desses elementos na fala dos informantes indicaria manobras argumentativas com o objetivo de atenuar suas crenças ou explicitá-las, selecionaram-se 22 enunciados em que houve utilização de um dos operadores analisados. A partir da análise desses enunciados, foi possível confirmar a hipótese, tendo em vista que o desvendamento das crenças e atitudes introduzidas por esses operadores apontaram para a existência de preconceito dos informantes com relação a determinada língua ou falante. A comparação entre respostas que utilizaram o mesmo operador demonstrou que os encadeamentos argumentativos e as crenças acionadas seguem o mesmo padrão quando utilizados os mesmos operadores.

Como o *corpus* produzido pelo Projeto CAL teve por objetivo realizar um levantamento de crenças e atitudes linguísticas para a realização de análise e identificação da influência de variáveis, como sexo, faixa etária e escolaridade, nas respostas apresentadas, a seleção dos informantes para constituição dos inquéritos

se pautou na distribuição de três níveis de faixa etária e de escolaridade, bem como em ambos os sexos. Essa distribuição dos dados possibilitou identificar como se processam as crenças e atitudes linguísticas em cada uma das variáveis selecionadas, buscando verificar se determinada crença é mais comum a uma ou outra faixa etária, nível de escolaridade ou sexo.

No desenvolvimento desta tese, essas variáveis foram identificadas, a fim de verificar se elas também influenciavam no uso dos operadores argumentativos e na apresentação das crenças dos informantes. No entanto, identificou-se que a maioria das inserções de operadores na fala dos informantes não apresentou recorrência em alguma das variáveis selecionadas para constituição do *corpus*. Merece destaque apenas o uso de “já” como demarcador de comparação, que foi utilizado com maior frequência na fala de homens pertencentes à segunda e terceira faixa etária. Como a utilização dessa comparação, no *corpus*, demonstrou um conhecimento dos informantes com relação a línguas, falantes e culturas distintas, pode-se atribuir essa particularidade à experiência que informantes do sexo masculino e com idade mais avançada têm com relação ao outro.

Para a realização da análise e constituição do *corpus* de 22 enunciados desta tese, partiu-se de dados já levantados durante a realização do Projeto CAL. A opção por trabalhar com esse material se deu principalmente pela identificação dos elementos que se pretendia analisar e pela possibilidade de comparação entre as variáveis selecionadas para a realização dos inquéritos. Dessa forma, a metodologia adotada se pautou na realização de uma análise de cunho qualitativo, em que se selecionaram trechos dos inquéritos produzidos, tabulados e disponibilizados por integrantes do Projeto CAL. E, além da análise específica de cada enunciado em que os informantes utilizaram os operadores selecionados, buscou-se apresentar uma análise comparativa dos movimentos argumentativos acionados e das crenças ativadas com o uso de “já”, “até” e “então”.

O escopo teórico selecionado para a averiguação dos processos argumentativos desencadeados no *corpus* em questão possibilitou uma análise fundamentada tanto nos princípios da Semântica Argumentativa como no campo de estudo das crenças e atitudes linguísticas. A associação realizada entre as propostas teóricas das duas áreas culminou na identificação de um dos processos de constituição de crenças e atitudes linguísticas, pautada no uso de elementos que inserem pontos de vista, demarcam contrastes e apontam posicionamentos não

muito explícitos dos informantes. Também no campo teórico, destaca-se a relevância da inserção de alguns elementos da conversação, como a preservação da face e a noção de marcador conversacional, que, por vezes, aproximou-se e até se confundiu com a classificação dos elementos selecionados como operadores argumentativos.

Assim, a partir da proposta inicial de discutir teoricamente a questão das crenças e atitudes linguísticas, relacionando-a ao uso de operadores argumentativos para posterior análise, foi possível identificar como essas áreas podem se complementar e apresentar resultados que demarcam a existência de elementos que são acionados em uma construção comum e com significado similar para informantes distintos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Cândido Ferreira de. Colônia Militar de Foz do Iguaçu - 1905. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*, Curitiba, v. 22, p. 119-127, 1974.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, 2008, p. 105-112.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. “*As cidades trigêmeas*”: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ANTONIO, Juliano Desiderato. ALVES, Deise Vieira dos Santos. Relações retóricas sinalizadas pelo marcador *então* em elocuições formais. *Veredas On-line*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 173-197, 2013.

BAIÃO, Rosaura de Barros; ARRUDA, Julia. Gramaticalização de *até*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <[http://www.discursioegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao\\_livro\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.discursioegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. *Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística*. 2002. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BARBOSA, Gabriela de Campos. Atitudes em fronteira: o caso de Tabatinga e Letícia. *Forma y Función*, Bogotá, n. 21, p. 303-324, 2008.

BELLINGIERI, Julio Cesar. A economia no período militar (1964-1984): crescimento com endividamento. *Revista Hispeci & Lema*. Bebedouro, SP, v. 8, 2005. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/9/16042010171928.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BEM, Daryl Jay. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. São Paulo: EPU, 1973.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomenegui. *Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas*. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes lingüísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. 2000. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes, 2007.

BLANCO CANALES, Ana. *Estúdio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Alcalá, 2004.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. *Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR: Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/10382/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

BRASIL. *Decreto Legislativo n. 23, de 30 de maio de 1973*. Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná. Senado Federal, 30 mai. 1973. Disponível em: <[http://www.aneel.gov.br/arquivos/PDF/dlg1973023\\_IATIPU.pdf](http://www.aneel.gov.br/arquivos/PDF/dlg1973023_IATIPU.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística – uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Londrina: Eduel, 2014.

CARUSO, Raimundo C. *Desafios de Foz do Iguaçu: educação, saúde, segurança*. [S. l.]: [s. n.], 2011.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CURY, Mauro José Ferreira; FRAGA, Nilson Cesar. Conturbação transfronteiriça e o turismo na tríplice fronteira: Foz do Iguaçu (Br), Ciudad del Este (Py) e Puerto Iguazú (Ar). *Revista Rosa dos Ventos*. v. 5, n. 3, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/download/2253/1385>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DUCROT, Oswald. As escalas argumentativas. In: \_\_\_\_\_. *Provar e dizer*. leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Coesão e coerência no texto falado. In: FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FENNER, Any Lamb. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato de duas comunidades do oeste paranaense*. 2013. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2013.

FRASER, Bruce. What are discourse markers?. *Journal of Pragmatics*, Boston, v. 31, p. 931-952, 1999.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *ReVEL*, v. 7, n. 13, p. 01-15, 2009.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 13, ano 7, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/guedelha.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ITAIPU BINACIONAL. *Nossa história: Desafio humano. Desafio energético. Desafio diplomático*. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Turismo*. Disponível em: <<https://www.turismoitaipu.com.br/>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

KINZLER, Ademir Luis; KOEFENDER, Beatriz; ORLANDI, Marines. Tríplice Fronteira e os Aspectos Culturais. In: SOUZA, Edson Belo Clemente de Souza. *Relatório de Trabalho de Campo da Disciplina de Região e Fronteira* (Mestrado em Geografia/Campus de Mal. C. Rondon). 2011. Disponível em: <[http://200.201.88.199/portaapos/media/File/GeografiaMCR/relatorio\\_trabalho\\_profesor\\_edson\\_belo.pdf](http://200.201.88.199/portaapos/media/File/GeografiaMCR/relatorio_trabalho_profesor_edson_belo.pdf)>. Acesso em: 04 fev. 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

LABOV, William. *Princípios del cambio lingüístico*. v. 2: factores sociales. Madrid: Gredos, 1994.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LIMA, Perci. *Foz do Iguaçu e sua história*. [S. l.]: [s. n.], 2001.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.

LYRA, Luciana de Castro. *Uso de marcadores discursivos na fala de indivíduos com Síndrome de Asperger*. 2007. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <[http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao\\_livro\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; RODRIGUES, Lucilene. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <[http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao\\_livro\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues da. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <[http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao\\_livro\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <[http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao\\_livro\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAIS, Maria da Felicidade Araújo. Elementos para uma descrição semântico-pragmática do marcador discursivo “já agora”. In: SILVA, Augusto Santos; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, vol. II. Coimbra: Almedina, 2004. Disponível em: <[www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/mfam/2003\\_mfmorais.pdf](http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/mfam/2003_mfmorais.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2014.

MORALIS, Edileusa Gimenes. Dialeto em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas. *AVEPALAVRA: Revista de Letra*. Alto Araguaia-MT, n. 2, p. 47-67, 2003.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. *Patrimônio geológico em unidades de conservação: atividades interpretativas, educativas e geoturísticas*. 2008. 385 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

NASCIMENTO, Wagner Cipriano do. *As relações de poder no contexto político-econômico de Foz do Iguaçu/PR*. 2010. 232 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; ESSELIN, Paulo Marcos. Pontes de integração e subsunção entre Brasil e Paraguai. *Anais II Taller*. Assunção, mai. 2009. Disponível em: <[http://paraguay.socials.uba.ar/files/2011/08/P\\_machado\\_2009.pdf](http://paraguay.socials.uba.ar/files/2011/08/P_machado_2009.pdf)> Acesso em: 13 fev. 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. *Bacias hidrográficas do Paraná*. Curitiba: SEMA, 2010. Disponível em: <[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista\\_Bacias\\_Hidrograficas\\_do\\_Parana.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista_Bacias_Hidrograficas_do_Parana.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

PASTORELLI, Daniele Silva. *Crenças e atitudes na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000163357>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

PENHAVEL, Eduardo. Sobre as funções dos marcadores discursivos. *Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 1296-1301, 2005.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre a questão da gramaticalização de Marcadores Discursivos. *e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v. 4, n. 2, especial, p. 69-82, 2013.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição – a gênese de Cascavel*. Cascavel: Edunioeste, 2013.

PMFI. *Radiografia socioeconômica de Foz do Iguaçu 2009*. Foz do Iguaçu: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu – Cadastro Social/Departamento de Informações Institucionais, 2009. Disponível em: <<http://www.pmf.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=9870>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

PRIORI, Angelo et al. A história do Oeste Paranaense. In: PRIORI, Angelo et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Memórias do Concreto – vozes na construção de Itaipu*. Cascavel: Edunioeste, 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de letras da UFF: preconceito linguístico e cânone literário*, Niterói, v. 36. p. 45 - 56, 2008.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática – teoria e prática*. 8. ed. São Paulo: Atual, 1986.

SANTANA, Vanessa Raini de. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu*. 2012. 284 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

SANTOS, Maria Elena Pires. As práticas discursivas como lugar de construção e (in)visibilização de identidades. In: SILVA, Regina Coeli Machado e; SANTOS, Maria Elena Pires (Orgs.). *Cenários em perspectiva: diversidades na tríplice fronteira*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

SANTOS, Natália Cabral dos. Intelectuais, construção da nacionalidade e Estado Novo. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., Rio de Janeiro, 2014. *Anais...* Rio de Janeiro: Anpuh, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400122258\\_ARQUIVO\\_Intelectuais,construcaodanacionalidadeeEstadoNovoANPUH.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400122258_ARQUIVO_Intelectuais,construcaodanacionalidadeeEstadoNovoANPUH.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. A escola normal no Paraná na Reforma de Prieto Martinez (1920): a base sólida da reforma racional do ensino. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., Vitória, 2011, *Anais...* Vitória: [s.n.], 2011. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/conteudo/file/1188.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/1188.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, Helen Cristina. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert*. 2010. 71 f. Monografia (Pós-Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SILVA, Regina Coeli Machado e. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 357-373, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Entre fronteiras: imigração e identidade de grupos árabes em Foz do Iguaçu. In: SILVA, Regina Coeli Machado e; SANTOS, Maria Elena Pires (Orgs.). *Cenários em perspectiva: diversidades na tríplice fronteira*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000162645>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

\_\_\_\_\_; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes: um estudo sociolinguístico na cidade de Pranchita/PR. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 85-108, 1º sem., 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5101>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SOUZA, Jocyare Cristina Pereira de. *Nas Letras de São Thomé: uma análise semântica histórico-enunciativa dos nomes de estabelecimentos comerciais de São Thomé das Letras*. 2005. 200 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000365931>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TAVARES, Marilze; SANTOS, Ludoviko Carnaciali. Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados – MS. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 44, p. 117-134, 2012.

TÖWS, Ricardo Luiz. *O processo de verticalização de Londrina e de Maringá (PR) Brasil: o estado e o capital imobiliário na produção do espaço*. 2010. 265 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010. Disponível em: <<http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/dissertacoes-1/2011/RicardoLuizTows.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

VON BORSTEL, Clarice. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch*. São Carlos: Pedro & João, 2011.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste-paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1982.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ZATTI, Carlos. *O Paraná e o Paranismo*. Curitiba: Progressiva, 2006.